

THE Globe

Globen • Le Globe
El Globo • O Globo • विश्व

WORLD'S CHILDREN'S PRIZE MAGAZINE #60/61 2015

VOTE! RÖSTA!
¡VOTA! मत
वाक्कनिप्पीं رای دهید
ဆန္ဒမဲထည့်ခြင်း!
တီထာန့်တီဖး!
චූචූචූ! !: ووت
صوت! ووت!
HÃY BẦU!



WORLD'S CHILDREN'S
PRIZE FOR THE RIGHTS
OF THE CHILD

PRIX DES ENFANTS
DU MONDE POUR LES
DROITS DE L'ENFANT

PREMIO DE LOS NIÑOS
DEL MUNDO POR LOS
DERECHOS DEL NIÑO

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO
MUNDO PELOS DIREITOS
DA CRIANÇA

बाल अधिकारों हेतु
विश्व बाल पुरस्कार

Olá! A revista O Globo é para você e todos os outros jovens que participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Aqui você vai conhecer amigos de todo o mundo, aprender sobre seus direitos e receber dicas de como o mundo pode ser um pouco melhor!

World's Child for the Rights of the



A menina na capa da revista O Globo, Noémia, 12, foi treinada e empoderada como embaixadora dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo. Ela segura o globo do Prêmio das Crianças do Mundo com o qual ela e as outras embaixadoras dos direitos da criança em Moçambique foram homenageadas.

Diretor de redação e editor responsável: Magnus Bergmar

Colaboradores nº 60–61: Carmilla Floyd, Kim Naylor, Joseph Rodriguez, Johanna Hallin, Evelina Fredriksson, Alexandra Ellis, Andreas Lönn, Johan Bjerke, Eva-Pia Worland, Marlene Winberg, Shen Winberg, Christiane Sampaio, Sofia Marcetic, Jan-Åke Winqvist

Tradução: Semantix (inglês, espanhol), Cinzia Gueniat (francês), Glenda Kölbrant (português), Preeti Shankar (hindu) **Editoração & reprodução:** Fidelity Foto da capa: Johan Bjerke

Impressão: PunaMusta Oy

ren's Prize

Child

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO
pelos Direitos da Criança



ÍNDIA
PAQUISTÃO
NEPAL
BANGLADESH
BIRMÂNIA/MIANMAR
FILIPINAS
CAMBOJA

As pessoas
que estão nesta
edição de
O Globo vivem
nesses países:

O que é o Prêmio das Crianças do Mundo?	4
Conheça as crianças do júri!	6
A história de Ndale	10
O que são os direitos da criança?	12
Como estão as crianças no mundo?	14
Votação Mundial ao redor do planeta	16
Junte-se a nós em Uganda e outros países onde as crianças votam por seus direitos!	
O caminho para a democracia	28
Heróis dos Direitos da Criança deste ano	
Phymean Noun, Camboja.....	32
Javier Stauring, EUA.....	52
Kailash Satyarthi, Índia.....	72
Lute pelos direitos das meninas	93
Conheça as embaixadoras dos direitos da criança na República Democrática do Congo, Moçambique e Nepal que trabalham pela igualdade de direitos das meninas.	
Banda musical pelos direitos da criança	112
Apoie o Prêmio das Crianças do Mundo	113
Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo	114
Cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo	115

World's Children's Prize Foundation
Box 150, 647 24 Mariefred, Suécia
Tel. + 46-159-12900 Fax + 46-159-10860
info@worldschildrensprize.org
www.worldschildrensprize.org
facebook.com/worldschildrensprize
twitter.com/worldschildrensprize



O que é o Prêmio das Crianças

Através do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, você e outras crianças ao redor do mundo aprendem sobre seus direitos e a democracia, e exigem que os direitos da criança sejam respeitados. Todos os anos, três fantásticos heróis dos direitos da criança são nomeados ao Prêmio das Crianças do Mundo, o único prêmio dos direitos da criança, distribuído pelas próprias crianças.

Os candidatos ao prêmio e as crianças por quem eles lutam são apresentados a você e a milhões de outras crianças. O programa do Prêmio das Crianças do Mundo termina com o voto em seu herói dos direitos da criança, na Votação Mundial. O maior número de votantes em um ano foi de 7,1 milhões de crianças.

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo 2015 começa em 25 de fevereiro e vai até 5 de outubro.

A grande revelação!

No mesmo dia em todo o mundo, as crianças realizam suas próprias conferências de imprensa. Elas revelam qual dos três candidatos foi escolhido, pelo voto de milhões de crianças, para receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança, e quais dois candidatos receberão o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo. Convidem a mídia local para uma Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa, ou reúnam toda a escola e divulguem o resultado da votação. Aproveitem para discutir que progressos gostariam de ver no respeito aos direitos da criança.

(Página 112)

1

Abertura do Prêmio das Crianças do Mundo 2015

O lançamento acontece quando os três candidatos ao prêmio deste ano, heróis dos direitos da criança que fizeram contribuições extraordinárias para crianças vulneráveis, são apresentados. Vocês decidem quando começar seu trabalho no programa deste ano. Muitas escolas começam por organizar sua própria cerimônia de abertura.

5

Dia da Eleição – Dia da Votação Mundial

Votem primeiro e depois celebrem com uma festa e apresentações culturais! Lembrem-se de informar o resultado da votação de sua escola ao ponto focal do Prêmio das Crianças do Mundo em seu país (caso não haja um, façam-no através da urna disponível na nossa página na internet).

6

Veja ouça e fale!

[youtube.com/worldschildrensprize](https://www.youtube.com/worldschildrensprize)
[facebook.com/worldschildrensprize](https://www.facebook.com/worldschildrensprize)
twitter.com/wcpfoundation
[Instagram.com/worldschildrensprize](https://www.instagram.com/worldschildrensprize)
www.worldschildrensprize.org

anças do Mundo?

2



Direitos e democracia em sua vida

Descubram se a Convenção sobre os Direitos da Criança é respeitada onde você vive, na família, na escola e em seu país. Leiam o folheto informativo sobre os direitos da criança em seu país (que acompanha a revista O Globo ou pode ser baixado da web) e sobre a história da democracia na revista O Globo. Discutam como as coisas poderiam melhorar para as crianças em seu país. Por exemplo, vocês conseguem ser ouvidas em questões que afetam você e seus amigos? Contem a outros estudantes, pais, professores, políticos e os meios de comunicação. Vocês também podem fundar um clube dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo na sua escola. (Páginas 12–13, 28–30)



O grande final!

A grande cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo é conduzida pelas crianças do júri no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Todos os três heróis dos direitos da criança são homenageados e recebem recursos em dinheiro para seu trabalho em prol das crianças (um total de 100.000 dólares americanos). A Rainha Silvia da Suécia ajuda as crianças do júri a entregar os prêmios. Muitas escolas depois organizam uma festa de encerramento, onde mostram o filme da cerimônia e celebram os direitos da criança. (Páginas 114–115)

7



3

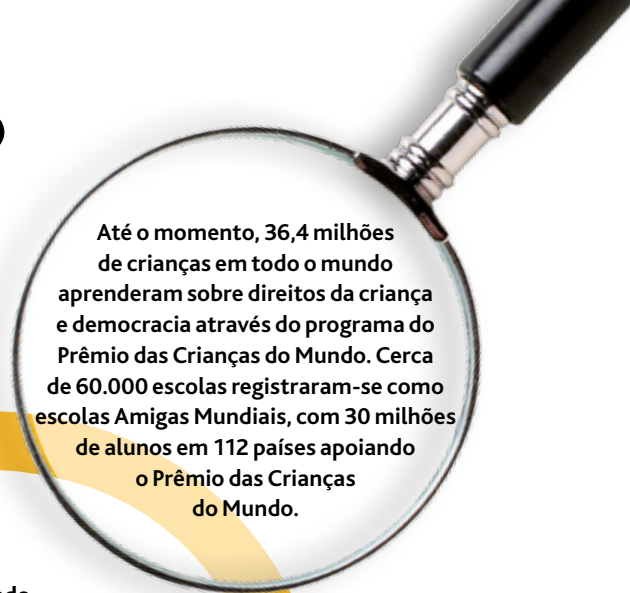
Os direitos da criança no mundo

Os direitos da criança aplicam-se a todas as crianças, por toda a parte. Aprenda mais lendo sobre as crianças do júri, os heróis dos direitos da criança, as embaixadoras dos direitos da criança pelos direitos das meninas e as crianças pelas quais eles lutam. Descubra também como as crianças do mundo realmente se sentem hoje. (Páginas 6–11, 14–15, 32–92, 93–111)

4

Preparem sua votação mundial

Marquem a data da sua votação e organizem todos os detalhes para a realização de uma eleição democrática. Escolham mesários, apuradores de votos e fiscais eleitorais e confeccionem urnas eleitorais, cédulas eleitorais e cabines de votação. Convidem a mídia, pais e políticos para vivenciar seu Dia da Votação Mundial. (Páginas 16–27)



Até o momento, 36,4 milhões de crianças em todo o mundo aprenderam sobre direitos da criança e democracia através do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Cerca de 60.000 escolas registraram-se como escolas Amigas Mundiais, com 30 milhões de alunos em 112 países apoiando o Prêmio das Crianças do Mundo.

Eu exijo respeito aos direitos da criança!



Limite de idade para o Prêmio das Crianças do Mundo

O Prêmio das Crianças do Mundo é para crianças de dez anos até o ano em que completam 18. A Convenção dos Direitos da Criança da ONU, que diz que você é criança até completar 18 anos. Há vários motivos que justificam a idade mínima para participação no programa: para votar na Votação Mundial, é necessário ler atentamente sobre o trabalho dos candidatos ao prêmio. As crianças pelas quais eles lutam geralmente foram submetidas a violações terríveis de seus direitos, e suas histórias de vida podem ser assustadoras para crianças pequenas. Essa leitura pode ser difícil mesmo para crianças mais velhas. Portanto, é importante que você possa dialogar com um adulto a respeito após ler as histórias.





Conheça as crianças do júri

Os membros do Júri Infantil do Prêmio das Crianças do Mundo são especialistas em direitos da criança através de suas próprias experiências. Cada membro do júri representa, em primeiro lugar, todas as crianças do mundo com experiências semelhantes às suas. Eles também representam as crianças de seu país e continente. Sempre que possível, o júri inclui crianças de todos os continentes e das principais religiões.

- ♥ As crianças do júri compartilham suas histórias de vida e quais de seus direitos como criança foram violados ou por quais desses direitos lutam. Desta forma, ensinam a milhões de crianças de todo o mundo sobre os direitos da criança. Elas podem participar do júri até o fim do ano em que completam 18 anos.
- ♥ Todos os anos, o júri infantil seleciona os três nomeados ao Prêmio das Crianças do Mundo, entre todos os indicados durante o ano.

- ♥ Os membros do júri são embaixadores do Prêmio das Crianças do Mundo em seus países e pelo mundo.
- ♥ O júri infantil conduz a cerimônia anual de encerramento do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, a grande cerimônia de premiação. Durante essa semana, os membros do júri visitam escolas na Suécia e conversam sobre suas experiências de vida e os direitos da criança.

No site www.worldschildrensprize.org você encontra versões mais longas das histórias de alguns membros do júri.



Uma selfie do júri com a cantora e patrona do WCP, Loreen.



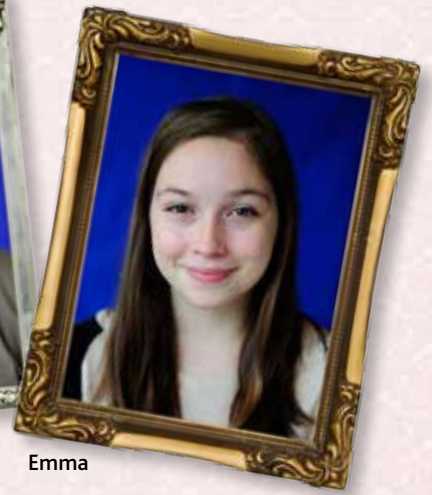
Payal



Jhonn Nara



Ndale



Emma

♥ PAYAL JANGID, 14

Índia

Representa crianças pobres que lutam por seus direitos e contra o trabalho e o casamento infantil.

Payal vive em uma aldeia pobre no Rajastão, uma região da Índia, onde muitos vivem em situação de pobreza e as meninas muitas vezes são forçadas ao casamento infantil. Mas Payal é líder do Parlamento Infantil de sua aldeia e luta por mudanças. Junto com os líderes adultos, ela e outras crianças trabalham para que a aldeia seja amigável para crianças.

– Visitamos as casas das crianças e explicamos aos seus pais porque a escola é importante. Nós também dizemos aos pais para não bater em seus filhos ou esposas. Se eles forem amáveis, será melhor para todos, diz Payal, que sonha ser professora em sua própria aldeia.

♥ JHONN NARA, 14

Brasil

Representa crianças pertencentes a povos autóctones e luta por seus direitos, assim como das crianças que têm seus direitos violados por causa de abuso, discriminação e degradação ambiental.

Jhonn Nara nasceu na Amazônia brasileira. Ela é uma das líderes mais jovens da população autóctone do povo Guarani. No passado, eles viviam no meio da selva, mas hoje a floresta está devastada e foi substituída por grandes fazendas de gado e indústrias que destroem a natureza, despejando substâncias químicas tóxicas e água poluída.

Jhonn Nara e seu povo foram expulsos de suas aldeias. Agora eles se amontoam em um acampamento perto da estrada, onde não podem pescar ou caçar. A miséria faz com que os adultos bebam, usem drogas e briguem. Jhonn Nara já foi espancada por um padrasto violento.

Quando ela tinha 10 anos, 40 homens mascarados foram à sua aldeia e assassinaram seu avô, um dos líderes do povo.

– Quando protestamos contra as injustiças, somos ameaçados, abusados e mortos. Querem nos exterminar, mas nós nunca desistimos, diz Jhonn Nara.

♥ NDALE NYENGELA, 17

República Democrática do Congo

Representa crianças-soldado e crianças em conflitos armados.

Aos 11 anos, Ndale ia para a escola, quando foi sequestrado e obrigado a se tornar criança-soldado.

– Caminhamos por três dias sem comer ou dormir. Quando andávamos devagar, eles nos chutavam e gritavam. Mais tarde, quando havíamos aprendido a lidar com armas, disseram que agora devíamos aprender a matar pessoas.

Um dia, nos escondemos na floresta, perto de uma estrada. Alguém começou a atirar. Pessoas caíram mortas ao meu lado. Senti-me completamente dominado pela sensação de medo. Quando tentei me afastar, os outros soldados me empurraram e disseram: “Se seu amigo morrer, não se preocupe, apenas passe por cima dele! É seu dever!”

Depois de três anos, Ndale conseguiu fugir. Ele recebeu ajuda da BVES para processar suas experiências e começar a frequentar a escola.

– Fiquei muito feliz e minha vida recomeçou. Quando terminar os estudos, quero fazer música sobre como é a vida no exército e sobre os direitos da criança. Quero garantir que crianças não sejam usadas como soldados. Todos os adultos devem se lembrar de que também já foram crianças.

♥ EMMA MOGUS, 16

Canadá

Representa crianças que lutam pela igualdade de direitos de todas as crianças, especialmente pelas crianças pertencentes a povos autóctones.

Quando Emma tinha nove anos, ela descobriu que as crianças do povo autóctone do Canadá, comumente chamado de Primeiro Povo do Mundo eram tratados de forma injusta. Muitas viviam na miséria, e não tinham acesso a boas escolas ou livros para ler. Emma e sua irmã mais velha, Julia, começaram uma campanha. Elas escreveram cartas convidando a mídia e os políticos, e fizeram um discurso dizendo que as crianças dos povos autóctones devem ter os mesmos direitos que as outras crianças canadenses. Elas também começaram a recolher livros, que foram enviados às crianças que não tinham nada para ler. Hoje, Emma e sua irmã dirigem sua própria organização, que luta pelo direito à educação e à leitura, e já enviaram mais de 60.000 livros para crianças carentes.



O júri infantil com a Rainha Silvia, da Suécia, e o primeiro-ministro sueco, a ministra do desenvolvimento e a ministra da infância.





Brianna



Mae



Liv



Nuzhat



Netta

♥ BRIANNA AUDINETT, 17 EUA

Representa as crianças sem-teto e crianças que lutam pelas crianças sem-teto.

Quando Brianna tinha onze anos, sua mãe abandonou seu violento pai. Brianna e seus três irmãos tornaram-se sem-teto em Los Angeles. Eles se mudavam com frequência e às vezes ficavam em motéis, embora a estadia de cinco pessoas em um único quarto fosse proibida. Eventualmente, conseguiram vaga em um abrigo, onde dormiam em beliches num dormitório com outros sem-teto durante meses. Eles tinham que ficar sempre quietos e quase não podiam brincar. Porém, em frente ao abrigo, eles encontraram uma organização, onde Brianna e seus irmãos tinham um lugar para brincar, e recebiam material escolar e ajuda para fazer o dever de casa.

– Quero ser médica quando crescer, e ajudar principalmente as pessoas sem-teto. Elas não têm nenhum dinheiro, mas eu as ajudarei mesmo assim, conta Brianna. Ela finalmente conseguiu um lugar para morar com sua família e fundou sua própria organização, que luta pelas crianças sem-teto.

♥ MAE SEGOVIA, 16 Filipinas

Representa crianças abusadas no comércio sexual e crianças que lutam contra o tráfico humano e os abusos.

Quando tinha nove anos, Mae foi forçada a abandonar a escola e começar a trabalhar para ajudar a sustentar sua família. Ela tinha que dançar e se despir diante de uma câmera em um Internet café. As imagens eram transmitidas em todo o mundo através da Internet. Levou dois anos para o proprietário que abusava de Mae ser pego pela polícia. Agora, ele e muitos dos que assistiam às imagens estão na prisão, mas Mae não poderia

mais viver com sua família. Havia o risco de que ela ficasse em apuros novamente devido à pobreza. Hoje, ela mora em um lar seguro para meninas vulneráveis. Ela vai à escola e luta por outras meninas que são vítimas de abuso.

– Sinto falta da minha família, mas amo a escola e estou melhor aqui, diz Mae.

♥ LIV KJELLBERG, 16 Suécia

Representa crianças vítimas de assédio moral e crianças que lutam contra o assédio moral.

– Começa com provocações por algum motivo, como usar as roupas erradas, ser tímido ou não se parecer com todos os outros. E depois simplesmente continua, com empurrões e coisas assim, e só piora cada vez mais, diz Liv. Logo nos primeiros anos da escola, ela foi excluída do grupo das meninas. Ela se sentava sozinha no refeitório e era submetida a assédio moral e cutucões.

– Os professores nem sempre sabem o que está acontecendo entre os alunos, e quando você começa a ser intimidado, provavelmente não diz nada. Você pensa que amanhã provavelmente será melhor e que poderá ficar junto com os outros.

A própria Liv cuidou da questão e levantou dinheiro para poder trabalhar contra o assédio moral em sua escola.

– Agora é divertido na sala de aula e ninguém pratica assédio moral. E tenho muitos bons amigos na escola, diz Liv.

♥ NUZHAT TABASSUM PROMI, 17

Bangladesh

Representa crianças que têm seus direitos violados como resultado de desastres naturais e degradação ambiental.

– Se o nível do mar subir um metro, a parte sul de Bangladesh, onde eu moro, ficará

submersa. Penso nisso com frequência. O aquecimento global está causando o derretimento do gelo ao redor dos polos e do Himalaia, o que significa que somos mais atingidos por ciclones e inundações. No caminho para a escola, no dia seguinte ao megaciclone, havia mortos e feridos por toda parte, diz Nuzhat. Ela vive em uma pequena cidade no sul de Bangladesh que está muito exposta a desastres naturais.

– Ciclones, tempestades muito poderosas, atingem Bangladesh todos os anos. O país está bem preparado e tem um bom sistema de alerta de ciclone. A pior coisa que me aconteceu na vida foi quando pensei que minha escola havia sido destruída pelo megaciclone.

♥ NETTA ALEXANDRI, 15 Israel

Representa crianças em zonas de conflito e crianças que querem o diálogo pela paz.

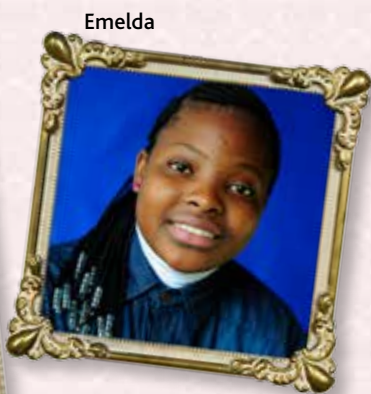
– Lembro-me da guerra que estava em curso quando eu era pequena. Meus pais estavam tão preocupados que algo pudesse acontecer comigo e com minha irmã que nos mandaram ficar com as minhas tias. Não pudemos vê-los por um longo tempo. Foi assustador. Eu e minha irmã estávamos muito preocupadas e apavoradas. Nós não entendíamos o que estava acontecendo, porque não podíamos ficar em casa! Lembro-me de pensar: não quero morrer. Não quero deixar minha casa.

Netta acredita que o diálogo – conversar uns com os outros – é o melhor caminho para alcançar a paz.

– Conversar uns com os outros realmente é a única maneira! É importante que as crianças conheçam os seus direitos, para que ninguém possa tirá-los de nós.



Hamoodi



Emelda



Kewal



Manchala

♥ HAMOODI ELSALAMEEN, 17

Palestina

Representa crianças em zonas de conflito, crianças que vivem em territórios ocupados e que participam do diálogo pela paz.

Hamoodi vive em uma aldeia pobre ao sul de Hebron, na Cisjordânia, território ocupado por Israel.

– Uma noite, os soldados israelenses vieram em tanques de guerra à nossa aldeia. Pelo alto-falante, ordenaram que todos acendessem as luzes e depois dispararam em todas as direções. Três pessoas foram mortas.

Aos cinco anos de idade, quando lhe contaram que um garotinho havia sido morto, Hamoodi disse: “Quero uma arma!”. Entretanto, ele agora participa do diálogo pela paz. Hamoodi tem amigos judeus e joga futebol com eles várias vezes por mês em Israel.

– Gosto de jogar futebol, mas não temos lugar para jogar aqui na aldeia. Costumamos jogar em um campo distante daqui, mas quando os soldados israelenses chegam para prender alguém, eles nos levam para longe. Isso acaba com a diversão, diz Hamoodi.

♥ EMELDA ZAMAMBO, 16

Moçambique

Representa crianças sem-teto e crianças que lutam pelos direitos das crianças pobres.

Quando Emelda tinha seis anos, seu pai foi morto a tiros por ladrões. Alguns meses mais tarde, sua mãe morreu de malária.

– Eu não achava que nada voltaria a ser bom. Tive muito medo de ficar sozinha e acabar na rua. Porém, apesar de todas as coisas terríveis que aconteceram, tive uma sorte incrível.

Emelda pôde ir morar na casa de seus parentes. Ela tem alimento, roupas e a oportunidade de ir à escola.

– Acima de tudo, tenho uma família que me ama.

Emelda queria ajudar outras crianças, e fundou sua própria escola em casa para crianças que, de outra forma, não teriam a oportunidade de obter educação. Durante a tarde, Emelda as ensina a ler, escrever e contar.

♥ KEWAL RAM, 17

Paquistão

Representa trabalhadores infantis, crianças escravas por dívida criança e crianças que “não existem” porque ninguém registrou seu nascimento.

Quando Kewal tinha oito anos, sua mãe ficou gravemente doente. Para comprar medicamentos, o pai de Kewal emprestou dinheiro de um homem que possuía teares de tapete.

– A condição era que alguém da família trabalharia para saldar a dívida e, como eu era o mais velho, tive que trabalhar em uma fábrica de tapetes. Foi uma época horrível. Eu não recebia quase nada para comer, e a dívida nunca diminuía, não importava quão duro eu trabalhasse. Depois de três anos, eu consegui fugir. Minha família convenceu o proprietário dos teares de que eu deveria trabalhar na aldeia, para que pudesse ir à escola no período da manhã.

Todos os dias depois das aulas, Kewal sentava-se no tear até que estivesse tão escuro que ele não conseguia mais enxergar para tecer e, aos domingos, trabalhava o dia todo. Ele trabalhava pelo menos 40 horas por semana, mas nunca recebia nenhum dinheiro por seu trabalho. Metade do salário ficava com o dono da fábrica, e a outra metade ia para pagar outras dívidas com comerciantes da aldeia vizinha. Mas quando Kewal tinha

14 anos, seu tio assumiu a responsabilidade de trabalhar no tear, e ele pode começar a estudar em período integral.

– Meu sonho é ser médico um dia, diz ele.

♥ MANCHALA, 16

Nepal

Representa crianças exploradas pelo tráfico humano e crianças vítimas de abuso sexual.

Manchala cresceu sem a mãe, mas estava perto de sua avó, que lhe deu muito amor.

– Minha avó morreu quando eu tinha 13 anos. Logo abandonei a escola e comecei a trabalhar; primeiro em uma fábrica de chá e, mais tarde, em uma pedreira. Eu sempre sonhei com algo melhor.

Um dia, Manchala conheceu dois homens que prometeram arrumar um bom emprego com alto salário para ela no país vizinho, Índia. Mas, em vez disso, eles venderam Manchala como empregada doméstica para uma residência particular. Ela trabalhava duro, mas não recebia salário e era mantida presa.

A pior parte foi que um dos homens que venderam Manchala começou a visitar e estuprá-la. Isso aconteceu várias vezes, durante um longo tempo. No final, Manchala conseguiu escapar e o homem foi preso pela polícia. Mas então Manchala foi ameaçada pelos amigos e parentes do homem, que a perseguiam e ameaçavam matá-la, e teve que buscar proteção. Hoje ela mora em um lar para meninas vulneráveis no Nepal e voltou para a escola.

– Eu ensino a outras crianças que elas têm direitos e as alerto para que não sejam enganadas por traficantes de pessoas.



INDALE

A HISTÓRIA DE UMA CRIANÇA SOLDADO



ERA UM DIA NORMAL. ESTÁVAMOS ATRASADOS PARA A ESCOLA E TOMAMOS UM ATALHO PELA FLORESTA.

DE REPENTE, FOMOS PARADOS POR DOIS SOLDADOS.



PRECISAMOS DE MAIS SOLDADOS, ENTÃO VOCÊS VÊM CONOSCO!



MAS ESTAMOS A CAMINHO DA ESCOLA...



SE VOCÊ SE RECUSAR, ATIRAREMOS EM VOCÊ!



CAMINHAMOS POR TRÊS DIAS, SEM PODER COMER OU BEBER.

ELES QUEIMARAM NOSSOS UNIFORMES ESCOLARES...



E NOS DERAM UNIFORMES DE SOLDADO.



ENSINARAM-NOS A MATAR PESSOAS.

UMA NOITE, NOS MANDARAM PARA A BATALHA. NÓS, CRIANÇAS, TÍNHAMOS QUE IR À FRENTE.



OLVIMOS TIROS. EU TENTEI ME ESCONDER.



DOIS DE MEUS AMIGOS DE ESCOLA FORAM MORTOS NAQUELA NOITE.



FUI SOLDADO DURANTE TRÊS ANOS DA MINHA VIDA.



NO FINAL, UMA NOITE, CONSEGUIMOS ESCAPAR.

FOMOS PARA UM CENTRO PARA CRIANÇAS-SOLDADO LIBERTADAS.



O PROGRAMA DO PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO ME ENSINOU SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. AGORA POSSO EXIGIR QUE OS MEUS DIREITOS SEJAM RESPEITADOS, E ENSINAR AOS OUTROS QUAIS SÃO SEUS DIREITOS.



VEJA O FILME COM A HISTÓRIA DE NDALE EM WORLDSCILDRENSPRIZE.ORG/NDALenyengela





Celebre

A Convenção dos Direitos da Criança da ONU reúne uma ampla gama de direitos que se aplicam a todas as crianças do mundo. Nós apresentamos uma versão resumida aqui. Leia a Convenção na íntegra em: www.worldschildrensprize.org.

Princípios Básicos da Convenção:

- Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos.
- Toda criança tem direito a ter suas necessidades básicas atendidas.
- Toda criança tem direito à proteção contra abusos e exploração.
- Toda criança tem direito de expressar suas ideias e ser respeitada.

O que é uma convenção?

Uma *convenção* é um acordo internacional, um contrato entre países. A Convenção dos Direitos da Criança é uma das seis convenções sobre direitos humanos da ONU.

O direito de reclamar!

Um novo protocolo à Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança afirma que crianças cujos direitos tenham sido violados podem enviar queixas diretamente ao Comitê da ONU sobre os Direitos da Criança, se não tiverem recebido auxílio e reabilitação de seu próprio país. Isso aumenta a pressão sobre os países do mundo para que levem os direitos da criança a sério. Desta forma, crianças dos países que ratificaram o protocolo obtiveram melhores chances de se fazerem ouvir sobre seus direitos. Até agora, 30 países aprovaram o protocolo. Você pode entrar em contato com políticos e exigir que o façam. Conte também sobre o OP3 a todas as pessoas que conhece, para que vocês possam influenciar, juntos, a decisão sobre esse assunto.

Aprenda mais em www.worldschildrensprize.org/op3



Vinte de novembro é um dia de comemoração para todas as crianças do mundo. Em 1989, nesta data, a ONU aprovou a **CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA**, que se destina a você e a todas as crianças menores de 18 anos.

Todos os países, com exceção da EUA e Sudão do Sul, um novo país, ratificaram (se comprometeram a seguir) a convenção da criança. Isso significa que eles são obrigados a levar em consideração os direitos da criança e escutar o que as crianças têm a dizer.

os Direitos

Artigo 1

Estes direitos se aplicam a todas as crianças menores de 18 anos, no mundo inteiro.

Artigo 2

Todas as crianças são iguais. Todas as crianças têm os mesmos direitos e não devem ser discriminadas.

Ninguém deve te maltratar por sua aparência, cor de pele, gênero, idioma, religião e opinião.

Artigo 3

Aqueles que tomam decisões que afetam as crianças devem, antes de tudo, pensar no que é melhor para elas.

Artigo 6

Você tem o direito à vida e a um desenvolvimento saudável.

Artigo 7

Você tem direito a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo 9

Você tem direito a viver com seus pais, desde que isso não seja prejudicial a você. Você tem direito de crescer, se possível, na companhia dos seus pais.

Artigos 12–15

Toda criança tem direito de dizer o que pensa. As crianças devem ser consultadas e sua opinião deve ser respeitada

em todas as decisões que lhe dizem respeito: no lar, na escola, junto às autoridades e nos tribunais.

Artigo 18

Seus pais têm responsabilidade conjunta pela sua educação e desenvolvimento. Eles devem sempre pensar no que é melhor para você.

Artigo 19

Você tem direito à proteção contra toda forma de violência, contra maus-tratos e abusos. Você não pode ser explorado(a) por seus pais ou outros responsáveis pela sua tutela.

Artigos 20–21

Você, que foi privado(a) do convívio familiar, tem direito a receber proteção especial.

Artigo 22

Se você for obrigado(a) a fugir do seu país natal, terá os mesmos direitos que as crianças do país que o(a) receber. Se tiver fugido sozinho(a), terá direito a ajuda especial. Se possível, você será reunido(a) à sua família.

Artigo 23

Toda criança tem direito a uma vida digna. Se você é portador de uma deficiência, tem direito a cuidados especiais.

Artigo 24

Caso fique doente, você tem direito a receber a ajuda e o tratamento médico necessários.

Artigos 28–29

Você tem direito a ir à escola e adquirir conhecimentos importantes, como por exemplo, o respeito pelos direitos humanos e por outras culturas.

Artigo 30

As ideias e crenças de todas as crianças devem ser respeitadas. Você, que faz parte de algum grupo minoritário, tem direito à sua língua, cultura e religião.

Artigo 31

Você tem direito a brincar, a descansar, ao tempo livre e a um ambiente saudável.

Artigo 32

Você não pode ser forçado(a) a realizar trabalhos perigosos e prejudiciais à saúde, ou que prejudiquem seu desempenho escolar.

Artigo 34

Ninguém deve sujeitar você ao abuso ou obrigá-lo(a) a se prostituir. Se você for maltratado(a), tem direito à ajuda e proteção.

Artigo 35

Ninguém tem direito a raptá-o(a) ou vendê-o(a).

Artigo 37

Ninguém deve punir você de forma cruel e humilhante.

Artigo 38

Você nunca deve ser recrutado(a) como soldado e participar de conflito armado.

Artigo 42

Toda criança e adulto deve conhecer a Convenção dos Direitos da Criança. Você tem direito a receber informações e a conhecer os seus direitos.





Como estão as crianças

2,2 BILHÕES DE CRIANÇAS MENORES DE 18 ANOS NO MUNDO

Mais de 80 milhões destas crianças vivem na Estados Unidos e Sudão do Sul, os únicos países que não ratificaram a convenção dos direitos da criança. Todas as outras nações se comprometeram a cumprir e fazer cumprir os direitos da criança, mas violações são comuns em todos os países.

NOME E NACIONALIDADE

Ao nascer, você tem o direito de receber um nome e ser registrado(a) como cidadão de seu país natal.

Todos os anos, 138 milhões de crianças nascem no mundo. Porém, cerca de 48 milhões nunca são registradas. Isso significa que não há nenhum documento que prove sua existência!

CASA, ROUPA, COMIDA E SEGURANÇA

Você tem direito a moradia, alimentação, roupas, educação, atendimento médico e segurança.

Mais de metade das crianças do mundo vivem na pobreza. Cerca de 440 milhões de crianças contam com menos de 1,25 dólar americano por dia para viver.

SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Toda criança tem direito à vida. Os países que ratificaram a Convenção dos Direitos da Criança devem se esforçar ao máximo para que as crianças sobrevivam e se desenvolvam.

Uma em cada 18 crianças do mundo (1 em cada 11 nos países mais pobres) morre antes de completar cinco anos, na maioria das vezes, devido a doenças que poderiam ser evitadas.

SAÚDE E ATENDIMENTO MÉDICO

Você tem direito a uma alimentação saudável, a ter acesso à água potável e receber atendimento médico.

Todos os dias, 18.000 crianças menores de cinco anos morrem (6,6 milhões anualmente) de doenças causadas pela fome, falta de água potável e de assistência médica, e condições inadequadas de higiene. A vacinação contra as doenças infantis mais comuns salva 2-5 milhões de vidas todo ano.

Entretanto, 1 em cada 6 crianças nunca é vacinada. Todos os anos, 2 milhões de crianças morrem de doenças que poderiam ser prevenidas através de vacinas. 35 em cada 100 crianças nos 50 países mais pobres não têm acesso à água limpa. Todos os anos, 1.500 crianças menores de cinco anos morrem de malária diariamente. Apenas 3 em cada 10 crianças com malária recebem tratamento, e somente duas em cada 10 crianças dormem sob mosquiteiros nos países mais pobres, onde a malária existe.

CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

As crianças portadoras de deficiências têm os mesmos direitos que qualquer outra criança. Elas têm o direito de receber apoio e desfrutar de uma vida plena, que possibilite sua participação ativa na comunidade.

As crianças portadoras de necessidades especiais estão entre as mais vulneráveis do mundo. Em muitos países, elas não podem frequentar a escola. Muitas são tratadas como se tivessem menos valor e são escondidas. Há cerca de 200 milhões de crianças com necessidades especiais no mundo.



no mundo?

CRIANÇAS QUE VIVEM NAS RUAS

Você tem o direito de viver em um ambiente seguro. Todas as crianças têm direito à educação, à assistência médica e a um padrão de vida decente.

Aproximadamente 100 milhões de crianças vivem nas ruas. Muitas têm a rua como seu único lar, outras trabalham e passam o dia nas ruas, mas têm famílias para cujas casas retornam ao final do dia.

TRABALHO INFANTIL NOCIVO

Você tem direito de receber proteção contra a exploração econômica e contra o trabalho prejudicial à sua saúde e/ou que o(a) impeça de frequentar a escola. O trabalho é proibido para todas as crianças menores de 12 anos.

Cerca de 264 milhões de crianças trabalham e, para a maioria delas, o trabalho é diretamente prejudicial à saúde, segurança, moral e educação. Cerca de 5,5 milhões estão sujeitas às piores formas de trabalho infantil, como por exemplo, escravidão por dívidas, recrutamento de crianças-soldado e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Todo ano, pelo menos 1,2 milhão de crianças são expostas ao "tráfico", que é o comércio de escravos da atualidade.

CRIME E PUNIÇÃO

A prisão de crianças deve ser sempre o último recurso, e pelo menor tempo possível. Nenhuma criança deve ser submetida à tortura ou qualquer outra forma de tratamento cruel. Crianças que cometem crimes devem receber assistência e ajuda. Crianças não devem ser punidas com prisão perpétua ou pena capital.

Pelo menos 1 milhão de crianças estão em prisões. Crianças presas são frequentemente maltratadas.

CRIANÇAS DE POVOS AUTÓCTONES E MINORIAS

Crianças de grupos minoritários ou de povos autóctones têm direito a ter uma língua, cultura e religião próprias. Povos autóctones são, por exemplo, os índios das Américas, os aborígenes da Austrália e os lapões do norte da Europa.

Os direitos das crianças pertencentes aos povos autóctones e às minorias são frequentemente violados. Seus idiomas não são respeitados, elas são humilhadas e discriminadas. Muitas dessas crianças não têm acesso à assistência médica.

PROTEÇÃO NA GUERRA E NA FUGA

Você tem direito à proteção e assistência humanitária em casos de guerra ou refúgio. Crianças vítimas de conflito e refugiadas têm os mesmos direitos que qualquer outra criança.

Nos últimos 10 anos, pelo menos 2 milhões de crianças morreram em guerras. Seis milhões sofreram lesões físicas graves. Dez milhões de crianças sofreram danos psicológicos graves. Um milhão perderam os pais ou foram separadas deles. Cerca de 250.000 crianças são usadas como soldados, carregadores ou cavadores de minas (todos os anos, mais de mil crianças morrem ou são feridas por minas). Pelo menos 25 milhões de crianças tiveram que fugir de suas casas e países.

ESCOLA E EDUCAÇÃO

Você tem o direito de frequentar a escola. O ensino básico deve ser gratuito para todos.

Mais de 9 em cada 10 crianças no mundo frequentam a escola, mas 58 milhões de crianças não recebem nenhuma educação. Destas, mais de metade são meninas.

PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

Você tem direito à proteção contra qualquer forma de violência, negligência, maus-tratos e abusos.

6 em cada 10 crianças no mundo (quase 1 bilhão) com idade entre 2–14 anos são regularmente expostas a punições corporais e à violência por seus pais ou outros responsáveis. Muitos países permitem punições corporais nas escolas. 43 países no mundo proibiram todas as formas de punição corporal contra as crianças.

A SUA VOZ DEVE SER OUVIDA!

Você tem o direito de dizer o que pensa sobre todas as questões que lhe dizem respeito. Os adultos devem ouvir as opiniões das crianças antes de tomar decisões e sempre considerar o que é melhor para elas.

É esta a situação em seu país e no mundo hoje? Você e as demais crianças do mundo é que podem responder!



Alunos de várias escolas em Beni, no leste da República Democrática do Congo se reuniram para seu Dia da Votação Mundial. No último ano, a área foi submetida a ataques de grupos armados diversas vezes. Muitos foram mortos. Outras crianças foram raptadas e forçadas a tornarem-se crianças-soldados ou escravas sexuais para os soldados.

Hora da Votação Mundial

Você tem o direito de participar da Votação Mundial até o ano em que completa 18 anos. Na Votação Mundial, você participa da decisão sobre quem receberá o *Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2015*.

Assim que começarem a trabalhar com o programa do Prêmio das Crianças do Mundo deste ano, é importante marcar a data da sua eleição – o Dia da Votação Mundial. Em alguns lugares, várias escolas, e até mesmo cidades e distritos escolares inteiros, realizam seus dias de votação simultaneamente. Antes do seu Dia da Votação Mundial, é importante que vocês tenham bastante tempo, de preferência várias semanas ou meses, para conhecer e discutir os direitos da criança no lugar onde vivem e pelo mundo. E também tempo para ler a revista O Globo inteira!

Eleição com voto secreto

Há muitos detalhes a preparar para que a Votação Mundial seja uma eleição democrática, com a garantia do voto secreto. Ninguém pode influenciar sua escolha, nem mesmo seus amigos, professores ou pais. Ninguém deve conseguir descobrir em quem você votou, a menos que você conte. É preciso organizar:

Escolham mesários, fiscais eleitorais e apuradores de votos

Os mesários marcam os nomes na lista de eleitores e distribuem as cédulas de votação. Os fiscais monitoram se a votação, a marcação com tinta e a contagem dos votos são realizadas corretamente. Os apuradores fazem a contagem dos votos.

Lista de eleitores

Todos que têm o direito ao voto devem ser incluídos em uma lista nominal, onde cada nome será cuidadosamente marcado tão logo a pessoa receba sua cédula de votação, ou ao depositar o voto na urna.

Cédulas de votação

Use as cédulas que acompanham a revista do Prêmio das Crianças do Mundo e façam mais cópias, se necessário, ou criem suas próprias cédulas.

Cabine eleitoral

Construam sua própria cabine eleitoral, ou usem uma cabine emprestada, daquelas usadas nas eleições dos adultos.

Entrem na cabine eleitoral um por vez, para que ninguém veja o voto alheio.

Urna eleitoral

Usem uma grande jarra ou pote como urna, ou confeccionem com folhas de palmeira trançadas, por exemplo.

Tinta contra fraude

Certifiquem-se de que ninguém pode votar duas vezes; por exemplo, marquem quem votou com tinta no polegar, uma unha pintada, uma marca na mão ou no rosto. Usem uma tinta que seja difícil de remover!

Lembrem-se de enviar o resultado da votação de todos os três candidatos!

Convidem a mídia

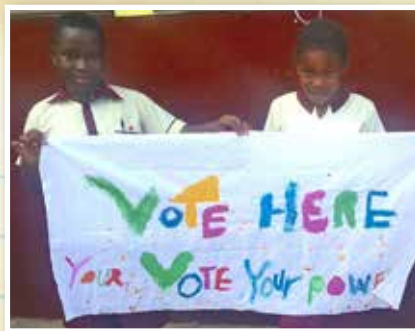
Lembrem-se de convidar toda a mídia local com antecedência para cobrir seu Dia da Votação Mundial. São vocês, crianças, que fazem o convite e contam sobre seu trabalho pelos direitos da criança. Vocês também podem convidar pais e políticos locais.

Nas páginas 17–31 você pode visitar os dias da Votação Mundial de diversos países.

Votação em meio à tempestade no Camboja

Venta forte quando as crianças da escola Popel, em Siem Reap, Camboja, vão às urnas. Mas os alunos não se importam, e uma menina diz:

– Esta manhã parecia que haveria uma tempestade, e minha mãe disse que, portanto, eu não participaria do Dia da Votação Mundial. Mas eu vim mesmo assim, e agora estou feliz por isso.



Poder do voto em Gana

Hora da votação na escola Tessark, em Gana: "Vote aqui! Seu voto é o seu poder!".



Votação Mundial na Índia

Estudantes da Dav Centenary Public School em Phillaur, na Índia, prepararam a Votação Mundial da escola.



Tinta contra fraude eleitoral.



Urna Digital no México

A longa fila de votação em Jalisco, no México, é dividida em várias linhas. Não há cabines de votação ou mesmo cédulas, pois todos eles votarão na urna digital.



Fila de votação em Benin

O escritório de votação autoriza o início da votação assim que a alta urna eleitoral é posicionada.



Voto em vulcão na Suécia

Daniel, 11, da escola Vange, na Suécia, vota na urna feita no formato de um vulcão. O motivo para o vulcão é que uma aluna da escola, Angelina, disse:

– Eu vejo o programa do Prêmio das Crianças do Mundo como um vulcão, que entra em erupção e espalha notícias alegres e o conhecimento de nossos direitos. O WCP uniu as crianças do mundo. Nós entendemos umas às outras através da leitura da revista O Globo, e isso dá a sensação de ter uma segunda família ao meu lado.



Belas cabines em Gana



FOTO: REBECCA GOTHE



As embaixadoras dos direitos da criança cortaram as cédulas eleitorais...

...fizeram cartazes, guirlandas de papel jornal, cabines de votação...



Cola no capacete para a Votação Mundial!

“Estamos arrumando o local de votação para a Votação Mundial. Eu preparo a cola de que precisamos para fixar cartazes e outras decorações. Eu faço a cola misturando água e farinha com a mão. Tentei para conseguir uma tigela fazer a mistura, mas não achei nenhuma. Felizmente encontrei este capacete de trabalhadores de construção no pátio da escola e o usei em vez disso! Os trabalhadores de construção estão aqui reconstruindo quase toda a escola. Quando a escola é nova e agradável, as pessoas se sentem orgulhosas e entendem que é importante ir à escola. Se ela é velha e gasta, a sensação é totalmente diferente. Optamos por realizar nossa Votação Mundial em

um dos melhores edifícios da escola. A Votação Mundial é uma festa, pois estamos celebrando nossos direitos. Portanto, a celebração de ser em um lugar bonito!”
Stefemi, 11, embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Primaria Completa Unidade 10, Maputo, Moçambique



– Nós, embaixadoras do direito da criança, reunimos todas as meninas de cada classe e ensinamos direitos das meninas. Nessas ocasiões, utilizamos a revista O Globo. Funcionou muito bem, conta Umbellina.

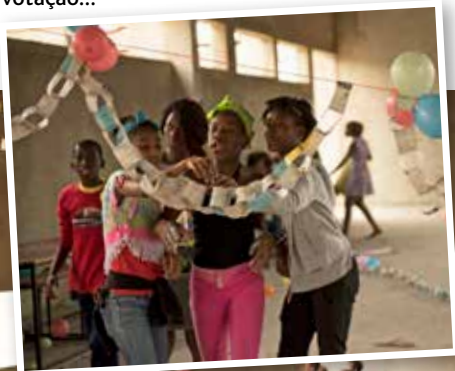
Embaixadoras ajudam

“Fomos nós, embaixadoras dos direitos da criança, que organizamos e realizamos a Votação Mundial hoje. Quase tudo correu como planejado, então estou muito feliz. O Prêmio das Crianças do Mundo é importante para mim. Os candidatos, que são heróis dos direitos da criança, fazem muitas coisas boas pelas crianças. Quando voto em um dos candidatos, eu mostro que seu trabalho é importante para mim.

Antes da Votação Mundial, li a revista O Globo com atenção e

aprendi muita coisa que eu não sabia antes. Por exemplo, todas as crianças são iguais e devem ser tratadas de forma igual, tanto meninas quanto meninos. Aqui há muitos que tratam meninos bem e meninas mal. No norte de Moçambique, é muito comum os pais casarem suas filhas quando elas têm apenas 13-14 anos de idade. Os pais mandam as filhas abandonarem a escola para se casarem. Acho isso totalmente errado. As meninas deveriam primeiro concluir a escola e

...decoraram os locais de votação...



...distribuíram as cédulas de votação...



...informaram e ajudaram seus amigos...



...riscaram nomes da lista de eleitores...



...e marcaram um dedo de quem votou, para que não pudessem votar novamente.



– Também ajudei na cozinha e fiz bons sanduíches, que todos os alunos receberam após a votação. Espalhei manteiga e coloquei salsicha e maionese. Todos também receberam refrigerantes ou água mineral. Foi uma verdadeira festa! disse Umbellina.

outras meninas

depois começar a trabalhar. Quando chegarem à idade adulta, as meninas podem escolher se querem ou não se casar. Não ser forçadas por seus pais quando ainda são crianças. Aprendi que existem lugares no mundo onde meninas não frequentam a escola. É terrível!”

Direitos das meninas

Sou embaixadora do WCP e é muito importante que haja embaixadoras dos direitos da criança que lutam pelos direi-

tos das meninas aqui em Moçambique. Antes do treinamento de embaixadoras, víamos coisas que não eram boas, por exemplo, que alguns amigos não iam à escola devido à pobreza ou começavam a ter outros problemas, mas não sabíamos o que fazer.

Agora, como embaixadoras, intervimos imediatamente. Primeiro, conversamos com a criança e descobrimos o que está errado. Depois, falamos com os pais e tentamos ajudar.

Um dia eu conheci uma menina pobre de 13 anos de idade em nosso bairro que não frequentava a escola e não sabia ler nem escrever. Eu disse que nós, embaixadoras dos direitos da criança, visitaríamos sua mãe para ver se havia algo que pudéssemos fazer. Antes de ir lá, arrecadamos roupas, cadernos e alimentos. Levamos conosco até mesmo o dinheiro para as taxas escolares da menina, que coletamos entre alunos e professores.

A mãe disse que a família

era muito pobre para deixar a filha ir à escola, e que muitas vezes eles iam para a cama com fome à noite. Quando contamos que havíamos falado com o diretor e o convencemos de que sua filha poderia frequentar a escola gratuitamente, a mãe e a menina ficaram muito felizes”.

Umbellina, 11, embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Primária Completa Unidade 10, Maputo, Moçambique

Bela para a Votação Mundial

Phulmaya pintou as mãos bem bonitas porque é o Dia da Votação Mundial em Kavrepalanchowk, no Nepal. É um dia importante na aldeia. Aqui, muitas crianças não sabiam que os direitos das crianças existem antes de lerem a revista O Globo. Agora, muitas também aprenderam que as meninas têm os mesmos direitos dos meninos e que devem tomar cuidado para não serem enganadas por traficantes.



Organização na fila de votação.



O terreno em frente à cabine de votação de juncos foi varrido antes da Votação Mundial.

Em primeiro lugar, elas leram e discutiram a revista O Globo, tanto em inglês quanto em nepali.



Crianças no Congo sobre o Prêmio das Crianças do Mundo



Participa do clube dos direitos da criança do WPC

"Este é o segundo ano que eu participo do Prêmio das Crianças do Mundo, e agora também faço parte de um clube dos direitos da criança para aumentar a conscientização sobre os direitos das meninas. Quero ser a voz de crianças vulneráveis e fundar um orfanato, onde elas possam ter uma boa educação".
Cherif, 16

Devemos ensinar aos adultos

"Aqui no Congo nem todas as crianças têm conhecimento de seus direitos. Muitas são órfãs e abandonadas. Aqui podemos votar por nossos direitos. E cabe a nós para esclarecer para todos os congoleses e nossos pais que os direitos da criança devem ser respeitados!".

Atipo, 15

Aconselha meninas a lerem O Globo

"Eu não conhecia meus direitos antes de ler a revista O Globo. Aconselho todas as meninas a irem à escola e lerem a revista para aprenderem mais sobre os seus direitos".

Edoresias, 14





Eu estou na lista de eleitores?



Aqui está sua cédula de votação!



Marcação contra a fraude eleitoral.



Meu voto para o herói dos direitos da criança.



O Dia da Votação Mundial é uma festa pelos direitos da criança e todos ganham suco e doces.

e os direitos da criança:



O Globo mudou minha vida

"Fundamos um clube depois que a revista O Globo nos ensinou sobre os direitos da criança. A revista O Globo mudou a minha vida, porque aprendi meus direitos e também que meus pais devem respeitá-los".
Sarah, 14

Nos ensina sobre igualdade de direitos

"Queremos garantir que não haja mais diferença entre os direitos de meninos e meninas. Todas as crianças devem saber que têm os mesmos direitos. Graças à revista O Globo, eu sei que é assim e que tenho meus direitos. Também aprendi a empatia através da revista O Globo".
Emmanuelle, 13





Kaka, a primeira à direita, com as demandas dos clubes do WCP para que as meninas sequestradas sejam libertadas, junto com os alunos da escola Comprehensive High Igarra.

Kaka e WCP para meninas raptadas

Em abril 2014, o grupo terrorista Boko Haram sequestrou 234 estudantes em Chibok, na Nigéria. A presidente dos clubes nigerianos do Prêmio das Crianças do Mundo, Kaka, 18, se engajou pelas meninas e exigiu sua libertação.

Kaka sabe muito sobre as violações dos direitos da criança.

– Aos dois anos de idade, eu tive que começar a vender água e kulikuli (biscoito de amendoim) na rua com minha avó. Meu pai morreu quando eu tinha nove anos de idade, e tive que ir morar com uma família onde me tornei escrava doméstica. A mãe da família me espancava e intimidava todos os dias.

Apesar de tudo, Kaka pode começar a estudar e, aos 13 anos de idade, ela criou sua própria fundação para crianças, a Fundação Infantil Meninas de Kaka. Logo, havia meninas de 122 escolas participando.

– Depois, fundamos um Clube dos Direitos da Criança do WCP na minha escola e tornei-me porta-voz do clube. Desde então, ajudei na fundação de clubes do WCP em muitas escolas e também a educar alunos e professores sobre o programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Em 2013, fui eleita presidente dos clubes do WCP por 1.207 crianças dos clubes do WCP de 137 escolas.

– A revista O Globo é como a água para mim,

e quem pode viver sem água? Para mim, a revista O Globo é um “livro diário de leitura obrigatória”.

– O Prêmio das Crianças do Mundo é como minha segunda religião e me ensinou sobre justiça, igualdade, amor, união, democracia e paz.

Quando as meninas em Chibok foram sequestradas, para mim ficou óbvio que a Meninas de Kaka e os clubes do WCP participariam dos protestos para exigir que o governo nigeriano faça todo o possível para libertar essas meninas.

– Este ano, meu sucessor como presidente dos clubes do WCP será eleito. Estou tentando conseguir apoio financeiro para começar a universidade, mas todas as pessoas a quem pedi querem fazer sexo comigo em troca de me ajudar com as taxas.



Kaka



Nós, crianças, somos mundo precisa

Aldrin, 14, de Ocampo, nas Filipinas, cuida bem da urna do WCP feita com uma grande garrafa de vidro. Ele nunca conheceu o amor, mesmo em sua própria família é espancado e maltratado e todo ano precisa trabalhar nos campos de cana-de-açúcar. Mas, lendo a revista O Globo, ele percebeu que tem direitos.

Meu sonho é que minha família, que está separada, se reúna para que possamos ter um lar onde possamos compartilhar risos e amor. Eu mesmo não sei o significado da palavra amor, porque ninguém nunca me mostrou seu verdadeiro significado. Sempre fui espancado pelas pessoas com quem eu vivi, se não fizesse exatamente o que me pediam. Moro com meus avós e tios. Eles me intimidam o tempo todo, então eu perdi a minha autoconfiança. Também tenho que trabalhar no corte de cana durante a colheita e na remoção de ervas daninhas

durante a época do plantio. Não estou feliz com isso, mas sempre penso em meus irmãos mais novos. Se eu não trabalhar, eles ficam sem comida e leite. Desde os sete anos de idade, eu também sou responsável por tarefas domésticas, como buscar lenha e cozinhar.

Quando li a revista O Globo, eu disse ao meu professor que tinha acabado de perceber que nós, crianças temos um papel importante a desempenhar no mundo. O Globo me ajudou a perceber que nós, crianças, somos a esperança do meu país e também do mundo.

Sentado sozinho debaixo



Recolher lenha é tarefa de Aldrin.



Aldrin adora matemática e muitas vezes ajuda e ensina seus colegas de classe. Ele quer ser técnico de informática.

O que o

de uma árvore lendo, eu disse a mim mesmo que nós, crianças temos o poder de fazer ouvir nossas vozes por nossos direitos. E que nós somos o que o mundo precisa, porque temos os pensamentos intocados. Com a consciência que temos, não podemos errar e, como crianças, sabemos o que é certo e errado.

Eu percebi que experimentei muitas violações dos meus direitos. Também fui inspirado pelo júri do WCP, pois vários deles têm a experiência de trabalho infantil, como eu. O programa do WCP me ajuda de muitas maneiras; aprendi sobre meus vários direitos e quero divulgá-los para outras pessoas”.



Muitas das crianças na fila de votação caminharam por horas, e até um dia, para participarem da Votação Mundial.



Os mesários da votação conferem a lista de eleitores e distribuem cédulas em um posto de votação construído pelas crianças.



Eleição democrática das crianças no país que é uma ditadura há muito tempo.

Votação por democracia e direitos na Birmânia

É o Dia da Votação Mundial conjunto de sete escolas de aldeias na província Karen da Birmânia, o país também conhecido como Mianmar, que vive sob uma severa ditadura. Não há estradas para as aldeias das crianças, e muitas delas caminharam um dia inteiro para chegar a Saw Bwe Dern.

Por muitos anos, a revista O Globo foi contrabandeada para as escolas de aldeia. Os portadores vinham com O Globo em inglês, com todas as belas imagens, e livretos contendo todo o texto da revista traduzido para o idioma das crianças, karen. Durante a ditadura no país, as crianças puderam aprender sobre os direitos da criança e votar em suas próprias eleições democráticas. A situação na Birmânia melhorou um pouco, e quando chegar a hora das eleições democráticas no país, as crianças que se reuniram em Saw Bwe Dern saberão como funciona.

– Eu participei do Prêmio das Crianças do Mundo por quatro anos e aprendi sobre outras crianças e suas dificuldades, mas também que direitos tenho, e que eles devem ser respeitados. Em casa, eu cuido de meus irmãos menores, busco arroz e cozinho todos os dias. Quero ser professor e ajudar as crianças pobres na minha aldeia, para que as meninas karen possam frequentar a escola, diz Naw Ro, 14.

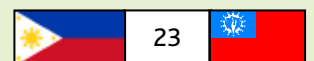
– Minha disciplina favorita é karen, e eu adoro ler os textos da revista O Globo em karen enquanto olho as fotos na revista em inglês. Muitas crianças do meu país estão trabalhando, embora crianças não devam fazê-lo. Quero ser médico e ajudar as pessoas da minha aldeia, diz Saw Eh, 11.



Naw Ro



Saw Eh



O Prêmio das Crianças do Mundo em Uganda

– Em Uganda, muitas crianças entram em apuros. Muitas vezes, por causa da pobreza, mas também pela ignorância. Por isso o Prêmio das Crianças do Mundo é tão importante aqui. Se lermos a revista O Globo na escola e aprendermos sobre nossos direitos, podemos explicar a nossos pais, parentes e vizinhos. Quando eles obtêm conhecimento, seus corações mudam lentamente, e, eventualmente, eles passam a tratar bem até mesmo as meninas. O Prêmio das Crianças do Mundo melhora o futuro das crianças em Uganda! diz Adela, 13. Ela é uma das responsáveis pelo dia da Votação Mundial na Escola Clássica AMKA, na capital, Kampala.

O WCP é importante para as meninas!

“Eu fui uma das pessoas de nossa escola que receberam instrução adicional sobre o Prêmio das Crianças do Mundo e os direitos da criança. Agora explico os direitos da criança a outras crianças, mas também a adultos. Hoje eu participei da organização da Votação Mundial da escola e estou muito feliz por isso. É uma sensação boa fazer parte de algo tão importante. Para mim, o mais importante é que o WCP nos ajuda a falar sobre o fato de que as meninas têm direito de ir à escola.

Aqui em Uganda, especialmente nas áreas rurais, há muitos pais que não enviam suas filhas à escola, pois as filhas se casarão e se mudarão. O papel da menina é ficar em casa e cozinhar, juntar lenha e se preparar de outras maneiras antes de seu casamento. Meninas que exigem frequentar a escola muitas vezes são maltratadas por seus pais. As filhas são forçadas a trabalhar ainda mais em casa e algumas são espancadas. Isso deixa as

meninas tão assustadas e cansadas que, em última análise, elas nem se atrevem ou se preocupam em ir para a escola.

Mães que dão à luz meninas também não são apreciadas. Quando eu nasci, meu pai ficou tão decepcionado que expulsou a mim e minha mãe de casa. Fomos obrigadas a nos mudar a casa das irmãs da minha mãe. Desde então, eu nunca morei com meu pai. E ele nunca ajudou com minhas taxas escolares ou qualquer outra coisa de que eu preciso. Por outro lado, meu pai ajuda aos filhos que tem com sua nova esposa. Sinto que isso é estranho e injusto.

Espancada pelo pai

Uma vez, quando minha mãe me levou até meu pai para pedir ajuda para que eu pudesse continuar frequentando a escola, ele simplesmente disse: “Por que você está arrastando esse lixo para mim?” Outra vez, quando lhe pedi ajuda, ele disse



– Quero ser piloto. Eu deixaria as crianças pobres fizessem uma viagem gratuita, para que pudessem experimentar uma verdadeira aventura. Imagine crianças que nunca tiveram a chance de embarcar em um avião, de repente verem o mundo de cima. Que coisa, diz Adela, rindo.

que não era mais meu pai. Depois ele me espancou.

Antes de participar do Prêmio das Crianças do Mundo, eu não sabia que nós, crianças, tínhamos qualquer

direito. Quando li a revista O Globo, me dei conta de que até mesmo as meninas têm direito à educação e a uma boa vida. Isso me deu muita esperança!

O que mais gostei de ler na revista O Globo foi sobre Malala, que foi baleada por lutar pelo direito das meninas irem à escola. Porém, embora quase tenha morrido, ela não desistiu. Isso me inspirou muito! Quero ter a mesma coragem e lutar pelos direitos das meninas em Uganda!” Adela, 13, Escola Clássica AMKA, Uganda

é importante aqui



Votação Mundial vista de cima
Todas as estações da Votação Mundial na escola AMKA, em Uganda, estão funcionando e a votação acaba de começar.



6. Contagem de votos

5. Hora de depositar o voto na urna eleitoral!



4. Cabine de votação na bacia!
Para que a votação secreta seja respeitada, é importante que você possa marcar seu candidato sem que ninguém veja.



1. organização na fila de votação



2. Está na lista?



3. Aqui está sua cédula eleitoral.

Sonhos de Hip Hop

“Algumas pessoas em Uganda respeitam os direitos da criança, mas não todas. Eu sou de uma família pobre. Morei com minha tia por algum tempo, porque era difícil meu pai cuidar bem de mim. Na casa da minha tia, eu sempre fui muito maltratada. Seus filhos nunca tinham que trabalhar, enquanto eu tinha que cozinhar, lavar roupa e louça, dar banho nos bebês e passar roupa. Meus primos descansavam, brincavam ou observavam enquanto eu trabalhava. Muitas vezes, eles riam de mim. Eles também podiam dormir em colchões confortáveis, mas eu me deitava no chão. Eu era espancada por minha tia e, às vezes, ficava sem comida uma semana inteira.

Meus direitos foram violados, assim como acontece com muitas crianças em Uganda. Aqui há muito abuso infantil, e muitas crianças são forçadas a trabalhar em vez de ir para a escola. É por isso que o Prêmio das Crianças do Mundo é tão importante aqui. Nós, jovens, aprendemos sobre os direitos da criança na escola e depois ensinamos a nossos pais. Também aprendemos sobre como funciona a democracia. Ao ler as histórias dos candidatos ao prêmio na revista O Globo, também somos inspirados a fazer algo grande e importante em nossas vidas. Meu sonho é ser um artista de hip-hop. O hip-hop pode ser uma boa maneira transmitir mensagens importantes para as pessoas, como o quanto é importante que as crianças frequentem a escola.”

Oboth, 14, Escola Clássica AMKA, Uganda

Também escolho educação!

– Para ter um bom futuro, a escola é a única chance; portanto, o direito à educação é o mais importante. Temos de aprender idiomas. Sem inglês não é possível se comunicar com ninguém fora da sua própria pequena sociedade, diz Oboth.



Nós celebramos o Dia da Votação Mundial.

É errado haver espancamentos e crianças de rua!

“Hoje tivemos uma votação na minha escola. Nós votamos em pessoas que lutam pelos direitos da criança. Senti-me muito bem, pois os direitos da criança devem ser respeitados! Quando lemos a revista O Globo, eu li, entre outros, sobre o 2º Artigo da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, que diz que todas as crianças têm os mesmos direitos. Aqui não é assim. Basta ver todas as crianças de rua que há em Kampala. Muitos dos seus direitos são violados o tempo todo, elas não têm nada para

comer, não vão à escola e não têm onde morar. Isso não é certo!

Costumo dar às crianças um pouco do que tenho para que alguém possa ter algo para comer. Eu tenho sorte. Meus pais cuidam de mim e eu sinto que posso compartilhar.

A revista O Globo me ensinou que o castigo corporal e o abuso infantil são contra nossos direitos, mas isso é comum aqui. Os pais punem e abusam de crianças por coisas pequenas. Às vezes, crianças são amarradas e espanca-

das com varas. As crianças têm medo disso. Algumas fogem de casa e acabam na rua.

O Prêmio das Crianças do Mundo é importante em Uganda. Antes, eu não sabia muito sobre nossos direitos, mas agora sei muito. Se aprendermos sobre nossos direitos, o futuro será melhor aqui. Então não haverá mais nenhuma punição nem crianças de rua, pois elas receberão ajuda.

Eu quero ser um médico e ganhar muito dinheiro. Depois, vou construir hospitais infantis, lares para crianças de rua e escolas para os pobres.”

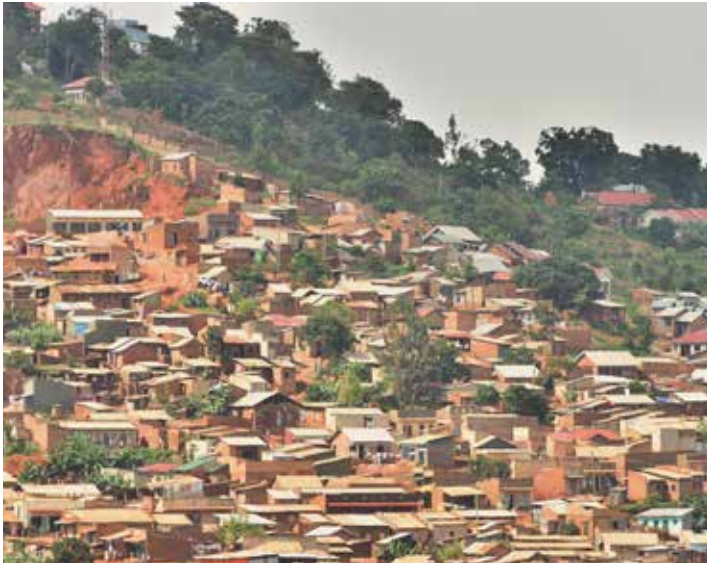
Guti, 12, Escola Clássica AMKA, Uganda



Placas sobre os Direitos da Criança



Antes da Votação Mundial, as crianças da Escola Clássica AMKA confeccionaram placas nas quais escreveram vários direitos que as crianças têm. Mas qual placa é a mais importante para Adela, Guti, Imelda e Oboth?



A escola AMKA fica na capital de Uganda, Kampala, onde arranha-céus se apartam com casas térreas.

A democracia é importante!

“Foi muito bom participar do Prêmio das Crianças do Mundo. Aprendi muito sobre meus direitos através das histórias dos diferentes candidatos. Todos na escola se engajaram. Nós lemos e discutimos muito durante os intervalos, no almoço e também, depois da aula. E só quando obtemos conhecimento é que realmente podemos fazer a diferença. É por isso que o Prêmio das

Crianças do Mundo é tão importante aqui.

Há muitas coisas das quais temos que participar para influenciar o futuro, pois muitas crianças têm seus direitos violados em Uganda. Muitas não têm comida suficiente, não frequentam a escola e são submetidas a maus-tratos. É pior para nós, meninas. Meninas e meninos ainda são tratados de maneira diferente aqui. É mais difícil para meninas irem à escola, e muitas são submetidas ao

casamento infantil. É como quando havia o apartheid na África do Sul racista, onde os negros eram tratados pior do que os brancos. Só por causa da cor da pele. Por que as meninas são tratadas pior que os meninos? Apenas por causa do sexo? Todos são iguais!

A Votação Mundial me ensinou como funciona uma eleição justa e democrática. Primeiro, é preciso adquirir conhecimento através de uma preparação cuidadosa; depois, você é livre para votar no can-

didato que quiser. A democracia é importante. É somente através da democracia que se pode defender o direito de todos a dizerem livremente o que pensam. Entendi isso através do Prêmio das Crianças do Mundo. No futuro, quero ser uma advogada que luta pelos direitos da criança.”

Imelda, 12, Escola Clássica AMKA, Uganda

O amor é o mais importante!

– O direito de ser amada é o mais importante para mim. Aqui, as filhas não são tão amadas quanto os filhos. Esta é a violação mais comum dos direitos da criança em Uganda, diz Adela.

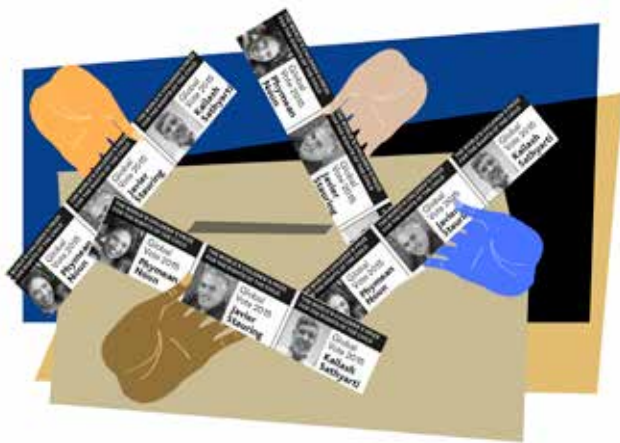
Amor aqui também!

– O mais importante para mim é o direito de ser amado, pois ele engloba tudo. Por amor, alguém cuida para que você possa ir à escola, possa expressar sua opinião, receba cuidado se estiver doente... tudo! afirma Guti.

Educação é o mais importante!

– O direito à educação é o mais importante. Sem educação, é muito difícil conseguir uma boa vida. Quando se tem educação e conhecimento, fica mais fácil defender seus direitos, porque você sabe como fazer, diz Imelda.





O caminho par

Todos os anos, o programa do Prêmio das Crianças do Mundo é encerrado com vocês realizando sua própria votação mundial democrática, a Votação Mundial.

Acompanhe-nos em uma viagem no tempo, pelo crescimento da democracia no mundo.

O que é democracia?

Em algumas questões, talvez você e seus amigos pensem parecido. Sobre outras coisas, vocês pensam de maneiras totalmente diferentes. Talvez vocês possam ouvir uns aos outros e discutir até chegar a uma solução que todos consigam aceitar. Então, vocês concordam e atingem um *consenso*. Às vezes, vocês têm que concordar sobre o fato de que discordam. Neste caso, a maioria, aqueles que estão em maior número, decidem. Isso é *democracia*.

Em uma democracia, todas as pessoas têm o mesmo valor e os mesmos direitos. Todos devem ter uma chance de dizer o que acham e poder de influenciar a decisão. O oposto de democracia é *ditadura*. Neste caso, apenas uma ou algumas pessoas podem decidir tudo, e ninguém pode protestar.

Em uma democracia, todos devem poder fazer ouvir suas vozes, eles têm que se comprometer e votar a fim de chegar a uma decisão. Existe *democracia direta* e *democracia representativa*. Democracia Direta é quando todos podem votar sobre um determinado assunto, como a sua Votação Mundial sobre quem deve receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Ou quando um país realiza um referendo. A maioria dos países democráticos é governada por *democracia representativa*. Neste caso, os cidadãos escolhem seus *representantes*, políticos que dirigirão o país de acordo com a vontade do povo.



EM TODAS AS ÉPOCAS

Decisões conjuntas

Em todas as épocas, as pessoas sempre se reuniram para tomar decisões. No início, as decisões eram tomadas pelo grupo, tribo ou aldeia. Poderia ser sobre a caça ou a agricultura. Alguns usam rituais para saber como o grupo deve discutir e tomar decisões conjuntas. Pode ser um objeto, por exemplo, uma pena, que seja passado de mão em mão. A pessoa que segura a pena tem a palavra. *Experimentem isso na sala de aula!*

Nasce a palavra democracia

508 A.C.

508 a.C. nasce a palavra *democracia*, a partir das palavras gregas *demos* (povo) e *kratein* (governo). Todos os cidadãos da Grécia podem subir uma escada e dar sua opinião em coisas importantes. Se não conseguirem chegar a um acordo, as pessoas podem votar sobre ele através da contagem de mãos levantadas. Porém, só os homens podem votar. Mulheres, escravos e estrangeiros não são considerados cidadãos, e não podem votar.



SÉCULO XVIII

Governantes autocráticos

No século XVIII, a maioria dos países, por exemplo, na Europa, é governada por reis e imperadores autocráticos que ignoram a vontade do povo. Porém, pensadores começam a se interessar por ideias reinventadas de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e com direitos iguais. Por que alguns grupos da sociedade devem ter mais poder e riqueza do que outros? Outros criticam a opressão dos reis e argumentam que, se todos receberem mais conhecimento, eles descobrirão a injustiça da sociedade e protestarão contra elas.



a a democracia

1789



Mulheres e escravos não

Em 1789, a primeira constituição (Lei Fundamental) dos EUA é redigida. Este é um passo importante na história da democracia. Ela afirma que o povo deve ter o controle sobre as decisões e que as pessoas devem ter o direito de escrever e dizer o que desejarem. Contudo, a Constituição não se aplica a mulheres nem a escravos.

A primeira votação secreta

Em 1856, a primeira votação secreta com cédulas com os nomes dos candidatos impressos é realizada na Tasmânia, Austrália.



1856

1947

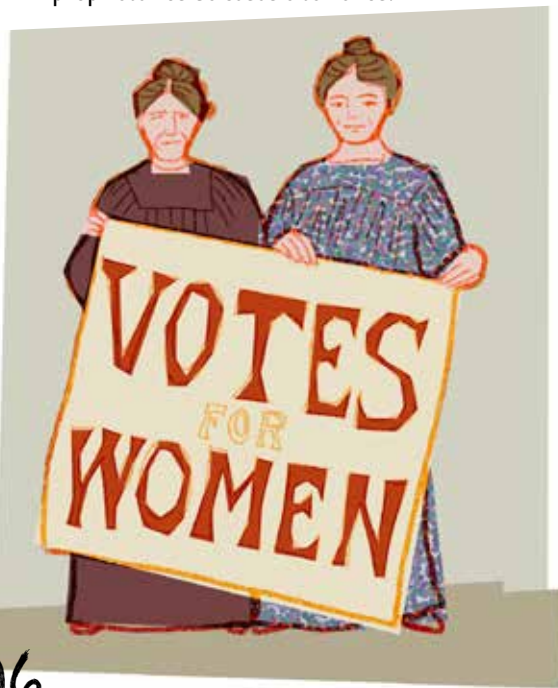
A maior democracia do mundo

Em 1947, a Índia liberta-se do Império Britânico e se torna a maior democracia do mundo. A luta pela liberdade é liderada por Mahatma Gandhi, que acredita na resistência sem violência, a *não-violência*.



O voto dos ricos

Em 1789 acontece uma revolução na França. O povo exige liberdade e igualdade. As ideias e reivindicações se difundem amplamente pela Europa e influenciam o desenvolvimento da sociedade. Mas, ainda assim, apenas os homens são considerados como cidadãos. Além disso, os homens muitas vezes só podem votar e participar na política se forem ricos e proprietários de casas e terrenos.



1906
1921
1945

Mulheres exigem direito de voto

No final do século XIX, mais e mais mulheres exigem o direito de votar em eleições políticas. A Finlândia, em 1906, é o primeiro país europeu onde as mulheres conquistam o direito de votar. No Reino Unido e Suécia, isso leva até 1921. E, na maioria dos países da Europa, África e Ásia, demora até depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ou mais, até que as mulheres obtenham o direito de voto.

A primeira democracia da África

Em 1957, Gana, na África Ocidental, torna-se livre e independente de seu colonizador, o Reino Unido. Kwame Nkrumah torna-se o primeiro líder do país. A colonização da África, Ásia e América Latina começara centenas de anos antes. As grandes potências europeias haviam enviado militares e exploradores. Eles ocupavam as terras, roubavam os recursos naturais e escravizavam as pessoas.

1957





Igualdade de direitos nos EUA

Em 1955, Rosa Parks, que é negra, se recusa a ceder seu assento no ônibus a um homem branco. Rosa é multada, porque no Sul dos EUA os negros não têm direitos iguais aos dos brancos. Eles também não podem frequentar as mesmas escolas que as crianças brancas e, às vezes, não podem votar. O líder da luta pelos direitos civis, Martin Luther King, inicia um boicote à empresa de ônibus. Esse é o início de um grande movimento de protesto nos EUA contra o racismo e por igualdade de direitos e de liberdades.

1955



A Primavera Árabe

Em 2010, um jovem pobre na Tunísia tem seu carrinho de hortaliças confiscado pela polícia. Ele toca fogo em si mesmo em protesto e, quando a notícia de sua morte se espalha, centenas de milhares de pessoas vão para as ruas protestar. Elas conseguem depor o ditador do país, Ben Ali. Pessoas em países vizinhos se inspiram e derrubam os ditadores do Egito e da Líbia através de protestos populares. Os movimentos democráticos no Oriente Médio ficam conhecidos como *A Primavera Árabe*.

Ditaduras continuam

Em 2014, vários países ao redor do mundo ainda são ditaduras, mas violações dos direitos humanos também ocorrem em muitas democracias. Os direitos da criança são violados em todos os países. Nas ditaduras, não há direito ao voto nem o direito de expressar as opiniões, a liberdade de expressão. Os governantes decidem tudo e, muitas vezes, enriquecem a si mesmos e suas famílias.

2015



1994



Direito de voto para todos na África do Sul

Em 1994, Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente eleito democraticamente na África do Sul. Ele ficou preso durante 27 anos por sua luta contra o sistema racista de apartheid na África do Sul, que separava as pessoas com base na cor de sua pele. Na eleição de Mandela, pela primeira vez todos os sul-africanos participam em igualdade de condições.

Birmânia a caminho da democracia

Em 2010, Aung San Suu Kyi é libertada da prisão domiciliar na ditadura birmanesa. Ela havia passado quinze dos últimos 23 anos sob prisão domiciliar por sua corajosa luta pela democracia na Birmânia. Em 2011, ela se torna patrona da Fundação do Prêmio das Crianças do Mundo.

2010



A Votação Mundial Democrática das Crianças

Em 2015, o programa do PEM é implementado pela décimo quinto vez. Até aqui, mais do que 36 milhões de crianças aprenderam sobre os seus direitos e a democracia através do programa. É importante que cada nova geração obtenha esse conhecimento. Ele auxilia você e seus amigos, por toda a vida, a ajudar na construção de seu país, para que a democracia se fortaleça e os direitos da criança e os direitos humanos sejam respeitados.

Quando tiverem aprendido tudo sobre os direitos da criança e as contribuições dos candidatos ao prêmio, vocês preparam sua eleição democrática, a Votação Mundial. Seu voto é sua própria decisão. Nenhum amigo ou professor pode dizer em quem você deve votar. Aquele em quem a maioria votar recebe o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2015!

Repórteres de rádio

pelos direitos da criança



Fala sobre coisas que afetam nossas vidas

"No Brasil, a desigualdade é grande. Muitas crianças são maltratadas, mas não têm oportunidade de falar sobre a violência e abuso que sofrem. Através do Prêmio das Crianças do Mundo, temos a oportunidade de falar sobre coisas que afetam nossas vidas.

Eu participei de um curso para quem quer ser embaixadora dos direitos da criança no Amazonas. A juíza do juizado da infância e da juventude também participou. Fizemos perguntas e ela explicou como a polícia e os juízes trabalham para defender os direitos da criança e como aqueles que estupram crianças são punidos.

Todo o conhecimento que adquirimos com o programa do Prêmio das Crianças do Mundo nos ajuda a sermos melhores como repórteres da Rádio pela Educação. Entrevistei pessoas em escolas que participam anualmente do programa do WCP. Eu também fui fiscal da Votação Mundial em nossa escola. Controlei a fila de votação e risquei os nomes da lista de eleitores".

Nicolle, 10, escola Professora Ecila Nobre dos Santos, Santarém



Na Amazônia brasileira há meninas que se tornaram embaixadoras dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo. Como repórteres de rádio, elas ensinam as outras crianças e até mesmo adultos que os direitos da criança existem e devem ser respeitados!



Nos leva a refletir sobre quem somos

"Os candidatos ao Prêmio das Crianças do Mundo nos ensinam que sem perseverança não chegamos longe. Eu li as histórias da revista O Globo sobre os nomeados no programa da rádio. São histórias verdadeiras que nos tocam profundamente, nos fazem refletir sobre quem somos e sobre pessoas que são diferentes de nós. E sobre respeito e igualdade.

Na minha escola, muitas meninas são maltratadas porque são gordas ou negras. Isso tem de mudar. Eu sou embaixadora dos direitos da criança para mudar essas coisas e lutar pelos direitos das meninas. Quero assegurar que todas as meninas vão à escola e lutar para que as crianças tenham suas vozes ouvidas na mídia. As crianças não recebem espaço suficiente no rádio, TV e jornais.

Sou repórter na Rádio pela Educação para sensibilizar as pessoas sobre os direitos da criança. Eu entrevisto alunos, professores e diretores que trabalham com o programa do WCP".

Larissa, 10, escola Professora Ecila Nobre dos Santos, Santarém

Missão do WCP: Lutar pelo direito das meninas!

"O Prêmio das Crianças do Mundo nos dá a esperança de uma vida melhor para meninas de todo o mundo. O programa do WCP nos dá uma boa ideia da situação das meninas em diferentes países. Ele também nos dá a missão de lutar para que o direito de todas as meninas à educação seja respeitado.

Também aprendi sobre a situação das meninas aqui em Santarém, onde eu moro. Tudo que aprendi, eu ensinei a outros através dos programas da Rádio pela Educação. É tão bom compartilhar o que aprendi com os outros! Sinto que isso faz com que mais meninas aprendam como podem defender seus direitos.

Eu também ensinei às crianças como conduzir e participar de uma eleição democrática. Fui fiscal eleitoral durante a Votação Mundial da minha escola. Então, nossa votação realmente foi nossa voz!

No meu ambiente não há quase ninguém que saiba que as crianças têm direitos. Precisamos conscientizar mais pessoas sobre os direitos da criança. Minha mãe, pai, irmão e professor me encorajaram a ser embaixadora dos direitos da criança aqui no Amazonas".

Vitória, 11, escola Professora Ecila Nobre dos Santos, Santarém



Por que Phymean é nomeada?

Nomeada Heroína dos Direitos da Criança • Páginas 32–51

Phymean Noun

Phymean Noun é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo 2015 por seus treze anos de luta por crianças em depósitos de lixo no Camboja e seu direito à educação.

Quando Phymean era pequena, toda educação era proibida no Camboja e sua família correu o risco de ser morta. Ela sonhava ir à escola e, no fim das contas, conseguiu obter uma educação. Quando Phymean entendeu que no Camboja ainda há crianças que precisam lutar por suas vidas, ela deixou um emprego bem remunerado para ajudá-las. As crianças que ela ajuda moram em depósitos de lixo e favelas da capital, Phnom Penh. Elas arriscam suas vidas ao coletar lixo, e muitas crianças morreram atropeladas por caminhões de lixo ou soterradas em detritos. Phymean luta para que as crianças possam ir à escola e ter suas necessidades básicas atendidas. Ela e sua organização, a People Improvement Organization (PIO), construíram três escolas e lares para crianças perto de depósitos de lixo e favelas. Lá, mais de mil crianças vão à escola e recebem alimento, água e cuidados médicos. A PIO também oferece cursos profissionalizantes e apoio às famílias.



O fedor do lixo deixa Phymean nauseada na primeira vez em que ela visita as crianças no depósito de lixo na capital cambojana, Phnom Penh. Elas não têm sapatos ou água limpa e vivem sob lonas no lixo lamacento. Porém, embora as crianças precisem de tudo, o que elas mais desejam é educação.

Phymean sabe exatamente como as crianças no depósito de lixo se sentem. Quando sua mãe, Malis, morreu, Phymean lhe prometeu que lutaria na vida. Ela tinha 15 anos e teve que lutar educação e para conseguir alimento para ela e sua sobrinha, Malyda.

Phymean lembra-se de cada dia de trabalho e medo. Então, após conhecer as crianças no depósito de lixo, ela volta para a cidade e se demite do emprego num escritório.

– Não posso deixar de fazer alguma coisa quando as crianças vivem no lixo. Eu

nunca tive nenhuma ajuda, mas agora vou ajudá-las.

Deixam a cidade

A história de Phymean começa em abril de 1975, quando ela tem quatro anos. É quando chegam soldados com roupas pretas. Eles brandem suas armas e dizem que todos devem deixar a cidade.

“É só por três dias”, eles dizem, “depois todos podem voltar para casa”. A mãe e o pai de Phymean não levam nada, apenas algo para comer e uma motocicleta.

As estradas estão tão cheias que eles quase não conseguem passar. Os soldados mandam

todos cada vez mais longe. Alguma coisa está errada.

Eles ouvem tiros ao longe. Aqueles que tentam voltar são mortos. Os soldados os enganaram. Eles não poderão voltar para casa.

A mãe precisa mentir

A história de Phymean começa em abril de 1975, quando ela tem quatro anos. É quando chegam soldados com roupas pretas. Eles brandem suas armas e dizem que todos devem deixar a cidade.

As estradas estão tão cheias que eles quase não conseguem passar. Os soldados mandam



Aqui, Phymean, a mais próxima da mãe. Em 1973 ela tem apenas dois anos, e a família ainda não foi forçada a deixar sua casa.

todos cada vez mais longe. Alguma coisa está errada.

Eles ouvem tiros ao longe. Aqueles que tentam voltar são mortos.

Após caminhar por muitos dias, ficam em uma grande fazenda. Eles recebem roupas pretas e sapatos de pneus de carro. É o uniforme que o Khmer Vermelho quer que todos usem.

Khmer Vermelho é o nome do grupo militar que tomou o poder. A mãe de Phymean está muito vigilante. Ela ouviu que eles não gostam de

peças formadas. A mãe não é apenas educada, ela frequentou a universidade na França. Ninguém pode saber disso.

Portanto, a mãe de Phymean mente. Ela diz que não sabe ler e que cresceu em uma fazenda. Ela brinca com os soldados e se oferece para consertar suas roupas.

Os soldados acreditam nela. Muitos dos soldados vestidos de preto, carregando grandes armas têm apenas dez ou

doze anos. Eles gostam da mãe de Phymean, e quando ela lhes pede para não enviar Phymean e sua irmã mais velha, Hengleap, para o acampamento onde as crianças vivem sem os pais, eles as deixam ficar.

Todos os parentes não mortos

Phymean está quase sempre faminta. Somente quando a mãe pega um peixe no rio e o cozinha em um fogareiro

escondido debaixo de uma das camas no meio da noite, ela fica algum tempo sem fome. Muitas coisas que são perigosas. Fazer perguntas, cometer erros, ir ao lugar errado, estar com fome ou cansado.

Um dia, a mãe fica pálida e seus olhos parecem não enxergar. Ela acaba de receber

A horrível história do Camboja

O Camboja é um dos países mais pobres do mundo e tem uma história horrível. Há 40 anos o país foi tomado pelo violento do Khmer Vermelho e seu líder, Pol Pot. Durante os 3 anos, 8 meses e 20 dias que o Khmer Vermelho governou o país, mais de 1,8 milhão de pessoas morreram por tortura, execução, doenças, fome e exaustão. Quando o regime caiu, quase não restavam professores, médicos, escritores ou outras pessoas formadas. Por isso, levou um longo tempo para o Camboja reconstruir o país e sair da pobreza.





Phymean e a PIO desejam

- Ajudar as crianças a encontrar seus sonhos: Muitas das crianças no lixão não têm futuro. Na escola, Phymean e os professores incentivam as crianças a sonhar e desenvolver os seus interesses.
- Dar esperança às crianças: Ao observar o progresso das crianças e criar oportunidades onde seus talentos se revelam, Phymean e professores mostram que a situação das crianças pode mudar.
- Dar amor confiável às crianças: Phymean e a PIO acompanham as crianças por muitos anos. "São como se fossem meus próprios filhos", diz Phymean. "Quero vê-las bem-sucedidas e felizes".

O trabalho da Peoples Improvement Organization pelas crianças

- Três escolas no antigo depósito de lixo e favelas de Phnom Penh.
- Educação em khmer e inglês, com foco em idiomas e computação.
- Um lar infantil, onde crianças órfãs e abandonadas crescem em um ambiente seguro.
- Apoio às famílias, para que possam mandar seus filhos, especialmente as filhas, para a escola.
- Água limpa para todas as crianças na escola, e para crianças e adultos da região.
- Formação profissional para adolescentes, como cabeleireiros ou costureiros.
- Acesso a enfermeiros, médicos e dentistas.



a notícia de que todos seus onze irmãos, que eram médicos, advogados, policiais e professores estão mortos. Sua família inteira foi morta pelo Khmer Vermelho.

Pena de morte

Phymean completa seis anos, mas não pode começar a escola. O Khmer Vermelho não permite escolas nem livros. A tarefa de Phymean é bombear a água, e seu pai está preocupado com quão exausta ela fica pelo trabalho. Ele leva o motor da motocicleta que

havia trazido da cidade e constrói uma bomba com ele. O motor fornece água para toda a fazenda, e o pai de Phymean recebe elogios por ser um mecânico tão bom.

Mas um dos líderes da aldeia fica enciumado. Ele não gosta do fato de o pai de Phymean ser elogiado e de sua família não ter sido separada. Ele vai para o chefe principal e diz que o pai Phymean matou e comeu uma galinha. É um crime grave, pois não há comida suficiente.

Todas as crianças que Phymean conhece nos lixões desejam ir à escola.

Soldados arrastam o pai para fora da casa. Os olhos da mãe mostram desespero, e Phymean entende que agora eles estão em apuros. Os soldados torturam seu pai até ele dizer que comeu a galinha, embora seja mentira.

A pena é a morte. Não apenas o pai vai morrer, mas também a mãe, a irmã mais velha e Phymean.

Eles não são mortos. Mas o medo ainda está lá, mais forte que nunca.

Os vietnamitas chegam

Um dia, quando Phymean tem oito anos, eles ouvem bombas à distância. São os vietnamitas chegando.

– Vamos logo! diz a mãe, empurrando-as para um canto do jardim.

Há uma sala subterrânea, com alimentos e cobertores. Phymean nunca havia visto isso antes. A mãe a cavou em segredo e trançou uma porta de bambu, para que se torne invisível na vegetação do



jardim. Durante uma semana, eles dormem na cavidade terra.

Quando os soldados vietnamitas chegam, o pai de Phymean sobe. Ele fala vietnamita. Ele se torna o tradutor dos vietnamitas e toda a família é levada em um tanque de volta à sua cidade natal.

– Nós temos um carro! Vamos para casa! grita Phymean ao vento quando eles partem.

Enfim, escola

Aos nove anos de idade, Phymean finalmente pode começar a escola. Ela quer ler todos os livros do mundo, e rapidamente é promovida da segunda série para a quarta e para a sétima.

Os líderes vietnamitas nomeiam o pai de Phymean como prefeito da província, mas a mãe não gosta que ele se junte ao grupo deles. A matança continua, porém agora ele é quem decide.

– Você precisa parar, não posso viver com um homem que envia seus semelhantes para a morte, diz a mãe.

Mas o pai não quer deixar o

cargo, em vez disso, ele deixa a família.

A mãe adoece

Mesmo assim, as coisas vão bem. Elas têm uma motocicleta, uma máquina de costura, duas bicicletas, uma casa e móveis.

Mas quando Phymean faz 13 anos, tudo muda novamente. Sua irmã Hengleap foge para a Tailândia, deixando sua filha recém-nascida, Malyda, que não sobreviveria à perigosa viagem pela selva.

Logo depois, a mãe de Phymean fica muito doente. Embora muitos anos tenham se passado, ainda não há médicos no Camboja. Os médicos que havia foram mortos pelo Khmer Vermelho, assim como os professores que poderiam formar novos médicos.

Phymean tem que trabalhar duro para cuidar de sua mãe e sobrinha. Ela vende seus pertences, um a um.

– Você tem que ir à escola, diz a mãe com uma voz fraca.

Mas Phymean não quer deixá-la, nem mesmo pela

escola, que ela tanto ama.

– Sim, diz a mãe, você tem que obter uma educação. O conhecimento é a chave para uma vida melhor. As pessoas podem tirar dinheiro e coisas de você, mas seu conhecimento ninguém pode roubar.

Toda noite, Phymean segura a mãe no colo. Uma noite a mãe sussurra:

– Corra atrás dos seus sonhos, Phymean. Podemos lidar com tudo que podemos aprender.

Em seguida, a mãe morre.

Sozinha com a sobrinha

Agora Phymean está sozinha no mundo. Ela passou por muitas coisas terríveis, mas nunca esteve tão assustada. Tudo que resta a Phymean são as quatro paredes da casa e uma bicicleta. Todas as manhãs, antes do amanhecer, ela recolhe a água do jardim e lentamente enche uma cisterna. Quando esta está cheia, ela vende água potável.



As coisas achadas no lixão são separadas para a venda.

Escola tornou-se uma prisão de tortura

O Khmer Vermelho queria criar uma nova sociedade e acabar com tudo que considerava ruim. Por isso, eles fecharam todas as escolas do país, para que ninguém pudesse saber que aquilo que o Khmer Vermelho fez foi errado. Quase todos os adultos com formação foram assassinados.

Uma escola com uma história horrível é a escola secundária Chao Ponhea Yat na capital, Phnom Penh, que foi transformada em uma prisão de tortura. As salas de aula tornaram-se celas de prisão. Pessoas acusadas de traição eram levadas para lá.

Muitas vezes, suas famílias inteiras eram presas, inclusive crianças. Em geral, os prisioneiros não sabiam porque estavam ali, mas eram torturados até confessar o crime do qual eram acusados. Quando confessavam, eram condenados à morte. Quase todos os 17 mil adultos e crianças que ficaram presos na escola foram mortos.

Agora, a escola é um museu em memória das coisas terríveis que aconteceram. Uma das salas agora voltou a ser uma sala de aula. Aqui, visitantes do Camboja e de todo o mundo são educados, para que o horror nunca se repita.



Educação

É importante!

Quer construir grande escola amarela

5x8

"Acho que matemática é importante, especialmente a multiplicação. Quando eu for engenheira, vou construir uma grande escola amarela para as crianças".

Sokhgim, 13

Quer falar com o mundo todo

"Inglês é importante, para eu poder conversar com pessoas de todo o mundo. Quero poder ler livros em inglês e escrever para amigos no computador".

Somaly, 14



Crianças na escola da PIO.

Phymean com crianças no refeitório da escola, onde todos almoçam.



Phymean consegue um emprego como secretária. Ela não ganha muito, mas sua sobrinha de dois anos pode acompanhá-la, onde fica sentada sob a mesa o dia todo.

Depois do trabalho, Phymean pedala até uma escola noturna. Quando aula termina, elas voltam para casa no escuro, de bicicleta. Quando elas chegam a casa, Phymean cozinha arroz e nina a sobrinha. Então ela começa seu terceiro trabalho,

copiar livros de histórias à mão, palavra por palavra. Não há fotocopiadoras, e a editora realmente gosta da bela caligrafia de Phymean. Ela trabalha até tarde da noite.

Phymean luta por muitos anos. Ela conclui sua educação e volta a encontrar sua irmã, de modo que sua sobrinha tem a mãe de volta.

Phymean consegue um emprego na ONU e trabalha nas primeiras eleições livres no Camboja. Ela se muda

para a capital, Phnom Penh, trabalha em um escritório, compra um carro e tem dinheiro no banco. De repente, a vida é simples.

Briga por osso de frango

Um dia, Phymean come frango grelhado no almoço em frente à praia do rio Mekong. Ela joga o osso da coxa em uma pilha de lixo e, de repente, cinco crianças aparecem. Elas se batem e se arranham

As crianças adoram poder ir à escola de Phymean toda manhã.





Quer pintar a história da PIO

"Gosto de pintar paisagens e animais, principalmente coelhos. Quando crescer, eu quero ser artista. Então pintarei a história da PIO".

Pich, 13



Khmer e computação são importantes

"Khmer é importante para mim, pois quero trabalhar com negócios. Assim, preciso saber escrever e trabalhar no computador".

Kakada, 11



Quer viajar para outro planeta

"Computação é o mais importante a aprender. Quero ser piloto, e o cockpit é como um grande computador. Ou então quero ser um astronauta e voar para outro planeta".

Kim, 12

em uma disputa pelos restos de frango. Phymean fica horrorizada.

– Parem, parem! grita ela. Parem com isso! Vou comprar outro frango para vocês, venham e sentem-se.

Enquanto comem, elas contam que vieram de áreas rurais, porque os pais estão procurando emprego. Mas o único trabalho disponível é revirar o lixo em aterros sanitários, onde também

vivem. Elas falam sobre como lutam todos os dias para sobreviver.

– Como posso ajudá-los? pergunta Phymean.

– Eu só quero à escola, diz um dos meninos.

Quando Phymean deixa as crianças, ela não fica em paz. Ela pensa sobre as crianças no lixão. Elas lutam sem qualquer ajuda, exatamente como ela fez.

No dia seguinte, Phymean

vai ao maior depósito de lixo de Phnom Penh, que é alto como uma montanha. Ela se reúne com crianças e pais, observa as tendas de lona onde dormem, vê os caminhões fazendo suas rotas negligenciando a possível presença de

crianças no caminho. Ela vê feridas abertas que nunca cicatrizam. O mau cheiro penetra em todos os lugares. É como ir para o inferno, pensa Phymean.

Formação profissional

Quando as crianças crescem, algumas querem continuar estudando e outras preferem aprender uma profissão. A PIO oferece às crianças ensino de corte de cabelo e maquiagem. Sita, 14, e Srechpich, 15, querem abrir seu próprio salão de beleza no futuro, e Srechpich quer ser designer de moda.



A escola verde de Phymean fica ao lado do antigo depósito de lixo, onde as crianças brincam e as cabras pastam.



É o ano 2002, e a primeira vez que Phymean visita as meninas no depósito de lixo.



Ela se demite do seu emprego, saca todo seu dinheiro do banco e começa a trabalhar no depósito de lixo. A maioria das crianças quer desesperadamente ir à escola, mas os pais estão hesitantes. As crianças precisam ajudar no sustento, caso contrário, a família passaria fome.

No primeiro dia, 25 crianças vêm à escola de Phymean. Depois, vêm cada vez mais. Phymean providencia a primeira torneira que fornece água limpa ao depósito de lixo. Eles também precisam de comida e professores.

Phymean vai ao depósito de lixo todos os dias. Ela é professora, líder, zeladora, conselheira, ela é tudo para as crianças. Lentamente, a escola é construída. Há mais crianças e mais professores, e depois de alguns anos, Phymean abre mais uma escola.



Nunca desista!

Agora já faz treze anos desde Phymean fundou sua organização. São três escolas e um lar para crianças órfãs ou abandonadas. A organização também ajuda as famílias e toda a comunidade em torno do depósito de lixo.

– Nunca desista! Eu penso assim e sempre o digo para as crianças na escola. As crianças aqui têm uma vida dura. Existem gangues, drogas, muita insegurança. Mas ajudamos as crianças a visualizar seus sonhos e trabalhar duro para realizá-

los. Se eu consegui, elas também conseguem. Podemos lidar com tudo que podemos aprender! 🌍



Hor fala de sonhos com Phymean.

Lutem por seus sonhos

Phymean tinha muitos sonhos quando era pequena. Ela sonhava em falar inglês, viajar de avião e ajudar crianças que passam dificuldades. Agora ela fala inglês e já viajou em aviões e helicópteros. E ela ajudou milhares de crianças a terem uma vida melhor.

Agora seu sonho é construir mais uma escola e fornecer ônibus para que crianças de outros bairros possam frequentar suas escolas. Depois, ela sonha em fazer doutorado em uma universidade.

– Mas a universidade terá que esperar até que eu me aposente! diz ela.

Qual é o seu sonho?

– Trabalho no lixão desde que eu tinha nove anos, diz Hor, 16, que trabalha no novo depósito de lixo. Vi muitas crianças soterradas sob o lixo. Aconteceu com dois amigos meus quando trabalhávamos juntos. Consegui sair no último segundo, mas ambos acabaram debaixo do lixo. Quando os encontramos, apenas um deles estava vivo.

– O que você gostaria de fazer em vez de trabalhar aqui? pergunta Phymean.

– Tenho que trabalhar aqui, responde Hor. Eu não sei escrever e não aprendi nenhuma profissão, então não posso sonhar. Não tenho sonho nenhum.

– O quê? Você deve ter um sonho! exclama Phymean.

Eles falam sobre sonhar com o futuro e, finalmente, Hor diz com uma risada:

– Ok, está bem! Eu quero aprender a consertar motocicletas. Assim, posso ganhar um bom dinheiro. Eu realmente quero aprender alguma coisa!

O sonho da escola se realiza



Irmãzinhas

Kean e Phally no casamento do tio em sua aldeia natal.

Grandes irmãs

A irmã mais nova Phally e Kean trabalhavam no aterros e sonhavam ir à escola.



Peça a peça, Kean enche seu saco de plástico. Ela está no fundo de um dos profundos buracos que se espalham por todo aterro. De repente, ouve-se o ruído de um motor e um estrondo que só pode significar uma coisa: lixo sendo despejado! Kean pula para cima e consegue sair do buraco antes que a avalanche de lixo depositada pelo trator comece a encher a cova de onde ela acaba de sair.

Alguns anos antes, quando Kean tem oito anos, ela e sua irmã mais nova, Phally deixam sua aldeia natal no sul do Camboja. Elas se despedem de seus pais e apertam-se em uma minivan com sua avó.

Depois de três horas, elas chegam ao seu destino: o depósito de lixo de Stung Mean Chey na capital, Phnom Penh, onde trabalharão de sol a sol, sete dias por semana.

Um depósito de lixo é um ambiente de trabalho



Meninas que cuidam de si mesmas!

"No Camboja, ainda é comum que meninas não possam ir à escola, pois as famílias acham desnecessário. As meninas se casarão e terão um marido para assumir a responsabilidade por elas. O homem automaticamente é o líder. Mas eu acho que isso é errado! Através da educação mais pessoas podem entender que as mulheres podem ser líderes de sua região ou de sua família. Se uma mulher depende do homem, ela não pode conseguir se manter sem ele. Por isso, quero ensinar as meninas se manter sozinhas. E buscarem realizar seus sonhos!", afirma Phymean.

Foco nas meninas

A organização de Phymean, PIO, ajuda meninos e meninas. Mas Phymean Noun sabe que as meninas são particularmente vulneráveis, aos riscos dentro e fora da família. É mais frequente que elas sejam obrigadas a deixar a escola cedo e começar a trabalhar junto com os pais. Muitas vezes, elas precisam ajudar mais em casa, então têm menos tempo para fazer os deveres de casa e dormir. Por isso, são principalmente meninas que recebem apoio extra da escola, como arroz para a família todos os meses. Os pais devem assinar um contrato em que prometem apoiar a filha em seus estudos e que ela não precosará trabalhar à noite.

perigoso. Kean e Phally logo aprenderão o que acontece com as crianças que não conseguem ficar longe quando as avalanches de lixo começam. Na primeira vez que Kean essa experiência, ela está a poucos metros de distância de um menino, um



Kean, 14

Melhor momento: Quando minha avó nos permitiu começar na escola.

Pior momento: Quando minha avó disse que tínhamos que parar de estudar.

Fica orgulhosa: Quando posso ensinar alguma coisa.

Gosta de: Bordar e dançar.

Tem medo: Do lugar onde a maioria das mortes ocorreu no aterro, onde pode haver fantasmas.

pouco adiante na borda do aterro. O motorista no topo da montanha não os vê, e empurra os detritos sobre o menino.

Kean e todos que veem o menino desaparecer sob o lixo gritam uns para os outros. Adultos e crianças ajudam, e logo o descobrem.

Kean vê como o menino parece absolutamente aterrorizado. Mas no dia seguinte ele está de volta ao depósito de lixo e trabalha como se nada tivesse acontecido. Kean sabe que ele não tem escolha, caso contrá-

rio, não terá o que comer.

Em outra ocasião, apenas crianças veem quando um menino fica coberto pelo lixo. Elas gritam por ajuda, mas embora adultos cheguem após algum tempo, demora muito para desenterrar o menino. Kean observa à distância como eles cavam e cavam. Mais tarde, ela fica sabendo que encontraram o menino morto.

O bebê no saco

Kean tenta ficar longe dos tratores e procura ferro e outros objetos de valor perto



Favorito

O canguru Lily foi batizado com o nome de um voluntário que trabalha na PIO.

Kean e Phally almoçam na escola. Quando trabalhavam no aterro, muitas vezes elas passavam fome, e não gostam de ter fome, especialmente Phally.



A primeira amiga de Phally

Ao chegar ao lar infantil, a primeira nova amiga de Phally foi Leak. "Ela pegou minha mão e perguntou meu nome quando íamos participar de uma brincadeira chamada O gato caça o rato. Todos formam um círculo e há dois times. Duas pessoas são selecionadas para tirar pedra, papel e tesoura (ou par ou ímpar). O perdedor fica com o rato e o vencedor, com o gato. O rato corre do lado de fora do círculo, e o gato o persegue. O time do rato tenta impedir o gato de sair do círculo".



Phally, 13

Tem curiosidade sobre: Neve.

Sente falta: Da avó, que já morreu.

Fica feliz: De poder ir à escola.

Gosta de: Conversar com pessoas novas.

Cor favorita: Amarelo.



dos destroços em chamas. Há outros perigos. Garrafas podem explodir no fogo e espalhar cacos de vidro por toda parte. Mas apenas se deslocar pelo aterro é altamente perigoso. Por várias vezes, Kean cai em poças na altura da cintura formadas entre os sacos de lixo. É impossível vê-las na superfície flutuante de sacos plásticos e outros detritos que se misturam perfeitamente com o resto do lixo. Quem cai nesses buracos e não conse-

gue sair nunca volta a ser encontrado.

Kean e sua irmã procuram lixo para vender todos os dias. Às vezes, elas têm tanta fome que comem comida que outros jogaram fora. Suas roupas também vêm do lixo. Às vezes, elas acham peças inteiras, mas que são jogadas fora porque têm uma pequena mancha. As irmãs têm raiva de pensar que há pessoas ricas, que podem jogar boas roupas e alimentos que não estejam totalmente podres.

Um dia, Kean vê algo que nunca vai esquecer. Ela acaba de começar o dia de trabalho quando vê um grande saco preto. A primeira coisa que ela pensa é que seja algo que pode vender. Ao se aproximar e tocar o saco, ela tem sensação de que ele está cheio de carne. Ela usa o gancho para abrir o saco. O que vê, vai assombrá-la por muito tempo. No saco há uma criança morta.

A mulher com a escola

Um dia, Kean e sua irmã mais nova Phally veem uma mulher pelo depósito de lixo distribuindo máscaras de proteção e conversando com as pessoas que trabalham lá.

Kean e Phally recebem suas máscaras e ouvem atentamente quando a mulher a fala de uma escola. As crianças acompanham a mulher para ver a escola. Phally nunca viu uma escola tão grande antes. Há pessoas novas por toda parte, e Phally fica assustada.



Cama é mundo próprio

Phally tem flores do campo coloridas feitas em dobradura e penduradas no teto acima da cama que ela compartilha com a amiga. As crianças podem fazer flores de quase tudo. Em uma prateleira atrás da cama, Phally guarda coisas, materiais de artesanato, livros, fotos e brinquedos. Quando viviam no depósito de lixo, ela e Kean não tinham coisa nenhuma. Phally junta dinheiro em um cofrinho vermelho. Ela o usa para comprar comida extra, às vezes.



A dança das mãos

Danças cambojanas tradicionais têm muitos movimentos de mão, que as irmãs praticam.



A dança é o maior interesse das irmãs. Elas fazem dança tradicional e hip hop. A PIO tem um grupo de dança que já se apresentou em grandes festivais e na TV. Desta forma, eles podem recolher dinheiro que vai para a escola e o lar infantil.

Mas quando Phymean, a mulher, conta que as crianças podem frequentá-la totalmente grátis, Phally sente uma esperança de que as irmãs possam conseguir ir à escola.

As irmãs contam à avó sobre a visita à escola.

– Podemos começar?

– Não, responde a avó.

Vocês precisam continuar a recolher lixo, caso contrário, vamos todas morrer de fome.

Phally chora e continua a insistir com a avó:

– Não quero trabalhar a vida toda no depósito de lixo.

No fim, a avó concorda. As irmãs podem começar a estudar.

Todos os dias depois da aula, Kean e Phally vão recolher lixo. Tarde da noite, ao chegar ao pequeno galpão

onde moram, elas fazem o trabalho doméstico, enquanto a avó separa o lixo. Em seguida, elas estudam. Elas temem não conseguir acompanhar as aulas, então tentam aprender em casa.

Os dias das irmãs são longos e elas ficam exaustas diariamente. Mas vale a pena. Frequentar a escola é a melhor coisa que lhes aconteceu.

A greve de fome

Um dia, quando Kean chega da escola, a tosse da avó está pior que o habitual. Ela tem TB e está muito fraca. Além

disso, o depósito de lixo será fechado, e as pessoas que ganhavam a vida ali serão obrigadas a ir para as ruas de Phnom Penh. A avó não vai conseguir. Elas têm que voltar para sua aldeia.

Kean e Phally choram por todo o caminho no micro-ônibus. Tudo que elas querem é ficar na escola, mas a avó não quer deixá-las sozinhas.

Em sua aldeia natal, elas plantam arroz do início da manhã até tarde da noite. Kean chora com frequência. Ela pensa na escola e no quanto sente falta das aulas, com o passar dos dias.

A família de Kean e Phally não ouve os argumentos e a insistência das meninas.

Então elas fazem um plano: Não comerão nada até que possam voltar para Phnom Penh e à escola. A greve de fome das irmãs dura vários dias e elas conseguem o que querem. Elas pulam de mãos dadas. Estão tão animadas. E famintas!

Xampu maravilhoso

Elas fazem o longo caminho de volta para a capital. A avó acompanha para garantir que elas podem se mudar para o lar infantil da PIO.

O guarda-roupa de Kean e Phally

As meninas do lar têm uma grande bolsa de maquiagem para compartilhar. Elas aprendem a maquiar umas às outras antes das apresentações de dança. Somaly ensinou às outras como se faz.

As irmãs têm o mesmo tamanho e compartilham um pequeno armário em um corredor estreito no lar infantil. Quando trabalhavam no depósito de lixo, elas tinham apenas as roupas do corpo. Agora têm várias mudas de roupa e podem trocar uma com a outra!

Roupas de dançar

Kean e Phally amam dançar, tanto hip hop quanto danças tradicionais. Uma das danças mais populares se chama Robam Nesat e contém uma grande história sobre a pesca e a vida no rio.





Phally e Kean gostam de brincar de amarelinha. Ela está pintada no asfalto em frente ao lar infantil.



Phally e sua amiga Pich leem livros da biblioteca na última hora do período escolar. Phally gosta de ir à escola. Quando sua avó a levou de volta com Kean à sua aldeia natal, as irmãs fizeram uma greve de fome para voltar à capital e recomeçar a estudar.

Pela primeira vez, elas podem lavar o cabelo com xampu.

– É tão maravilhoso. Trabalho com lixo há tanto tempo e estou acostumada a sempre achar que eu cheiro mal e me preocupar que as pessoas achem que eu sou nojenta. Agora posso finalmente me sentir completamente limpa, diz Phally.

Os pais de Kean e Phally ainda moram na casa da aldeia. No Ano Novo cambojano, em abril, as irmãs vão visitá-los. Elas ajudam os pais a cozinhar e limpar a casa para o feriado. Durante a celebração deste ano, algumas crianças vão até Kean.

– Você pode nos ensinar inglês? E mostrar como se escreve o alfabeto, pedem elas.

Kean fica muito orgulhosa. Ela está feliz por poder ensinar alguma coisa e que as crianças acham divertido aprender. Seus pais a observam mostrar às crianças como escrever as letras. Eles sorriem orgulhosos dela.

– Eu realmente sou uma menina feliz, agora que posso ir à escola. Se eu não tivesse vindo para a PIO, não sei como o futuro teria sido, diz Kean, concluindo sua história. 🌐

Uniforme da PIO

Na escola, todos os alunos usam o uniforme que recebem da PIO. Phally usa este todas as manhãs.



Roupas para recolher lixo

As roupas de Sreynoch para recolher lixo. As crianças que procuram lixo tentam usar roupas que protejam o máximo possível. Idealmente, mangas longas e botas, mas nem sempre estão disponíveis. Kean se cortou várias vezes quando trabalhava no lixão usando mangas curtas e de pés descalços.



Roupas de lazer

Geralmente, calças e camiseta.



Ocasões especiais

A blusa e o jeans favoritos de Kean.

Uniformes escolares

À tarde, Kean vai à escola estadual, então ela troca o uniforme para ter o emblema certo na camisa.



Kean e Phally têm uma cesta de produtos de higiene cada. As escovas de dente são presentes de um dentista que visita anualmente para verificar os dentes das crianças. As crianças no lar da PIO tomam banho várias vezes ao dia. Como viveram sem água limpa por tanto tempo, elas adoram se lavar.



Último dia no depó

Faz 40 graus e não há sombra no aterro. Estilhaços de vidro grudam entre sacos plásticos, e restos de comida atraem enxames de moscas. Sreynich usa seu gancho para procurar coisas no lixo. Ela ainda não sabe que é seu último dia no depósito de lixo...

Sreynich, 14

Sonho: Ser cantora.

Gosta de: Fazer belos penteados nas minhas amigas.

Sente-se confiante com: Minha avó.

Talento secreto: Trocar de roupa super rápido.

Teme: As máquinas do depósito de lixo.

Tem raiva: Que minha mãe não cuida de mim.

Sreynich vive com sua avó em um barraco simples sobre palafitas ao lado do depósito de lixo. – Tenho tanta raiva porque minha mãe me abandonou. Eu a vejo todos os dias, mas ela vive com seu novo marido e não cuida de mim.

Sreynich usa botas e camisas de mangas compridas

como proteção contra cacôs de vidro, agulhas, pregos e metais afiados, mas às vezes se machuca mesmo assim. Ela também usa um boné para se proteger contra o sol escaldante.

As montanhas de lixo do aterro são íngremes. O lixo é depositado rapidamente por tratores, como uma avalanche. Quem está ao pé do monte de lixo quando isso acontece tem apenas alguns

segundos para escapar e não ser enterrado vivo sob o lixo.

Aos dez anos, Sreynich começou a recolher lixo, agora ela tem quatorze. Ela viu pessoas se machucando e morrendo.

– Uma vez vi um menino ser soterrado por uma montanha de lixo. Quando conseguiram encontrá-lo, ele estava morto.

Quando os caminhões de lixo chegam com lixo novo, aqueles que mais se arriscam, geralmente meninos, correm em direção aos caminhões. Eles correm para pegar o lixo mais valioso, e muitas vezes há brigas violentas. As crianças mais novas são cautelosas. Elas não podem se defender contra os mais velhos, nem conseguem fugir rapidamen-



Quer ensinar pobre

“É muito difícil andar de pés descalços no lixão e me cortei no gancho que uso para recolher o lixo. Sinto medo o tempo todo. Vi tratores cobrindo crianças com lixo várias vezes. Prefiro ir à escola, aprender a ler e escrever em inglês e khmer, e tornar-me professora. Vi muitas pessoas pobres que precisam aprender”.

Doeun Viyuth, 13

sito de lixo



te quando os tratores despejam detritos. Muitos adultos e crianças ficam gravemente feridos ou morrem em acidentes em depósitos de lixo.

Sonho realizado

Quando a família vivia na aldeia natal, Sreynich podia ir à escola. Seu sonho é continuar a aprender a ler, escrever e falar inglês. Acima de tudo, ela sonha tornar-se uma cantora. Neste dia, um de seus sonhos se tornará realidade.

O sol está quase no ponto mais alto quando Phymean Noun chega ao depósito de lixo. Sreynich fica curiosa em relação à mulher que fala sobre escola com as crianças no aterro. A avó de Sreynich também fica curiosa. Ela já

ouviu falar da PIO e viu como as crianças têm uma vida melhor depois de começar lá. Ela sabe que as crianças têm perspectivas melhores se frequentam a escola. Sreynich também quer ir para lá.

– Quero ter educação e realmente gosto de aprender coisas, diz ela.

Phymean tem uma vaga no lar infantil e concorda em receber Sreynich. Mas os outros membros da família ficam preocupados. Kao Eak, 20, a tia de Sreynich, tem síndrome de Down e não fala. Há um ano e meio, ela sofreu abuso e ficou grávida. Ela não tem leite materno para seu bebê de nove meses e precisa comprar leite para ele. Para isso, ela usa o dinheiro do lixo que Sreynich recolhe. O que vai acontecer agora?



Só quer ir à escola

“Não quero estar aqui. Eu nunca brinco porque só espero minha mãe. Gostaria de ter uma boneca Barbie, mas não tenho nada. Exceto pelas joias. Mas não quero vendê-las. Eu as encontrei no lixo. Eu só quero frequentar a escola. É por isso que choro. Eu quero voltar para a aldeia e ir à escola.”

Cheat Nary, 5



Somente quando está sentada no banco da escola Sreynich ousa acreditar que poderá frequentar a escola, e começa a sorrir.

O avô não quer que Sreynich vá embora. Ele não quer ficar sem sua ajudante que faz todo o serviço doméstico.

Mas a avó é determinada. Ela diz ao avô e à tia de Sreynich que não há nada mais a discutir. Agora Sreynich vai para a escola!

Segura e feliz

Para chegar à escola da PIO, Sreynich anda de carro pela primeira vez. Ela canta e sorri, mas logo fica enjoada.

A avó sorri. A oportunidade de ir à escola é algo que ela sonhou para sua amada neta. Ela vai passar essa noite com Sreynich para que ela se sinta segura.

Elas se sentam no chão e Phymean apresenta as outras



“Acho divertido fazer belos penteados e inventei uma forma de cortar hashis antigos para usar como grampos de cabelo.”

pessoas que moram no lar infantil. Somaly, que cuida da ala feminina, lhe dá as boas-vindas. Sreynich sente-se fraca após a viagem de carro e os pensamentos fazem sua cabeça girar.

– Sinto-me segura aqui e estou muito feliz, diz ela.

No dia seguinte, sentada à mesa da escola com livros abertos e conversando com o professor, Sreynich sorri. 🌐



Sreynich chegou ao lar infantil da PIO. É a primeira vez que ela vai morar longe de sua avó.



Langeng, 15, mora com a irmã Pich, 13, a mãe e dezessete parentes em um barraco de latão no antigo depósito de lixo. Sua mãe está muito doente, mas precisa trabalhar duro para que a família tenha condições de se alimentar. Langeng a acompanha à noite.

Era pior quando Langeng era pequeno. Ele não estava na escola e recolhia lixo o dia todo.

– Eu estava sempre com fome. Pegava frutas ruins que as pessoas haviam jogado fora, e bebia as últimas gotas que restavam nas garrafas que eu achava.

Langeng e sua irmã viam outras crianças com uniformes e mochilas escolares. Eles pediram e insistiram, e finalmente conseguiram começar na PIO.

– O futebol, a escola e meus amigos me deixam feliz, mas quando penso que minha mãe está doente, fico muito triste. Tão triste que fico com raiva.

Longo dia de



06h00 Acordar

Langeng e Pich dormem lado a lado na cama da família. O mosquiteiro protege contra mosquitos que prosperam no calor úmido.

06h30 Limpo e arrumado

Toda quarta-feira Langeng varre a sala de aula antes do início das aulas, para que esteja limpa quando os colegas voltarem da reunião matinal.



09h30 Pausa para TV

No intervalo, Langeng e seus amigos vão ao quiosque ao lado da escola e assistem ao noticiário.



11h00 Fritada é o melhor

Todas as crianças almoçam no telhado da escola. Sem isso, muitas das crianças passariam fome. O favorito de Langeng são vegetais fritos e muitas risadas ao redor da mesa.



escola e lixo



14h15 Tão cansado, tão cansado...

Langeng cochila depois do almoço quase todos os dias, mas às vezes está tão cansado que dorme na aula de inglês, à tarde. Ele dorme apenas cinco horas por noite, pois o trabalho noturno não fica pronto até tarde da noite.



15h00 Inicia os computadores
A última aula de hoje é realizada nos computadores ou na biblioteca.

17h00 Dez minutos de voleibol

Depois da aula, Langeng come um pouco de arroz e joga voleibol por alguns minutos, antes de começar a trabalhar.



17h15 Começa o turno da noite
Langeng veste as roupas de catar lixo e vai para o centro da cidade, recolher detritos em meio ao trânsito perigoso.



19:00 Lixo valioso

Inicialmente, Langeng e sua mãe procuram separadamente, mas quando escurece, é mais seguro irem juntos. Eles logo colocarão suas tochas de cabeça, para poder enxergar. Eles recolhem papelão, plásticos de vários tipos, jarros e metal, que depois vendem. Cada comprador é especializado em um tipo de lixo, que depois é reciclado.

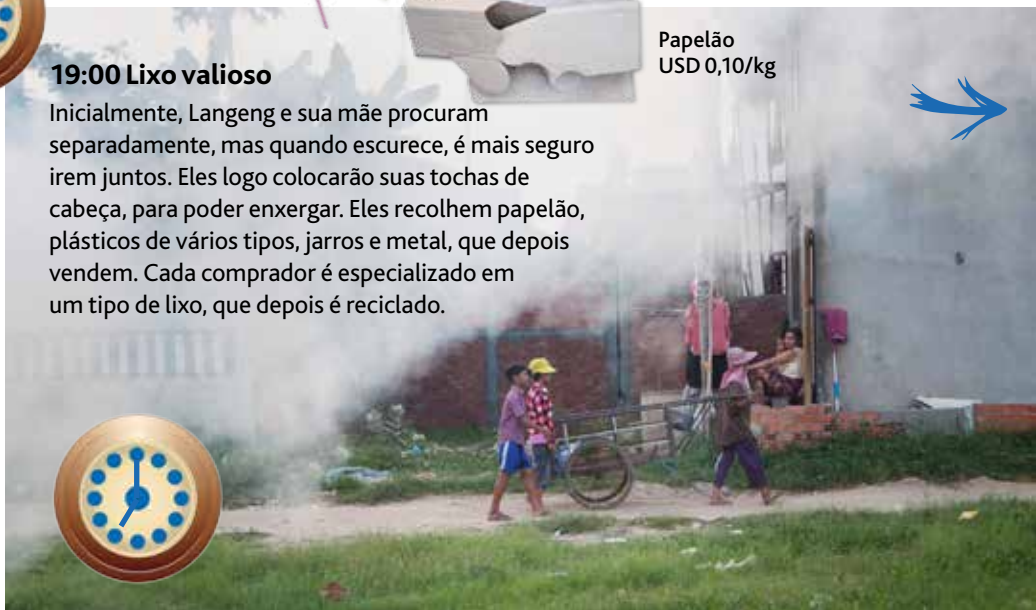


Plásticos e sapatos de borracha
USD 0,10/kg

Canudos
0,13/kg

Garrafas de plástico
USD 0,20/kg

Papelão
USD 0,10/kg





Kong pinta

Srey Kong pintou a vida de sua família no depósito de lixo em Stung Meanchey na parede da escola. O sobrenome da família, Sok, significa feliz, mas os dez irmãos nem sempre tive sorte com ele.

A família Sok foi para a capital, Phnom Penh, porque nunca conseguia alimento suficiente em sua aldeia natal. Eles esperavam ter uma vida melhor na capital, mas acabaram no depósito de lixo. Hoje, quatro dos filhos estão na escola da PIO, onde lutam para alcançar seus sonhos. Mas a família diminuiu e a saudade é grande.

A mãe das crianças adoeceu com hepatite. No fim, ela tinha dificuldade para comer. Um dia, as crianças chegaram da escola e a mãe tinha ido embora. Sem se despedir, ela havia voltado à sua aldeia natal, onde morreu logo depois.

– Nosso pai não podia cuidar de nós depois da morte de minha mãe; por isso, ele trouxe os quatro mais jovens para o lar infantil e nos deixou aqui, diz Srey Kong.

Tristeza e alegria

O trabalho no lixão era difícil, perigoso e mal remunerado. Portanto, quando a irmã mais velha, Phally, conseguiu um emprego em uma fábrica têxtil, eles ficaram animados. Certa manhã, no caminho entre a pequena casa da família no lixão e o trabalho, ela foi atropelada por um caminhão de lixo e morreu instantaneamente. Outra irmã conheceu um homem. Eles viajaram juntos para a Tailândia e se casaram lá. Mas



Srey Kong, 15

"Tenho um ótimo professor de matemática, então, quando tenho dificuldade, posso perguntar e seguir em frente. Quando cheguei aqui, há cinco anos, eu não sabia nada de inglês, nem mesmo ler ou escrever. Estou muito feliz por saber agora. Mas o que sei melhor é pintar!"

logo descobriu que o homem a enganara e não queria viver com ela. Ele a vendeu para um bordel.

Muitas coisas tristes aconteceram e, às vezes, é difícil pensar nelas. Porém, pintar memórias e pensamentos ajuda. As irmãs Srey Kong e Somaly adoram desenhar e pintar. Na PIO, todos os talentos são usados e as crianças aprendem aquilo que as interessam. Todos os domingos, um artista vem ajudar as irmãs a desenvolver seus conhecimentos de diferentes materiais e técnicas. Elas pintaram murais, grandes pinturas em vários muros e paredes da escola. 🌐

21h00 Andando no escuro

O tráfego lota as estradas também à noite. Muitas vezes há acidentes. Só esta noite Langeng ouviu o som de vidro batendo em metal três vezes.



Langeng, 15

Gosta de: Futebol e voleibol, joga sempre que pode.

A melhor coisa: Chegar primeiro ao lixo de uma rua com restaurantes.

A pior coisa: Quando adultos jogam dinheiro fora.

Fica com raiva: Quando alguém diz coisas cruéis sobre minha mãe.

Quer ser: Doutor.

00h30 Ducha noturna

Ao voltar para casa, eles guardam o carrinho de lixo ao lado do barraco. Embora exausto, Langeng toma banho, caso contrário, não conseguiria dormir com coceiras por todo o corpo. Após comer um pouco de arroz, que sobrou do jantar dos outros, ele vai para a cama.



sua história



Somaly, 16

"Estudei até o quinto ano, então aprendi o básico, ler, escrever e um pouco de inglês. Depois, comecei a trabalhar aqui no lar infantil apoiando as meninas mais jovens e aprendi habilidades profissionais. O que mais me interessa é pintar. Mas aprendi várias coisas, corte de cabelo e maquiagem, por exemplo."



Bros Pov, 10

O nome significa "Irmão caçula"
"Se eu governasse o Camboja, ajudaria aos pobres, pois há muitos e sua vida é muito difícil. Gosto de brincar e jogar a bola, e tenho muitos amigos, mas não gosto de brigas. Já vi brigas demais. Também não quero brincar, onde possa me machucar."



Srey Kong pintou um mural no prédio mais antigo da escola. Phymean está no meio com os irmãos de Srey Kong e seus amigos em volta, no depósito de lixo.



"Nossa vida no depósito de lixo"

Phymean



Lyta, 14

"Lembro-me de quando cheguei ao depósito de lixo. A vida lá era difícil e eu me cortava com várias coisas o tempo todo. Alguns dias eu não ganhava o suficiente para comer. Sempre penso em minha irmã, que foi vendida na Tailândia. Tenho muita pena dela e acho que não há chance de que ela volte para nós."

Pin

"Pin é meu amigo desde quando trabalhávamos no lixão. Ele é dois anos mais novo que eu. Agora ele trabalha no novo depósito de lixo", diz Srey Kong.

Talentos devem ser estimulados

Todo domingo um artista e ensina Srey Kong, Somaly e outras crianças muito interessadas em pintura.



Plástico é plástico

Pha e Sinet frequentam a escola da PIO. Sua mãe, Sina, compra plástico e lava em uma banheira do lado de fora da casa. Durante oito horas por dia, ela lava 15 kg de sacos e os pendura para secar. Sacos de plástico que ela compra de um casal que coleta nas ruas.

Não sei o que aconteceu com minha família. De repente, meu pai quis nos deixar, conta Pha. Ele havia conhecido uma nova mulher. Tive que pedalar uma longa distância numa bicicleta velha para ir ao casamento. Eu chorei no caminho até lá.

Antes do divórcio, eles viram o pai bater na mãe muitas vezes.

– Eu chorava e agarrava minha mãe para tirá-la de suas mãos. Mas eu era uma

criança e não podia fazer nada, diz Sinet.

Pha lembra-se da vida no depósito de lixo.

– As pessoas me desprezavam porque eu trabalhava lá, e eu era perseguido e espancado por outros no lixão, diz ele.

Quando o depósito de lixo fechou, a família passou a andar pela cidade com um carrinho, das quatro da tarde à meia-noite. Havia muito lixo para coletar por todo o mercado, mas as pessoas muitas vezes gritavam para eles.

Pha pedala para casa com os 25 quilos de arroz que a família recebe da PIO todo mês. Isso significa que ele não precisa ajudar a mãe no trabalho com o plástico, podendo se concentrar na escola.



Sinet ajuda a mãe a pendurar o plástico para secar.



Sinet adora a vida na escola da PIO.

– Homens pediam meu número e diziam que eu deveria vir deitar com eles. Eu ficava com medo e corria, conta Sinet.

Todo mês, a família recebe 25 kg de arroz da PIO. Isso faz uma grande diferença. Mas a coisa mais importante que eles recebem da PIO é a escola.

– Amo minha vida aqui. Recebemos arroz, uma

bicicleta e as taxas escolares. No futuro, eu quero ser um líder, ou talvez prefira fundar uma organização que ajude mulheres como minha mãe. Mas talvez eu queira ser jornalista, pois adoro ler jornais e conversar com as pessoas. Ou serei fotógrafo, diz Sinet. 🌐

Como funciona a reciclagem

Uma empresa de transporte compra plástico para proteger os bens transportados.

A empresa produz outros produtos de plástico.

O proprietário de uma loja tira o plástico, junta e joga fora atrás da loja.

Os compradores vendem o plástico a uma empresa.

Um casal, que sempre coleta lixo no mercado, coloca o plástico em seu carrinho.

Sina vende o plástico limpo a um comprador.

Sina lava o plástico numa banheira do lado de fora da casa.

Sina, a mãe de Phas, compra plástico de catadores de lixo.



Ratana quer limpeza

Na parede pintada de verde no quarto de Ratana há uma data escrita, 10 de dezembro de 2012. Foi o dia em que ela se despediu da mãe. Desde então, ela mora com o irmão mais novo, a irmã mais velha e um primo da mesma idade em um pequeno quarto.

Temos que cozinhar nossa própria comida. Nenhum adulto faz isso por nós, diz Ratana.

O piso é bem varrido e todas as coisas são cuidadosamente empilhadas em uma prateleira. As crianças comem no chão e dormem em colchões que guardam todas as manhãs antes de ir para a escola.

– É importante para mim que esteja limpo.

Ratana veio para Phnom Penh, com nove anos. Ela trabalhava catando lixo com sua mãe e irmãos. Quando o depósito de lixo fechou, seus pais decidiram ir trabalhar na Tailândia. Eles enviariam dinheiro para casa todos os meses para evitar que as crianças tivessem que recolher lixo. Porém, o que os pais ganham lavando carros na Tailândia não é suficiente.

A PIO fornece um saco de arroz a Ratana todos os meses. Ela e seus irmãos também recebem educação gratuita.

– Apesar de ser grande, tive que começar na pré-escola, com crianças pequenas. Mas estudei muito e o professor me avançou. Eu gosto de inglês e matemática.

Saudade da mãe

A saudade da mãe é grande. Ratana tem uma foto sua em um livro escolar e várias fotos dela nas paredes.

– Tenho vontade de chorar quando penso em minha mãe. Sua saúde não é boa, ela tem um tumor na garganta. Se telefono e ela não atende, fico preocupada que algo tenha acontecido.

Todas as noites antes de ir dormir, Ratana pensa na mãe.

– Há um ferrolho na porta, mas toda noite eu tenho medo. Temo que alguém roube minha moto do lado de fora. E tenho medo porque está escuro e silencioso. Eu fico estudando e durmo tarde toda noite. 🌐



Ratana sente falta de sua mãe, que está na fotografia. Ela está trabalhando na Tailândia. Todas as noites antes de dormir, Ratana pensa nela.

10 de dezembro de 2012 está registrado na parede do quarto das crianças. É a data em que se separaram da mãe.



Quer ensinar turistas

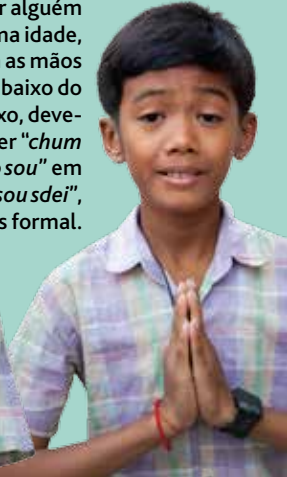
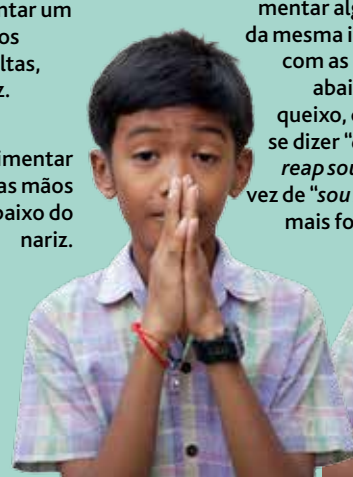
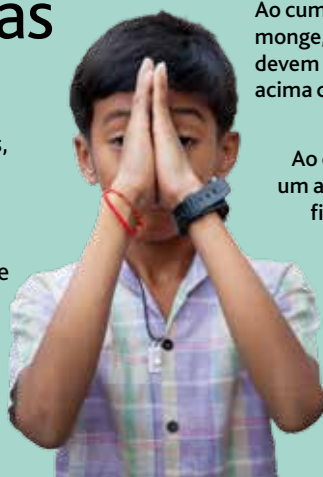
Hin tem 13 anos e frequentou a escola da PIO durante três anos. Ele mora bem atrás da escola com sua mãe, pai e irmãos menores. Durante anos, a família trabalhou no depósito de lixo, mas atualmente apenas os pais trabalham.

– Quero ser guia e ensinar aos turistas sobre a cultura e as tradições do Camboja. Eles geralmente se interessam. Por exemplo, eu posso mostrar como fazer uma saudação tradicional.

Ao cumprimentar um monge, as mãos devem estar altas, acima do nariz.

Ao cumprimentar um adulto, as mãos ficam abaixo do nariz.

Ao cumprimentar alguém da mesma idade, com as mãos abaixo do queixo, deve-se dizer "chum reap sou" em vez de "sou sdei", mais formal.



Por que Javier é nomeado?

Nomeado Herói dos Direitos da Criança • Páginas 52–71

Javier Stauring

Javier Stauring é nomeado ao Prêmio das Crianças do Mundo 2015 por seus mais de 20 anos luta por crianças encarceradas e suas famílias, e pelas vítimas de crimes e seus familiares.

Javier deseja criar a justiça através de reconciliação e diálogo, em vez de punição e vingança. Javier faz de tudo, desde visitar crianças em prisões, apoiar vítimas e persuadir políticos e outros poderosos para que tornem o sistema legal mais amigável para crianças. Javier ajudou a mudar leis e regras que ajudam tanto crianças encarceradas quanto vítimas. Ele ajuda líderes de todas as religiões, de cristãos a muçulmanos e budistas, a trabalhar pelos direitos da criança juntos uns com os outros e com as próprias crianças. O trabalho de Javier contribuiu para todo tipo de coisa, desde dar a avós o direito de visitar seus netos presos, a leis novas e mais amigáveis para crianças, que oferecem a crianças condenadas à prisão perpétua a chance de um dia serem livres.

Nós alteramos os nomes de várias pessoas nos textos sobre Javier.



Javier Stauring ficou chocado na primeira vez que visitou a ala infantil de uma prisão em Los Angeles. Havia jovens de 14 anos isolados quase o dia todo em celas escuras, por períodos de vários meses. Javier protestou, mas foi somente quando duas das crianças tentaram tirar a própria vida que ele conseguiu uma reação.

Tudo começou quando políticos da Califórnia decidiram que crianças suspeitas de crimes graves, como assalto à mão armada ou tentativa de homicídio, haviam perdido o direito de serem tratadas como crianças. Em vez disso, elas seriam enviadas a um tribunal para adultos e condenadas a punições tão duras quanto um adulto. Os políticos aprovaram leis que possibilitaram que mais crianças fossem condenadas à prisão perpétua, embora

tivessem apenas 14 anos. Muitos adultos diziam o seguinte: “Se as crianças têm idade suficiente para cometer o crime, então também têm idade suficiente para receber seu castigo”.

Javier concordava que crianças que cometeram crimes graves deveriam ficar sob custódia até que não fossem mais uma ameaça aos outros ou a si próprias. Mas ele também estava certo de que as crianças podiam mudar se recebessem ajuda. Por muitos anos, ele havia trabalhado como diáco-

no da prisão, uma espécie de conselheiro. Javier dizia às crianças presas para assumirem a responsabilidade pelo que fizeram e escolherem uma vida sem violência e crime. Quase todas que ele conheceu haviam sido submetidas a abuso e violência durante toda a infância. Elas precisavam de apoio, não de punição, dizia Javier.

Mas os políticos pensavam o contrário. Eles diziam: “prendamos e joguemos as chaves fora”, e justificavam que seus eleitores tinham medo das crianças violentas. Jornais e televisão haviam percebido há muito tempo que tinham mais leitores e telespectadores com reportagens sobre crianças e crimes horríveis. As pessoas achavam emocionante, mas também assustador. A sensação de segurança aumentou

Muitos adultos dizem:
"Se as crianças têm idade
suficiente para cometer o crime,
então têm idade suficiente para
receber seu castigo".



quando os políticos prometeram prender as crianças perigosas para sempre.

Prisão em vez de escola

No início da década de 2000, dezenas de milhares de crianças estavam trancadas em centros de detenção juvenil (prisões para crianças) na Califórnia, e centenas de

crianças haviam sido condenadas à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Por 20 anos, cada nova lei sobre crianças e crime determinava penas mais duras. Milhões de dólares foram gastos na construção de mais e maiores prisões, muito mais que a quantia investida em escolas e progra-

mas de prevenção da criminalidade. Simultaneamente, as escolas começaram a denunciar crianças à polícia por coisas que anteriormente causariam uma simples suspensão. Em vez de entrar em contato com os pais, os professores chamavam a polícia quando alunos gazeteavam ou grafiteavam. Famílias pobres eram

sujeitadas a multas pesadas e as prisões de jovens ficaram superlotadas. Um alto juiz disse a Javier: "Devo seguir a lei, mas o que está acontecendo é errado. Nós punimos as crianças com prisão simplesmente por comportarem-se como crianças, e elas perdem a chance de crescer e superar isso".



A cor importa

O risco de ser preso pela polícia e condenado à prisão é muito maior Nos EUA, se você é negro (afro-americano), hispânico (tem raízes na América do Sul) ou nativo americano. Crianças brancas livram-se da prisão e punição muito mais frequentemente que crianças hispânicas e negras, mesmo que tenham cometido o mesmo tipo de delito. Isso inclui tudo, desde gazetear aulas e grafitar a crimes graves e violentos. O maior risco é para crianças negras, que têm nove vezes mais chances de serem enviadas a uma prisão para adultos do que crianças brancas que cometem o mesmo crime. Para crianças hispânicas, o risco é quatro vezes maior.





Isolada no "buraco"

Um dia, Javier deveria visitar Maria, uma adolescente que ele conheceu em um centro de detenção juvenil. Ela havia acompanhado sua irmã adulta quando esta ameaçou uma mulher com uma chave de fenda para conseguir dinheiro. Maria havia sido transferida para uma prisão adulta. Javier estava curioso, pois nem ele nem outros ativistas sabiam como as crianças eram tratadas lá.

Um guarda acompanhou Javier por longos corredores e desceu muitas escadas, para uma ala de isolamento. O isolamento, ou "buraco", como normalmente é chamado, era conhecido como o pior lugar de toda a prisão. Apenas os prisioneiros mais perigosos eram trazidos para cá, como punição, por exemplo, por espancar outro preso ou agredir um guarda. Javier estava confuso. O que Maria tinha feito para acaba aqui?

O guarda parou em frente a uma longa série de portas de metal, e apontou para uma delas. Javier olhou através de um pequeno buraco na porta e viu Maria deitada encolhida em um banco, ao lado da pia e vaso sanitário de aço inoxidável. Javier chamou e ela se levantou lentamente e se arrastou até a porta, magra e pálida, com seu longo cabelo pendurado em tufo.

– Por que estou aqui? ela perguntou, com a voz falha. Estou congelando.

Pesadelo no escuro

Maria não tinha cobertor na cela, apenas um colchão de plástico fino. Os presos no "buraco" muitas vezes ficavam tão desesperados de solidão que queriam morrer. Por isso, que eles não podiam ter roupa de cama, com a qual poderiam se enforcar. Maria conversou com Javier pela abertura na porta. Ela havia sido transferida diretamente da prisão juvenil para a cela escura sem janelas, pela manhã. A única luz vinha do corredor, através da abertura.

– Perguntei aos guardas por que não acenderam as luzes quando amanheceu. Eles disseram: "Este é o buraco. Nós nunca acendemos as luzes aqui".

Maria não pode sair da cela por mais de um mês, nem mesmo para tomar banho ou telefonar para a mãe.

– Estou perdendo a cabeça, disse Maria. Ela tinha medo quando os adultos nas celas gritavam e brigavam. Uma presa havia enfiado o braço pela abertura da porta e tentado tocá-la. Outra costumava contar sobre como matou o próprio filho.

– Eu vou fazer tudo que puder para tirá-la daqui, disse Javier.



Enquanto Maria estava na prisão juvenil, ela frequentava a escola e, como estas meninas, participava dos cultos da igreja aos domingos.

Exige mudança

Javier protestou às autoridades prisionais, mas disseram que tinham que manter Maria isolada. Em uma ala típica, ela poderia ser espancada e até mesmo estuprada. Javier conseguiu um advogado que prometeu tentar ajudar Maria. Depois, ele exigiu começar a visitar também os meninos, que estavam em outra parte da prisão. Eles eram tão numerosos que a prisão tinha aberto ala especial para crianças, com 40 celas de isolamento sem janelas. Os rapazes ficavam presos pelo menos 23 horas por dia e saíam apenas para tomar

banho e, às vezes, telefonar para casa. Durante um total de três horas por semana, eles podiam caminhar em um pequeno cercado no telhado, um a um, para obter luz do dia e exercício. Às vezes, um professor entregava um papel com deveres escolares através das barras.

Javier e muitos outros – capelães prisionais, organizações juvenis, juízes e advogados – protestavam contra o tratamento desumano. O advogado que ajudou Maria acabou conseguindo que ela voltasse para a prisão juvenil. Mas os meninos continuaram ali, e Javier os via cada vez



"Mãos nas costas", dizem os guardas às crianças.



Adam, 12, sente saudades de sua família.



O que houve com Maria?

Maria não estava acostumada à luz do dia, quando voltou para o presídio juvenil. Quando o ônibus deixou a garagem da prisão e o sol brilhou pelas janelas, seu nariz começou a sangrar. Maria ficou tonta e seus olhos doíam. Durante muito tempo, ela teve que ficar na enfermaria da instituição juvenil.

Sete meses depois, ela foi libertada e sua mãe foi buscá-la.

– Eu me agachei no chão do carro e pedi à minha mãe para ficar de olho no espelho retrovisor, pois pensei que eles viriam me pegar. No começo, eu tinha dificuldade para lidar com pessoas. E ainda hoje, depois de mais de dez anos, não consigo lidar com espaços apertados.

Maria concluiu a escola e obteve ajuda de Javier para remover suas tatuagens de gangue. Hoje, ela trabalha em um restaurante e participa ativamente do projeto Baby Elmo, que ensina pais presos a assumir responsabilidade por seus filhos.

– Eu visito as mães na prisão e digo que elas precisam quebrar o ciclo. Nada é mais importante do que a educação. Tenho dois filhos e meu maior medo é que eles cometam o mesmo erro que eu. Meus filhos não podem ficar nas ruas, eles vão à escola.

Através deste tipo de abertura, para passar comida pela porta da cela, Javier conversava com Maria na prisão.

mais magros, mais pálidos e mais calados. Ele tentou convencer o maior jornal de Los Angeles a escrever sobre isso, mas eles não achavam que os leitores se interessavam por crianças que cometeram crimes. Meses se transformaram em anos. E, um dia, aconteceu algo que não deveria. Dois meninos de 14 anos tentaram

se enforcar em suas celas, mas foram salvos no último momento.

Foi a gota d'água para Javier. Ele convocou uma conferência de imprensa em frente à prisão e agora, finalmente, os jornalistas vieram.

– O que fazem com as crianças ali dentro é pecaminoso, disse Javier, apontando para o

presídio. No dia seguinte, telefonaram da prisão dizendo: “Você não é bem-vindo aqui”. Eles argumentaram que Javier tinha prometido não contar a ninguém o que acontecia na prisão. Mas Javier tinha autorização das crianças e de seus pais. Ele processou a prisão por tentar tirar sua liberdade de expressão.



Javier sente-se energizado ao falar com as crianças.



Javier teve que lutar arduamente para conseguir permissão para voltar a visitar as crianças na prisão.

Foto: Genaro Molina.





O trabalho de Javier

Javier trabalha em conjunto com muitos outros – ativistas, organizações e agências – e, entre outras coisas:

- Desenvolveu programas que fornecem a crianças detidas acesso à educação, aconselhamento, cultura e esportes, o que pode ajudá-las a obter uma vida melhor.
- Desenvolveu programas onde famílias de vítimas e de jovens encarcerados se encontram e se apoiam mutuamente, e podem seguir com suas vidas graças ao diálogo, em vez de punição e vingança.
- Deu a crianças presas a oportunidade de serem visitadas por seus avós (anteriormente, apenas os pais podiam), e aumentou o número de dias de visita.
- Conseguiu aprovar novas leis que, entre outras coisas, ajudam jovens condenados à prisão perpétua e protegem crianças e jovens da violência e abuso quando estão presas com adultos.
- Organizou um protesto para acabar com o isolamento e maus-tratos de crianças presas.
- Ofereceu a líderes de diferentes religiões a oportunidade de trabalhar por mudanças junto com crianças detidas e vítimas da criminalidade, escolas, universidades e organizações.

→ Dois anos depois, Javier venceu no tribunal. O presídio mudou suas regras e lhe permitiu voltar a visitar as crianças. Não muito tempo depois, a ala dos meninos foi fechada, e determinou-se que ninguém poderia ser transferido para prisões de adultos até a idade adulta.

Sempre excluído

Javier nasceu em Los Angeles, mas mudou-se para o México, quando tinha nove anos. Pouco tempo depois, seu pai morreu e Javier sentiu-se excluído em seu novo país. Ele era um americano, “um gringo” que falava um espanhol ruim. Todos na escola tinham um pai em casa. Na adolescência, Javier começou a andar com rapazes mais velhos que arrumavam brigas na cidade para mostrar o quanto eram durões. Quando ele tinha 19 anos, a família mudou-se de volta para Los Angeles.

– De repente, eu era um mexicano imigrante nos EUA, diz Javier hoje. Eu sempre me senti como um “estrangeiro”. Provavelmente seja por isso que eu pude entender as crianças nas prisões. Quando elas falavam de sua vulnerabilidade, eu percebia que não eram tão diferentes de como havia sido quando criança.

Foi a mãe de Javier que sugeriu que ele visitasse crianças presas. Ela era voluntária em sua igreja, e achou que Javier se sentiria bem ao fazer uma boa ação. Naquela época, ele trabalhava como vendedor no ramo de joalherias.

– Eu não entendia porque deveria perder meu fim de semana em uma prisão, quando poderia deitar na praia ou ver futebol na TV, diz Javier. Além disso, eu estava com medo. Já tinha visto essas crianças em notícias na TV, membros de gangues que atiravam em inocentes.



Uma placa do lado de fora de uma detenção juvenil avverte que a área é patrulhada por guardas com cães.

Abriu os olhos

Antes da primeira visita, Javier estava nervoso, mas logo estava visitando as crianças várias vezes por semana.

– O que realmente abriu meus olhos foi acompanhar as crianças em suas audiências. Eu tinha ouvido suas histórias de vida difíceis, e sentar ao seu lado quando eram condenadas a 75 anos ou prisão perpétua me chocou. Senti que era meu dever lutar pelos seus direitos.

Depois de alguns anos, Javier deixou seu emprego bem remunerado.

– Não funcionava ver colegas reclamando quando não atingiam a meta de vendas de um milhão de dólares e, na mesma noite, confortar uma criança de 14 anos que passaria o resto da vida na prisão. Eu decidi investir meu tempo e energia naquilo que significava algo.

Agora Javier trabalha para a diocese católica em Los Ange-



les há vinte anos, com “justiça restaurativa”. Isso significa tentar obter justiça “reparando” os danos causados por métodos outros que a punição, como por meio de conversas, educação e serviço comunitário. É importante alcançar todos os afetados pelo crime, explica Javier.

– Uma das coisas mais importantes que fazemos é organizar reuniões entre as famílias das crianças que cometeram crimes e as famílias das vítimas. Temos grupos em que mães de crianças que receberam penas de prisão perpétua conhecem as mães cujos filhos foram assassinados. Todas elas perderam seus filhos, e quando contam suas histórias, podem compreender e consolar umas às outras. É muito curativo.

Desde que se tornou chefe, Javier precisa ir a muitas reuniões, encontros com políticos e cientistas, e gerenciar a papelada. Mas ele nunca pensa em

Javier e crianças da prisão se cumprimentam “tocando as juntas” das mãos uns dos outros.

deixar de visitar as crianças presas. Ele é grato à sua esposa e três filhos, que o apoiam, embora seu pai muitas vezes passe fins de semana e noites na prisão.

– É o contato com as crianças e suas famílias que me faz continuar. Elas precisam saber que eu e muitos outros lutamos por elas e por um futuro melhor. Que não são esquecidas. 🌐

Argumentos que funcionam

Para convencer políticos e seus eleitores, Javier e seus associados usam argumentos econômicos e científicos. Por exemplo, as pesquisas mais recentes dizem que nossos cérebros não estão totalmente formados até os 25 anos de idade. Adolescentes se comportam de maneira muito diferente de adultos, pois seus cérebros funcionam de forma diferente. Isso é particularmente verdade para as partes que controlam as emoções e impulsos, a capacidade de planejar e pensar no futuro. Mas o que realmente convenceu políticos foi que eles poderiam economizar centenas de milhões de dólares ao deixar de encarcerar tantas crianças. Desde 1990, a Califórnia havia gastado entre 66 e 83 milhões apenas para prender os condenados à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional, por crimes cometidos quando eram crianças. Mantê-los na prisão até que morram custaria cerca de meio bilhão de dólares.





Dar às crianças a chance

de uma chance

Na Califórnia, há mais de 300 jovens condenados à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional, por crimes cometidos quando eram crianças. Os EUA são o único país do mundo que condena crianças à prisão perpétua.

É uma pena reservada aos piores entre os piores, aqueles que não parecem capazes de mudar, diz Javier. Mas crianças são diferentes de adultos, elas crescem e amadurecem. A lei deve levar isso em conta.

Javier e a advogada de direitos humanos Elizabeth Calvin começaram uma campanha, junto com outros ativistas, para dar às crianças a chance de uma segunda chance.

– Não dissemos que alguém condenado por um crime grave quando criança deveria ser libertado imediatamente. Apenas desejamos que recebam uma chance de mostrar que mudaram depois de certo número de anos. Se

eles já não fossem uma ameaça à sociedade, estariam livres.

Todos ajudaram

Muitas pessoas ajudaram na campanha. Crianças que haviam estado presas, vítimas e suas famílias participaram de cursos sobre como falar com funcionários públicos, políticos e os meios de comunicação. Depois, realizaram conferências de imprensa, escreveram cartas, telefonaram e visitaram todas as pessoas que pudessem influenciar. Um pai disse: “Quero que o assassino do meu filho seja punido, mas também quero que essa pessoa tenha uma chance de mudar”.

Ex-policiais, gestores pri-

sionais e os procuradores também endossaram a campanha. Eles geralmente costumavam apoiar somente punições mais severas, mas muitos tinham visto com os próprios olhos o quanto jovens podem mudar quando ficam mais velhos. Portanto, eles mereciam mais uma chance.

Luta longa

Javier convidou líderes de igrejas, templos e mesquitas para visitar as crianças. Muitos estavam relutantes, mas mudaram de posição. Um pastor disse: “Eu marchei com Martin Luther King, viajei por todo o mundo e apertei as mãos de vários pre-

Crianças de organizações na rede de Javier, aqui, da Youth Justice Coalition, participaram da organização da campanha contra a prisão perpétua para crianças.

sidentes, mas nada me afetou tanto quanto falar com essas crianças”. Outro padre disse: “Jesus não teria jogado fora essas crianças. Ele não diria que elas não têm valor”.

Levou alguns anos, mas hoje, depois de muitos contratempos, existem várias leis novas que ajudam as crianças. Uma delas, de 2013, dá aos condenados à prisão perpétua a oportunidade de se candidatar à liberdade condicional depois de 25 anos de prisão e ter uma nova chance de uma vida melhor. 🌐

Um dia no presídio juvenil

Em uma ala especial em um centro de detenção juvenil na Califórnia, há cerca de 40 jovens em confinamento solitário. A segurança é alta, com portões pesados, cercas e arame farpado. Alguns estão aguardando julgamento, outros já foram condenados a longas penas de prisão.

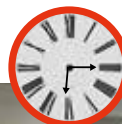


22h00 Supervisão

Na sala de controle, a equipe mantém o controle de tudo e todos.

4h00 Transporte

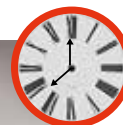
Marcus, 15, tem julgamento hoje e usa roupas específicas de transporte, algemas e grilhões. Logo, ele está em uma pequena jaula no ônibus, a caminho do tribunal.



6h15 Despertar

Peter, 16, corre para o banheiro.

– A porta da cela está sempre trancada. Se precisarmos ir ao banheiro, temos que gritar para os funcionários. Você se sente como um cão. Às vezes, não consigo pedir ajuda, e urino na minha toalha.



07h30 Banho rápido

O banheiro tem janelas de vidro e paredes baixas entre os sanitários. Cada um pode ficar três minutos no chuveiro.

– Uma vez por semana, recebemos uma muda de roupa e uma toalha nova. A pior coisa é não ter sua própria roupa de baixo, diz Thomas. Ele costuma colocar as calças compridas na prensa sob o colchão para ter vincos bonitos.



08h00 Ordem perfeita

Eric, 17, faz a cama.

– A cama deve estar perfeita, caso contrário, temos que refazer.





08h30 Aula ou igreja

Quando vão para a escola ou igreja, os jovens mantêm as mãos atrás das costas, para reduzir o risco de contato ou brigas com funcionários. Meninos e meninas que ficam em alas diferentes da instituição.

12h00 Almoço

Uma grande sala é usada como refeitório e sala comum para outras atividades. Cadeiras e mesas são aparafusadas ao chão. Acontece de alguém que, por exemplo, acaba de receber uma sentença de prisão perpétua, surtar e querer derubar móveis. Aqui não é possível.



13h00 Aula ou visita

Nos fins de semana, é tempo de visita. Antes, apenas os pais podiam visitar as crianças, uma vez por semana. Javier e sua equipe conseguiram que avós também possam vir, e aumentaram a frequência para dois dias.



Alguns quase nunca recebem visitas.

– Meu filho é muito pequeno para visitar, diz Daniel, 17, que é condenado à prisão perpétua. Quando ele ficar mais velho, direi a ele para não seguir meus passos. Ele vai seguir seu próprio caminho e pensar antes de fazer algo estúpido. Eu fiz tudo para me encaixar e mostrar à minha gangue o quanto eu era durão. As drogas, metanfetaminas, me tornaram uma pessoa patética e nojenta. Quando lembro como eu era, fico muito decepcionado comigo mesmo. Agora finalmente tirei a minha máscara, mas é tarde demais.



15h30 Movimento

– Temos uma hora por dia ao ar livre. É bom estar no sol, diz James, 15.

Muitos se exercitam muito e com frequência em suas celas.

– É para desenvolver os músculos antes de sermos transferidos para o presídio de adultos. Lá, qualquer coisa pode acontecer, e preciso ser capaz de me defender, diz um menino. As celas têm 3,5 x 3 metros. Você só tem alguns itens pessoais, como livros e cartas, e um máximo de cinco fotografias.



18h00 Javier visita

Depois do jantar, Javier vem apoiar os meninos e conversar sobre a vida e o futuro. Eric, 17, vai para seu julgamento amanhã, e está com medo. Seus amigos e Javier o apoiam.



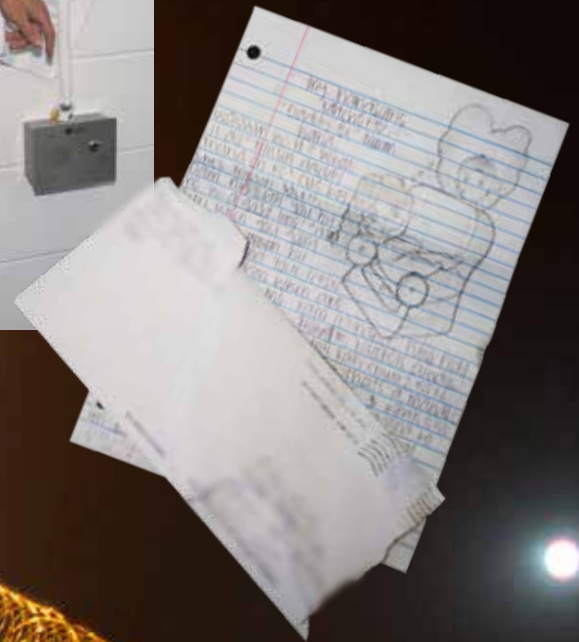
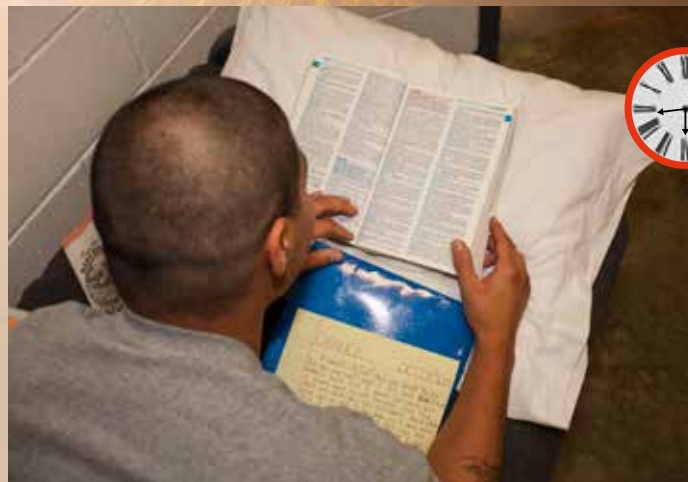
20h00 Telefonema para casa

Ninguém pode telefonar para os meninos. Eles podem usar um telefone público para fazer chamadas a cobrar. Isso fica caro para muitas famílias. As filas para o telefone muitas vezes são longas, portanto o tempo de conversação é limitado. Computadores e correio eletrônico são proibidos. Cartas de e para amigos e família são abertas e verificadas pelos funcionários.



20h30 Na cela

Michael é um dos poucos que receberam uma nova chance. Em vez da prisão perpétua, ele será libertado em breve e poderá ir para um colégio interno, longe de gangues e drogas. – Isso dá esperança a outros rapazes, diz ele.



Joseph, 17 (abaixo) recebeu uma flor de seus pais e usa a última meia hora com a lâmpada acesa para criar uma obra de arte em sua cela.



21h00 Luzes se apagam

Agora as portas estão fechadas até a manhã seguinte. Eric está com medo. Ele reza antes do julgamento de amanhã, para não receber uma sentença de prisão perpétua. Depois, ele fica acordado por muito tempo na escuridão.



Mais de 3 penas de



David tem uma filha pequena que ele quase nunca encontrou.

– Sua mãe não quer que tenhamos contato, mas eu faço desenhos e envio para ela mesmo assim.

David tinha 16 anos quando um de seus amigos de gangue atirou contra dois rapazes na rua. Ninguém ficou gravemente ferido e David não puxou o gatinho. No entanto, ele foi condenado por tentativa de homicídio à prisão perpétua, sem possibilidade de liberdade condicional.

David e seus três irmãos mais novos foram criados por uma tia. O pai deles entrava e saía da prisão, mas a mãe visitava algumas vezes. Um dia, ela levou os irmãos mais novos e desapareceu. David foi deixado sozinho. À noite, ficava acordado e, muitas vezes, pensava: “Por que ela não me quer?”. Ele tentou encontrar todas as explicações possíveis, mas nada parecia certo. Os primos importunavam David, porque ele não tinha pais. Aos sete anos de idade, ele perguntou à tia por que não podia ficar com a mãe.

– Está difícil para todos no momento, ela respondeu.

Alguns anos mais tarde, quando David estava no quinto ano, sua mãe voltou e o levou de volta ao México. Mas lá ele foi abandonado novamente. Seu pai quase nunca ficava fora da cadeia tempo suficiente para encontrá-lo. David acostumou-se ao fato de que os pais não podiam cuidar dele.

Uma nova família

David morava em um bairro pobre e perigoso. Seu tio era um membro de gangue e

David o tinha como modelo. Ele também admirava o estilo e a forte união da gangue. Aos treze anos, David perguntou se podia se juntar à gangue.

– Não, a escola é mais importante, disse o tio. Os outros membros da gangue também o achavam muito novo. Mas David abandonou a escola e finalmente conse-

prisão perpétua

guiu “invadir” a gangue. Isso significa que dois membros da gangue o espancaram fortemente por alguns minutos. Em seguida, deram-lhe uma arma e disseram de devia estar preparado para tudo.

O tio de David ficou indignado.

– Seguir este caminho só leva à prisão ou à morte.

No mesmo ano, um dos antigos colegas de Davi também foi baleado e morto em uma briga de gangues. Mas nessa época ele já havia começado a usar tantas drogas que não conseguia sentir medo ou tristeza.

O começo do fim

A quadrilha se tornou a família que David nunca tivera. Quando não estava trabalhando com seu tio, que era

trabalhador da construção civil, ele ficava com seus novos amigos dia e noite. Uma manhã, eles brigaram com rapazes de outro bairro. Um dos amigos de gangue mais velhos decidiu ir à casa de David buscar sua arma.

– Isso é uma má ideia, disse David quando ele entregou a arma. E estava certo. Não muito tempo depois, seu amigo atirou contra os dois rapazes e acertou um deles. David ficou parado, vendo-o cair. Mais tarde naquele dia, ele foi preso pela polícia.

O julgamento começa

O rapaz foi atingido apenas superficialmente e pode deixar o hospital no mesmo dia. Mas, de qualquer forma, os tiros foram considerados como tentativa de homicídio,

e determinou-se que o julgamento de David seria realizado em um tribunal para adultos, embora ele tivesse dezesseis anos. O promotor deu-lhe uma sugestão:

– Se aceitar uma pena de prisão perpétua, você evita o julgamento e terá a chance de se candidatar à liberdade condicional depois de 25 anos. Mas David não aceitou. Ele não sabia muito sobre a lei, mas ele não tinha atirado em ninguém! Por que deveria ficar 25 anos na prisão?

David ficou sete meses na detenção juvenil antes do primeiro dia do julgamento. Às quatro horas da manhã, ele foi para o tribunal no ônibus da instituição, acorrentado com algemas e grillhões. O advogado de defesa o fez vestir um terno, dizendo que ele



David, 22

Mora: No presídio Calipatria.

Gosta de: Desenhar, escrever poesia, jogar futebol.

Fica triste: Quando penso em minha família, e como a vida poderia ter sido.

Sente falta: Da minha filha.

Sonho: Ser livre.





devia esconder sua tatuagem de gangue. Quando David entrou na sala do tribunal, ele parecia tão pequeno e magro que o júri, doze homens e mulheres de diferentes idades, pareciam sentir pena dele. Mas o promotor disse:

– Este rapaz não é tão ino-
cente quanto parece!

Em seguida, ele mostrou fotos antigas que a polícia havia tirado de David e suas tatuagens. Um especialista em quadrilhas testemunhou, descrevendo David como um dos piores entre os piores.

A decisão do júri

O julgamento durou uma semana e meia. Depois, o júri se retirou para deliberar.

David esperou sozinho em uma cela pequena, fria e suja.

Ele fechou os olhos com força e disse a si mesmo: “Esteja preparado para o pior”.

Depois de uma hora, o júri estava pronto. David foi trazido de volta para a sala e viu sua tia, mãe e namorada sentadas nos bancos.

– Eu amo vocês, disse ele, antes que um guarda o prendesse à cadeira com algemas.

Um jurado levantou-se e leu em um papel: “culpado”. David ficou gelado por dentro, embora isso fosse esperado. A juíza olhou com severidade para ele.

– Eu deveria me sentir mal, por dar-lhe um castigo duro? perguntou ela. Você é tão encantador e parece tão jovem e inocente. Você parece um anjinho.

David estava confuso com

suas palavras bonitas. A juíza fez uma pausa e continuou:

– Mas é exatamente isso que me assusta.

Sentença dura

A juíza disse que David nunca teria chance de cometer novos crimes. Ele foi condenado a três penas de prisão perpétua mais 20 anos, sem possibilidade de liberdade condicional. A pena tornou-se automaticamente mais dura por ele estar em uma gangue.

David começou a chorar quando foi levado de volta para a cela. Um dos guardas, um grande homem com um rabo de cavalo, deu-lhe dois pedaços de goma de mascar e disse:

– Não se preocupe com ela. Você sabe quem você é. E pode conseguir apelar da decisão.

Havia apenas dois ônibus por dia entre a prisão juvenil e a corte, assim, David teve que esperar em sua cela durante horas. Ele tentou dormir no beliche de concreto, mas era muito frio. Seu advogado de defesa veio por um curto tempo. Ele estava irritado.

– Eu falei para aceitar a

sugestão do Ministério Público, disse ele.

Quando David chegou à prisão, à meia-noite, todos sabiam o que tinha acontecido. Os funcionários tinham colocado uma nota na porta de sua cela dizendo que deveriam bater a cada meia hora, para que ele não se matasse.

Nenhuma visita

Quando David completou dezoito anos, a instituição fez uma festa de despedida.

Depois, ele foi transferido para um dos infames presídios de adultos da Califórnia.

– Eu estava com muito medo, ele conta hoje. Eu compartilhava a cela com um homem mais velho, que tentou me acalmar. Ele disse: “Você é tão jovem, sua gangue vai cuidar de você lá. Basta ficar longe das drogas, jogos de azar e da violência”.

Apenas algumas semanas depois, o presídio foi abalado por um motim violento entre gangues. Muitos foram esfaqueados e espancados com armas contrabandeadas ou caseiras. Prisioneiros e guardas ficaram feridos. Embora a maioria não tivesse participa-





Se algum dia eu sair daqui, quero trabalhar com crianças e ajudá-las a tomar decisões melhores do que eu fiz.

do da briga, todos os presos foram punidos com a proibição de visitas e telefonemas por um ano inteiro. David e os outros prisioneiros quase nunca podiam sair de suas celas.

– Os guardas nos chamavam de “fantasmas”, pois ficamos completamente brancos por nunca poder ficar ao ar livre e tomar sol.

Adeus à gangue

David está condenado a morrer na prisão. Ele espera que as novas leis sobre as quais Javier falou possam lhe dar

uma chance de sair em 20 ou 30 anos. Mas, neste caso, ele não poderá se envolver em apuros. Por isso, ele acaba de se mudar para outra parte da prisão, onde pessoas que querem deixar o mundo das gangues recebem proteção. Foi uma decisão muito difícil.

– Minha turma era minha família e, por um tempo muito longo, eles cuidaram de mim aqui. Mas eu estava tão cansado de usar uma espécie de máscara o tempo todo. Eu via pelo menos um ataque com faca por semana. Não gosto de ver as pessoas se machucarem, e não queria machucar ninguém. Quero viver e talvez ter a chance de conhecer minha filha um dia. Mesmo que isso signifique que eu tenho que cortar laços com minha gangue. 🌐

David quase nunca recebe visitas. Todos seus parentes se mudaram de volta para o México. Mas Javier o visita, e isso significa muito.

– Eu nunca tive um pai na minha vida, então Javier preencheu o vazio. No começo, fiquei desconfiado, mas ele não desistiu. Ele me conta coisas que eu nunca ouvi antes. Ele me dá esperança e tem expectativa de que eu faça coisas que eu não ousaria. Javier me faz sentir que não estou esquecido.



Michael tinha 15 anos quando foi preso pela polícia por cinco tentativas de homicídio. Ele foi condenado à prisão perpétua e ficará trancado atrás de muros altos e cercas elétricas pelo resto da vida.

Condenado a morrer na prisão

Eu cresci na miséria, como muitas crianças em minha situação. Minha mãe era alcoólatra e meu pai era viciado em drogas. Mas ele desapareceu e eu e meus irmãos passamos para o cuidado de serviços sociais. No início, nossa avó cuidou de nós, mas logo fomos para diferentes lares adotivos. Após algum tempo, minha mãe quis todos nós de volta, mas minha avó só a deixou ficar comigo e meu irmão mais novo.

Roubava para comer

Com minha mãe, vivíamos na pobreza absoluta, em um gueto onde havia muitas gangues e drogas. Morávamos em uma caravana sem janelas, apenas com sacos de plástico translúcido no lugar do vidro. O teto e o piso estavam prestes a cair. As portas não tinham maçanetas, porque elas frequentemente eram arrancadas pela polícia.



Michael, 20, está detido há cinco anos.

Minha mãe geralmente me deixava sozinho com meu irmão mais novo por semanas a fio. Recebíamos desjejum e almoço gratuitos na escola. Nos fins de semana, eu levava meu irmão ao parque onde distribuía alimentos para pessoas em situação de rua todos os domingos. Logo comecei a roubar para cuidar de nós. Eu roubava roupas e comida. Mas, quando eu tinha dez anos, minha mãe passou a ficar mais em casa, e não gostava que eu roubasse para colocar comida na mesa. Então, ela me expulsou. Daquele dia em diante, eu vivi principalmente na rua.

Aprendi a sobreviver

Quando eu tinha onze anos, entrei para uma gangue. A gangue me ensinou a ganhar dinheiro roubando pessoas e vendendo drogas. Tínhamos muitos inimigos em outras gangues, que queriam matar a mim ou a alguém que eu amava. Aprendi a odiá-los tanto que esqueci quem eu era. Eu não me importava mais nem com o dinheiro. Só queria machucar mais os membros de outras gangues, cada vez que eles me espancavam, disparavam contra mim ou matavam meus amigos.

Comecei a usar drogas pesadas, como cocaína, crack e metanfetamina. Eu tinha onze anos e minha mãe não me queria em casa, então eu dormia em moitas, debaixo de pontes ou em toaletes. Meus companheiros de gangue também não queriam cuidar

Michael tinha doze anos quando foi preso pela primeira vez. Quando foi da prisão juvenil para o tribunal, ele usou um macacão laranja. Ele tem algemas e grilhões presos a uma corrente em volta da cintura. "É difícil andar, você começa a se arrastar", explica ele.





de mim. Deram-me uma arma e disseram que eu devia me virar.

Preso pela primeira vez

Vivi na rua até os doze anos. Nessa época, alguém tentou atirar em mim de um carro, mas eu atirei primeiro e sobrevivi. Fui preso, mas não fui condenado por tentativa de homicídio, apenas por ter disparado uma arma contra um carro.

Depois de um curto período no presídio juvenil, fui libertado. Minha mãe não me deixou ficar em sua casa, então logo estava de volta à rua com minha gangue. Agora eu estava dez vezes pior. Não temia mais acabar na cadeia, pois havia estado lá e sabia como era. Eu havia obtido uma nova visão da vida. Pensava que, se conseguisse ferir tantos inimigos quanto possível, eu podia impedi-los de

ferir a mim ou meus amigos no dia seguinte. Portanto, eu continuava fazendo o máximo de estrago que podia. Esqueci quem eu realmente era, apenas uma criança de doze anos.

Guerra nas ruas

Eu tinha um supervisor que deveria ficar de olho em mim quando foi libertado da prisão. Ele me mandou para um lar de grupo, porque eu vivia na rua. Morei lá por uns dois



Você sabia?

- Quase metade das pessoas condenadas à prisão perpétua por assassinatos cometidos quando eram crianças não estavam fisicamente envolvidas, por exemplo, disparando uma arma. Alguns estavam ao lado quando alguém atirou ou atacou. Outros estavam vigiando, por exemplo, do lado de fora de uma loja, enquanto seus companheiros realizaram um assalto.
- Nos casos em que a criança tinha um cúmplice adulto, este pegou uma pena menor do que a criança, em mais da metade dos casos.
- 85 por cento das pessoas condenadas à prisão perpétua na Califórnia por crimes cometidos quando eram crianças, são negras (afro-americanas) ou latinas (têm raízes na América do Sul).

O que são gangues?

Michael entrou para uma gangue de Los Angeles (LA), quando tinha 11 anos. Há gangues em LA desde a década de 1940. Tudo começou quando racistas brancos foram para bairros mexicanos-americanos e atacaram os jovens lá. A polícia não fez nada, por isso muitos jovens mexicanos-americanos se uniram para defenderem uns aos outros e à sua vizinhança. Eventualmente, algumas das gangues começaram a lutar entre si, para ver qual bloco era melhor e quem era mais forte. Algumas evoluíram para gangues criminosas, que brigavam pelo direito de vender drogas em uma área específica. Na década

de 1980, muitas gangues passaram a usar mais armas e vender drogas mais perigosas. Nos últimos anos, a criminalidade caiu, mas ainda há centenas de gangues em toda LA, e de todos os grupos étnicos diferentes. Crianças que crescem em uma área onde as gangues são fortes, muitas vezes se sentem compelidas a participar, para fazer amigos e ter proteção. Quando se entra, é difícil sair sem ficar em apuros. Muitos altos líderes de gangues são condenados à prisão perpétua, mas continuam a controlar as gangues de dentro das prisões.





Crianças presas com adultos

Nos EUA, cerca de 250.000 crianças são enviadas a tribunais para adultos todo ano, ao invés de terem seu caso julgado em um tribunal para crianças e jovens. Toda noite, 10.000 crianças passam a noite em uma prisão de adultos. Muitas delas sequer são condenadas, mas apenas suspeitas de crimes. No entanto, elas são expostas a perigos muito grandes e estão em risco muito maior de abuso e violência sexual que os presos adultos. O risco de que as crianças sofram de depressão e suicídio também são mais elevados que em adultos.

→ anos antes de fugir e começar a vender muitas drogas. Nas ruas, a guerra é declarada e muito violenta. Às vezes, pessoas inocentes são baleadas e mortas. Era pior à noite, mas a guerra pode explodir a qualquer hora do dia. Isso faz com que você sempre se sinta perseguido. No final, eu não tinha coragem de ir a lugar algum sem estar armado.

Fui levado pela polícia, porque estava armado e vendendo drogas. Passei seis meses na prisão. Lá, encontrei rapazes de outras gangues que haviam atirado em mim na cidade, e contra quem eu havia atirado. Havíamos lutando uns contra os outros como animais, agarrando a garganta uns dos outros, sem

perceber que éramos imagens de espelho. Tínhamos crescido nas mesmas circunstâncias, mas nos odiávamos por virmos de bairros diferentes.

Quando fui libertado, eu tinha quatorze anos. Eu não tinha nada e, depois de duas semanas, comecei a vender e consumir drogas novamente, e minha mãe me expulsou. Eu havia descido muito baixo, para um lugar profundo, escuro, onde não me importava com a vida, fosse a minha própria ou a de outra pessoa. Eu extravasava minha raiva e frustração prejudicando os outros. Dormi sob essa ponte muitas noites. Eu chorava por mim, porque não entendia nada da vida. Estava confuso, frio e sem compaixão e des-



Quando Michael foi acusado de tentativa de homicídio, ele parou de se importar com qualquer coisa. Após o julgamento, ele brigava todas as noites com outras crianças e com funcionários da instituição. Muitas vezes, ele foi enviado para "o buraco", o isolamento, para se acalmar.

contava todos aqueles sentimentos naqueles que eu acreditava serem meus inimigos.

Preso novamente

Três meses depois que eu completei 15 anos, fui preso por cinco tentativas de homicídio. Meu cúmplice, que era mais velho, jogou toda a culpa para mim, pois pensou que eu receberia uma sentença mais

branda. Determinou-se que eu seria julgado em um tribunal para adultos. Eu tinha tudo contra mim: duas mulheres, que estavam entre as vítimas, testemunharam contra nós. Meu cúmplice, que me delatou. Especialistas em gangues, que me apontaram. Meus defensores, pagos pelo Estado, que não queriam me defender porque o delito era muito grave. Após o julgamento, eu brigava todas as noites na instituição, porque não me importava com mais nada.





Michael agora está preso junto com cerca de 3.800 outros prisioneiros no presídio estadual Calipatria. Quase metade deles têm penas de prisão perpétua. O presídio fica no deserto de Mojave, perto da fronteira com o México. No verão, faz até 47 graus Celsius no pátio da prisão.

Lembro de uma vez que me colocaram no isolamento depois que briguei com os funcionários. De repente, pensei comigo mesmo: “Ninguém faz isso comigo, eu é que faço isso comigo mesmo. Se esta agora vai ser minha casa pelo resto da vida, por que torná-la pior do que já é?”

Comecei a ler livros e encontrei diversas maneiras de me manter ocupado, como ver filmes. Adoro ler sobre

todos os diferentes lugares onde nunca estive. Coisas que nunca vi. Como as pessoas passam por dificuldades em outros países, que estão em situação muito pior que a minha. A educação é a chave de tudo, eu acho.

Condenado à prisão perpétua

Não fiquei surpreso quando fui condenado à prisão perpétua. Eu disse à minha mãe,

quando ela me visitou uma semana antes da sentença: “Não deixe que te vejam chorar lá”. Quando entrei na sala de audiência, tive esperança de que o júri estivesse em desacordo, embora soubesse que não aconteceria. Quando disseram “Culpado” pela primeira tentativa de assassinato, baixei a cabeça e soube que meu destino estava traçado. Mas depois voltei a levantar os olhos. Recusei-me a deixar que me vissem de coração partido. Eu sorri para mostrar que não podiam me quebrar. Mas chorei mais tarde, quando fui levado de volta à

cela, pois sabia que tipo de futuro me aguardava.

Agora me sinto mais forte do que jamais fui. Há novas leis a caminho, que pode ajudar os jovens. Muitos de nós nunca souberam que havia outra escolha além de viver como fizemos. Talvez tenhamos sido forçados a experimentar o pior para poder compreender que temos que fazer o melhor do pior. Quando já não tem nada a perder, você tem tudo a ganhar. Não fique sentado sentindo pena de si mesmo. Todos temos algo que nos faz felizes. Podemos ajudar a nós mesmos. 🌐



Michael não encontra a mãe há dois anos, mas eles escrevem cartas. “Quando Javier vem aqui, realmente sinto que estou recebendo uma visita”, diz Michael.



Nós perdoamos

Jaden tinha três anos quando perdeu sua mãe e a irmã mais nova. Ele sempre visita o túmulo com a família.

– Eu posso escolher que flores devemos levar conosco, diz ele.

Itzel tinha doze anos de idade quando sua irmã mais velha, Zuri, foi morta pelo namorado. Sua família escolheu perdoá-lo, em vez de exigir vingança. Hoje eles lutam ao lado de Javier contra exigências de vingança e penas longas.

O namorado, Eddie, era muito ciumento. – Ele tinha procurado ajuda a controlar sua raiva, mas naquele dia eles haviam brigado. Eles se amavam, mas Eddie estava chateado e disse que ia se matar, lembra Itzel.

Mais tarde, na mesma noite, a família estava reunida em seu quarto compartilhando. Itzel, seus pais, irmãos e os filhos de Zuri – um menino de três anos e uma menina recém-nascida. Ninguém conseguia dormir. Itzel fez uma oração com sua mãe para que Eddie se acalmasse, mas à meia-noite, de repente houve um grande estrondo. Todas as luzes se apagaram e móveis e argamassa caíram desordenadamente. Eddie havia batido seu carro na casa.

Clamor por vingança

Zuri e sua filha de 14 dias de idade morreram no acidente. Eddie foi preso pela polícia por dois homicídios e seis tentativas de assassinato. Amigos e parentes tentaram consolar a família de Itzel. Muitos diziam: “Ele deve morrer pelo que fez!” Mas Itzel não queria que Eddie morresse. A irmã mais nova dele, Ruby, era sua melhor amiga, e ambas estavam certas de que Eddie não queria machucar ninguém, apenas a si mesmo.

– Seu cérebro estava um caos e ele queria morrer, disse Itzel. Seus pais sentiam o



mesmo. Quando a família de Eddie chegou para pedir perdão, eles choraram juntos.

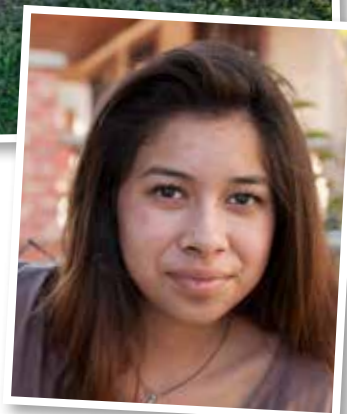
– Vocês sofrem com esta tragédia tanto quanto nós, disse o pai, Thomas. Ódio e vingança não trarão nossos entes queridos de volta. Eles apenas envenenam nossas almas.

Testemunha a favor de Eddie

O promotor do julgamento achava que a família de Zuri devia lutar por uma pena tão dura quanto possível para Eddie, talvez até mesmo pena de morte. Mas, em vez disso, os pais de Itzel queriam que Eddie conseguisse ajuda na prisão. A mãe de Itzel disse:

– Eu sinto dor todos os dias, mas o fato de que outra mãe sofre enquanto espera pela execução de seu filho não me ajuda.

Nem suas palavras nem o profundo remorso de Eddie ajudaram. Javier acompanhou o último dia do julgamento e ficou furioso quando ouviu o procurador dizer coisas horríveis sobre Eddie, e criticar os familiares da vítima por não quererem vingança. Ambas as famílias começaram a chorar quando perceberam que ninguém se importava com o que sentiam. Antes do fim do julgamento, eles se levantaram e deixaram a sala de audiência. Eles já sabiam que Eddie seria condenado à prisão perpétua. 🌐



– Antes da morte de minha irmã, eu não sabia o que faria na vida, mas agora sou apaixonada por direito. Eu quero ser advogada e fazer a diferença, afirma Itzel.



Itzel (primeira à direita) com a mãe de Eddie, sua mãe e a irmã de Eddie, sua melhor amiga Ruby. Elas se apoiam mutuamente e a outras famílias afetadas pela dor e perda. Elas querem perdão e esperança em vez de amargura e vingança.



Quatro anos se passaram, mas a família de Itzel pensa em Zuri e Naomi todos os dias.

Irmão mais velho desaparecido

Às vezes parece que Ismael não tem mais um irmão mais velho. Ele era um garoto quando seu irmão Omar foi preso e condenado à prisão perpétua, aos 14 anos. Agora, eles se veem apenas algumas vezes por ano.

Ismael, 11, não sabe porque Omar está na prisão. – Minha mãe e meu pai não querem contar ainda. Eles acham que eu sou muito jovem para entender, mas tenho idade suficiente. Isso me estressa. Às vezes me sinto como um adulto no corpo de uma criança. Eu gostaria de ter um irmão mais velho em casa, que pudesse me ajudar com os deveres de casa, brincar, e estar lá no meu aniversário. Ele vai perder minha formatura e meu casamento, um dia. Isso é triste.

– É como se nós tivéssemos crescido e ele tivesse sido deixado para trás, diz sua irmã mais velha, Yenci, 18 anos. Isso dói. Ninguém que não tenha vivido algo assim pode compreender.

Sempre preocupado

Tudo começou quando Omar fez amigos em uma gangue violenta. Ele começou a ficar fora durante a noite e tornou-se diferente – triste e furioso. Uma noite, ele foi levado para casa pela polícia. Eles manda-

ram que ele levantasse a camisa e mostrasse sua nova tatuagem de gangue para a mãe, chocada. Eventualmente, a família mudou-se para outra parte da cidade para salvar Omar. Então, ele arrumou a mala e desapareceu. A mãe e o pai muitas vezes dirigiam procurando por ele, sem sucesso. Não muito tempo depois, ele foi preso.

Transferido para longe

No início, Omar ficou preso perto da família, e eles se encontravam frequentemente. Mas quando ele foi transferido para a infame prisão de segurança máxima Pelican Bay, da Califórnia, as visitas tornaram-se menos frequentes, pois a viagem de carro leva até 15 horas.

– Às vezes nos sentamos em frente a uma janela de vidro, um de cada lado, e conversamos por um aparelho de telefone, diz Ismael. Mas minha mãe quer o telefone o tempo todo! É melhor a sala de visita, onde podemos dar-lhe um abraço e conversar juntos.

Preocupação constante “Não se preocupe comigo”, escreve Omar sempre em suas cartas, mas sua família está sempre preocupada.

– É perigoso lá dentro, eles brigam. Omar teve o nariz e dedos quebrados, conta Ismael. Mas agora ele mudou, ele está mais inteligente e investe na escola. Meu sonho é que um dia ele seja livre. ☹

Ismael se prepara para visitar seu irmão, Omar, que foi condenado à prisão perpétua por um crime que cometeu quando tinha 14 anos de idade.



Ismael sente falta de seu irmão, que foi condenado à prisão perpétua.



Ismael, 11

Ama: Minha família.

Toca: Saxofone. Flauta.

Tem raiva de: Bullying. Racismo.

Quer ser: Advogado.

Sente falta: Do meu irmão mais velho.

Em uma carta, Omar escreve: “Não estou onde eu quero estar agora, mas é um castigo e uma lição que tenho que passar por aquilo que eu fiz... Tenha cuidado com quem você anda, e comporte-se bem. Eu amo vocês e sinto sua falta”.



Por que Kailash é nomeado?

Nomeado Herói dos Direitos da Criança • Páginas XX–XX

Kailash Satyarthi

Kailash Satyarthi é nomeado ao Prêmio das Crianças do Mundo 2015 por sua perigosa luta contra o trabalho infantil e a escravidão e pelo direito de todas as crianças à educação.

Quando jovem, Kailash começou a arriscar sua vida para libertar crianças mantidas como escravas em olarias e fábricas. Ele fundou a Bachpan Bachao Andolan (BBA, Salve a Infância) e construiu lares para crianças escravas libertadas. Na época, há mais de 30 anos, quase ninguém na Índia falava sobre os direitos dessas crianças. Kailash foi ameaçado de morte e espancado, e dois de seus colaboradores foram assassinados, mas ele não desistiu. Hoje, Kailash e a BBA libertaram mais de 80.000 crianças, e sua campanha contra o trabalho infantil, a Marcha Global Contra o Trabalho Infantil, é um movimento que envolve milhões de pessoas. Seu trabalho contribuiu para novas leis e regulamentos que protegem os direitos da criança em todo o mundo. O rótulo de tapetes livres de trabalho infantil criado por Kailash, o GoodWeave, reduziu de um milhão para 250.000 o número de crianças na indústria de tapetes, e milhares de aldeias pobres receberam sua ajuda para tornarem-se amigáveis para crianças. Em fevereiro de 2014, o júri infantil do WCP escolheu Kailash como candidato ao Prêmio das Crianças do Mundo 2015. Em novembro do mesmo ano, foi anunciado que ele foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz junto com Malala Yousafzai.



Em uma fábrica de tijolos no norte da Índia, 27 famílias são mantidas como escravas. Crianças pequenas fazem milhares de tijolos todos os dias, 16 horas por dia sob o sol escaldante. Mas, no momento, o céu está escuro e a chuva cai. Kailash passa pelos portões com seu veículo e para com freios cantando. Ele veio com seus ativistas para libertar crianças escravizadas.

Quando Kailash desce do carro, ele está preparado para a resistência violenta. A fábrica geralmente é protegida por guardas armados. Mas nada acontece, ela está vazia e silenciosa. Alguém avisou ao dono da fábrica e os trabalhadores escravos foram tirados dali.

Afinal, Kailash encontra crianças abandonadas à beira da estrada a uma pequena distância da fábrica. Elas vestem trapos e estão cobertas de sujeira, fuligem e pó de tijolo. Elas ficam com medo quando Kailash chega, mas estão exaustas demais para fugir.

– Estamos aqui para ajudá-las. Vocês estão livres agora, diz Kailash. As crianças olham para ele sem compreender. Elas não sabem o que é liberdade. Mas concordam em entrar nos carros com a promessa de comida e água. Todas, exceto uma menina deitada no chão. Ela está fraca e arde em febre, chorando e gritando: “Mamãe, me ajude!”

A menina se chama Gulabo e tem 14 anos. Ela nasceu na olaria e trabalhou aqui por toda a sua vida. Anos respirando o pó de tijolos arruinou seus pulmões e ela morreu poucas horas depois.

Kailash tira uma “selfie” com o celular no Bal Ashram, no Rajastão, onde sua organização recebe crianças escravas libertadas.

Falta educação

Quando o pai de Gulabo vem buscar o corpo de sua filha para enterrá-la, ele diz:

– Se eu soubesse ler e escrever, nunca teríamos nos tornado escravos e eu não teria perdido minha menina. Ele conta a Kailash que foi enganado por um proprietário de escravos com um contrato que não pode ler. Então, sua família foi presa e escravizada por 17 anos. As palavras do pai fazem Kailash perceber que a educação é a chave para erradicar a escravidão e a pobreza. Mas desde criança ele já achava que o trabalho infantil é errado.

Kailash começa a estudar

Kailash estava feliz e nervoso no dia de começar na escola, orgulhoso com seu novo uni-

forme escolar e mochila. Ele viu um menino de sua idade sentado nos degraus do lado de fora da escola. Sentado ao seu lado havia um homem, talvez o pai do menino, com uma caixa de engraxate. Ambos estavam descalços e vestidos com roupas sujas, empoeiradas.

Mais tarde, Kailash perguntou ao professor:

– Por que estamos aqui na sala de aula, mas o menino está sentado lá fora trabalhando?

O professor ficou surpreso e disse:

– Eles são pobres e é normal que esses meninos trabalhem.

Pela primeira vez, Kailash percebeu que as crianças podiam levar vidas completamente diferentes. Sua família não era nem rica nem pobre. Eles levavam uma vida boa, sem excessos.

Todos os dias, a caminho da escola, Kailash via o menino sentado em frente à escola. Um dia, ele tomou coragem e foi até o pai.

– Por que seu filho não vai à escola?

O pai pareceu tão surpreso quanto o professor.

– Ninguém nunca me perguntou isso antes. Eu nunca pensei nisso. Meu pai trabalhou desde garoto, eu também e agora meu filho. Nascemos para trabalhar.

Parecia injusto, mas o que Kailash poderia fazer sobre aquilo? Ele tinha apenas seis anos.

Amigos desaparecem

Quando Kailash tinha doze anos, vários de seus colegas de escola pararam de estudar. Eles não tinham condições de pagar as taxas escolares e comprar livros. Kailash andou pela cidade e pediu livros usados. Em um único dia, ele conseguiu 2.000 livros escolares. Ele fundou um banco de livros para crianças pobres e levantou dinheiro vendendo chá, engraxando sapatos e organizando festas, juntamente com alguns amigos.

Kailash ficou indignado

A menina Gulabo, que morreu nos braços de Kailash, trabalhava o dia todo na olaria, assim como esta menina escrava por dívida.

JAYED DAR/XINHUA PRESS/CORBIS



com a injustiça. O que ele mais detestava era o antigo “sistema de castas” da Índia. De acordo com ele, todos pertencem automaticamente à mesma “casta” (um grupo que tem um valor maior ou menor na comunidade) de sua família quando nascem. Sua vida é regida por regras sobre que tipo de trabalho sua “casta” pode fazer e com quem podem se casar. O sistema de castas é proibido na Índia há

muito tempo, mas ele ainda está vivo.

Há também pessoas que não têm uma “casta”. Os “intocáveis” geralmente são muito pobres, fazem trabalhos “sujos”, e são tratados pior do que os outros. Pessoas com ideias antigas dizem que pessoas “sem casta” são “intocáveis”. A própria mãe de Kailash havia batido nele apenas uma vez, quando tinha cinco anos, e aceitou



PHILIPPE LISIAC/GODONG/CORBIS



O trabalho de Kailash contra a escravidão e o trabalho infantil

- Kailash e sua organização Bachpan Bachao Andolan (BBA), Salve a Infância, trabalham para proteger crianças e seu direito à educação. Cem funcionários, de assistentes sociais e líderes jovens a professores e pesquisadores, além de uma rede de mais de 80.000 voluntários na Índia e no mundo também ajudam a influenciar políticos e lutar por leis melhores. Desde 1980, mais de 83.000 crianças foram libertadas e receberam ajuda para uma vida melhor.
- Dois lares, o Mukti Ashram, em Delhi, e o Bal Ashram, no Rajastão, recebem crianças libertadas e lhes oferecem apoio, amor e educação.
- Milhares de aldeias indianas pobres se comprometeram ser “amigas da criança”: Nenhuma criança trabalhará e todas irão à escola.

TEXTOS: CARMILLA FLOYD FOTOS: KIM NAYLOR





Kailash e sua organização libertaram mais de 80.000 crianças do trabalho forçado prejudicial e da escravidão.

um pedaço de pão de uma criança “intocável”. Ele não podia comer nada que “os intocáveis” tivessem tocado!

Festa para Gandhi

Aos 15 anos, Kailash quis organizar uma festa pelo centenário do nascimento do combatente da liberdade Mahatma Gandhi. Gandhi também odiava o sistema de castas e sonhava com uma Índia onde todos fossem tratados da mesma forma. Kailash convidou um grupo de líderes para um jantar onde a comida seria feita pelos “intocáveis”. Todos deveriam sentar-se e comer juntos como um símbolo de amizade e justiça.

Alguns aceitaram, mas depois ninguém veio para a festa. Além disso, os líderes decidiram que a família de Kailash seria isolada porque ele tinha comido a comida dos “intocáveis”. Kailash ficou furioso.

– Vocês não podem punir minha família por algo que apenas eu fiz, disse ele, e decidiu desistir de seu sobrenome.

A família de Kailash ficou triste, mas a partir desse dia, ele chamou a si mesmo Satyarthi, que significa “Buscador da Verdade”.

Desistiu da carreira

Para a mãe de Kailash, era óbvio que ele, um bom aluno, seria engenheiro ou médico e cuidaria da família. Kailash realmente se formou em engenharia; porém, após apenas um ano, ele deixou seu emprego bem remunerado. Ele queria usar todo seu tempo para ajudar crianças pobres a terem uma vida melhor.

– Minha mãe chorou por anos, disse Kailash mais tarde. Mas a pessoa precisa seguir seu coração.

Na época, mais de 30 anos atrás, não havia quase ninguém na Índia que se preocupasse com os direitos da criança. O trabalho infantil era proibido, mas ninguém seguia a lei. Alguns achavam que Kailash estava errado e diziam:

– Como as famílias pobres vão sobreviver se as crianças não puderem trabalhar? É melhor que morram de fome?

Mas Kailash sabia que a maioria das crianças trabalhadoras ganhava muito pouco por semana, e nem elas nem suas famílias podiam sobreviver com aquela quantia. Além disso, milhões de adultos estavam desempregados, exatamente porque os empregadores preferiam abusar de crianças, que custavam barato e não se queixavam.

Começa a libertar crianças

Quando Kailash começou a viajar pela Índia, ele levou um

susto. A situação das crianças era pior do que ele pensara. Crianças eram compradas e vendidas como mercadorias e mantidas como escravas em fábricas e pedreiras, muitas vezes a centenas de quilômetros de suas famílias. Algumas eram vendidas pelos próprios pais. Outras eram enganadas com a promessa irem à escola, ou eram sequestradas. Uma menina escrava perguntou a Kailash:

– Quanto custa uma vaca leiteira?



Ex-crianças escravas em uma peça de teatro sobre o tráfico humano.

– Mais ou menos 1.150 dólares, respondeu Kailash.
– Eu fui vendida por menos de 100 dólares, disse a garota.

Kailash escrevia as histórias das crianças e publicava seu próprio jornal. Ele fazia discursos e participava de discussões para influenciar decisores políticos e pessoas comuns. Ao mesmo tempo, ele realizava suas primeiras operações de resgate para libertar crianças trabalhadoras. Podia parecer inútil salvar dez ou cem crianças, quando milhões de pessoas ainda eram mantidas em cativeiro.

– Mas se pudéssemos salvar a vida de uma única criança valeria a pena, disse Kailash, que inicialmente invadia fábricas e pedreiras sem nenhuma ajuda da polícia ou o apoio de pessoas comuns. Era muito perigoso, mas ele logo conquistou muitos colaboradores que foram inspira- dos por sua luta.

Missão perigosa

Em uma de suas primeiras incursões, Kailash e seus ativistas foram atingidos de maneira sangrenta pelos guardas, mas conseguiram resgatar 153 pessoas.

Kailash e seus colaboradores continuaram a resgatar as crianças enquanto eram atacados e espancados. Kailash foi atingido na cabeça e no corpo por socos e porretes de madeira. Um dia, durante um ataque a uma pedreira, um guarda espancou um de seus

Kailash gosta muito de visitar o Bal Ashram, o centro para crianças escravas libertadas no Rajastão.



colaboradores mais próximos até a morte.

Kailash foi ao tribunal e exigiu permissão para salvar as crianças, e com ajuda da polícia.

Sem essa permissão, os guardas poderiam continuar espancando ativistas com a lei do seu lado, pois Kailash entrava em terras privadas. Muitos policiais e até juízes eram pagos pelos proprietários de escravos para não ajudar Kailash. Mas eventualmente teve suas demandas atendidas. Agora, ele podia fazer ainda mais incursões e teve ampla divulgação nos jornais e na TV. A máfia e os políticos que ganhavam

dinheiro com o trabalho infantil ficaram com medo e começaram a ameaçar Kailash por carta e na rua. Alguém tentou incendiar sua casa, e uma manhã o telefone tocou e sua pequena filha atendeu.

– Avise seu pai que vamos matá-lo, disse uma voz ao telefone.

Kailash temia principalmente por causa de sua família.

– Mas quando os proprietários de escravos nos atacam, isso mostra que estamos no caminho certo. Seria pior se ninguém se importasse, ele disse à esposa, Sumeda, que concordou.

Marcha contra o trabalho infantil

Depois de quase 20 anos de trabalho, Kailash e seus colaboradores libertaram dezenas de milhares de crianças e conquistaram grandes mudanças. Mas isso era muito lento para Kailash.

– Vamos seguir os passos de Gandhi, disse ele. Também faremos uma revolução sem violência e marcharemos por toda a Índia exigindo justiça!

A primeira marcha contra o trabalho infantil de Kailash foi em 1992, junto com ex-tra-

balhadores infantis e ativistas. Eles caminharam 2.000 km, do estado pobre de Bihar, onde dezenas de milhares de crianças trabalham na indústria do tapete, até o centro do poder na capital, New Delhi. Pelo caminho, eles paravam em cidades e aldeias e faziam discursos, cantavam e tocavam música. Centenas, às vezes milhares de pessoas os acompanhavam por uma parte do caminho desde sua aldeia natal. À noite, eles dormiam na casa de famílias pobres.

Depois de várias marchas pela Índia, Kailash conseguiu que o mundo todo caminhasse com ele. O objetivo final era Genebra, na Suíça, onde a Organização Internacional do Trabalho, OIT, tem sua sede. Na Marcha Global contra o Trabalho Infantil, marcharam centenas de milhares de crianças, pais e ativistas em 103 países, totalizando 80.000 km em seus países de origem. Kailash e um grupo de crianças escravas libertados foram a Genebra, enquanto uma grande conferência da OIT começava. Eles foram convidados a falar e, pela primeira vez, centenas de líderes mundiais ouviram crianças escravas contarem



Um ministro indiano (à esquerda de Kailash) doou o salário de um mês à luta contra o trabalho infantil.





suas próprias histórias. Apenas um ano mais tarde, um novo tratado internacional foi criado para proibir e combater as piores formas de trabalho infantil.



Com as crianças

Após mais de 30 anos, Kailash libertou mais de 83 mil crianças e forçou a criação de novas leis e regulamentos na Índia e no mundo para proteger as crianças e lhes proporcionar melhor acesso à educação. Hoje Kailash viaja ao pelo mundo e discute com presidentes, a ONU e altos líderes empresariais. Mas ele prefere estar no Bal Ashram, o lar para crianças escravas libertas, que construiu com sua esposa, Sumeda, e outros ativistas.

– Encontrar as crianças e ouvir seus pensamentos e sonhos para o futuro renova minhas energias, diz ele. Elas



Em 1998 Kailash marchou com crianças trabalhadoras libertadas e ativistas de todo o mundo contra o trabalho infantil e a escravidão. A marcha histórica evoluiu para um movimento mundial que reúne dezenas de milhares de voluntários e centenas de organizações em todo o mundo. A luta se dá por meio de passeatas, filmes, música, reuniões com líderes mundiais, e mídias sociais.

são honestas e têm a mente aberta, e sua amizade significa muito para mim. A falta de respeito com as crianças e a infância é a pior coisa que existe, e o principal motivo pelo qual ao menos 215 milhões de crianças em todo

o mundo ainda trabalham. Não vou parar até que o mundo esteja livre do trabalho infantil e da escravidão. 🌐



O que é a escravidão moderna?

Milhões de crianças trabalham desde os seis anos de idade em condições análogas à escravidão em todo o mundo. Elas trabalham até 18 horas por dia, sete dias por semana e não recebem alimento suficiente. São ameaçadas, espancadas, às vezes queimadas com cigarros ou barras de ferro aquecidas. Algumas são amarradas ou acorrentadas. Algumas crianças são as chamadas escravas por dívidas. Suas famílias pegaram uma pequena soma de dinheiro emprestado, por exemplo, para comprar remédios. A taxa de juros do empréstimo é muito alta e é impossível para pessoas pobres pagarem. Em vez disso, elas devem trabalhar para saldar a dívida, às vezes a família toda, mas muitas vezes enviam um dos filhos para trabalhar. A alta taxa de juros faz com que o empréstimo aumente o tempo todo, não importa o quanto trabalhem. As crianças escravas por dívidas nunca voltarão a ser livres.

Todos podem fazer a diferença!

Há quinze anos, pelo menos um milhão de crianças trabalhavam na Índia, Paquistão, Nepal e outros países do Sudeste Asiático na indústria do tapete. Kailash lançou uma campanha mundial para disseminar a consciência de que os tapetes feitos à mão nas salas de estar das pessoas geralmente eram feitos por crianças escravas. Ele inventou o primeiro selo de tapetes livres de trabalho infantil, Goodweave (Boa tecelagem) e pediu a todos que comprem apenas tapetes com selo de garantia livre do trabalho infantil. Kailash conseguiu que pessoas de todo o mundo exigissem garantias das empresas. Não apenas fábricas de tapetes, mas também, por exemplo, fabricantes de bolas de futebol, tênis e roupas deviam parar de explorar as crianças. Graças às campanhas de Kailash e ao Goodweave, o número de crianças na indústria do tapete caiu de um milhão para 250.000 crianças.



Miss

Kailash e seus colaboradores se reúnem logo cedo no escritório. O resgate de hoje foi planejado durante várias semanas. Kailash recebeu uma denúncia de que crianças trabalham em fábricas e oficinas subterrâneas em um bairro de Delhi. Hoje, libertarão o maior número possível.



As casas são próximas umas das outras nas vielas estreitas em ziguezague. É fácil se perder e ficar preso. Kailash aponta no mapa.

– Aqui estão as fábricas! Vamos entrar e sair o mais rápido possível, antes que eles nos ataquem.

Cerca de 30 policiais vão ajudar. Todos se reuniram em frente a uma casa municipal do bairro.

Os carros de Kailash entram primeiro, os da polícia vêm atrás, mas eles não podem saber exatamente para onde estão indo. Alguns policiais são pagos para avisar aos donos de fábricas para que eles tenham tempo de esconder as crianças.

ão perigosa



▲ As crianças estão assustadas e chorando quando Kailash desce as escadas. Quem é ele?

Um menino é encontrado debaixo de uma cama. O proprietário de escravos gritou que ele deveria se esconder, caso contrário, a polícia o levaria.



◀ O que nos aguarda?

As crianças escravas libertadas olham pela janela do carro, a caminho da segurança.



▲ Agora há pressa

Agora é uma corrida. As pessoas começam a se reunir nas esquinas e olhar com desconfiança. A qualquer momento haverá problemas. Os rostos das crianças estão ocultos para protegê-las enquanto Kailash e a BBA processam proprietários de escravos no tribunal.

▲ Incenso de escravos

As crianças fabricam e embalam incenso vendido na Índia e no exterior.



◀ As crianças são entrevistadas em um lar seguro. De onde você é? Como veio parar aqui? Como era o seu trabalho? Muitas foram vendidas para fábricas em New Delhi vindo de estados mais pobres, como Bihar.

Quase 30 crianças foram resgatadas hoje e poderão dormir bem alimentadas em uma cama de verdade esta noite. Vários empregadores foram presos e podem pegar de 20 anos até prisão perpétua.

Imtyaz foi vendido com

Quando Imtyaz tinha nove anos, seu pai o obrigou a viajar para longe de casa para procurar trabalho. Uma tempestade destruiu quase toda a aldeia. A família de Imtyaz é muito pobre, e gastou todas suas economias para reconstruir sua casa, feita de barro, palha e bambu. Imtyaz e seus irmãos usam roupas gastas e rasgadas, e estão sempre com fome.

Um dia, um vizinho vem visitar a família. A mãe de Imtyaz fica surpresa e alarmada. O homem pertence à família mais rica da aldeia, e eles geralmente não falam com os moradores pobres. Mas agora ele fala gentilmente, sorrindo.

– Seu filho está perdendo tempo aqui, diz ele. Deixe-me levá-lo para a capital, New

Delhi. Eu pago por sua educação, se ele trabalhar algumas horas por semana em troca da alimentação e despesas. Sei que vocês estão passando por dificuldades.

Imtyaz deseja ir para a capital. Há prédios altos e ruas largas. Todos os grandes filmes são gravados lá. Talvez ele possa conhecer seus ídolos do cinema na cidade!

A mãe de Imtyaz nunca foi à escola, mas quer que seus filhos recebam educação. Ela aceita a proposta do vizinho.

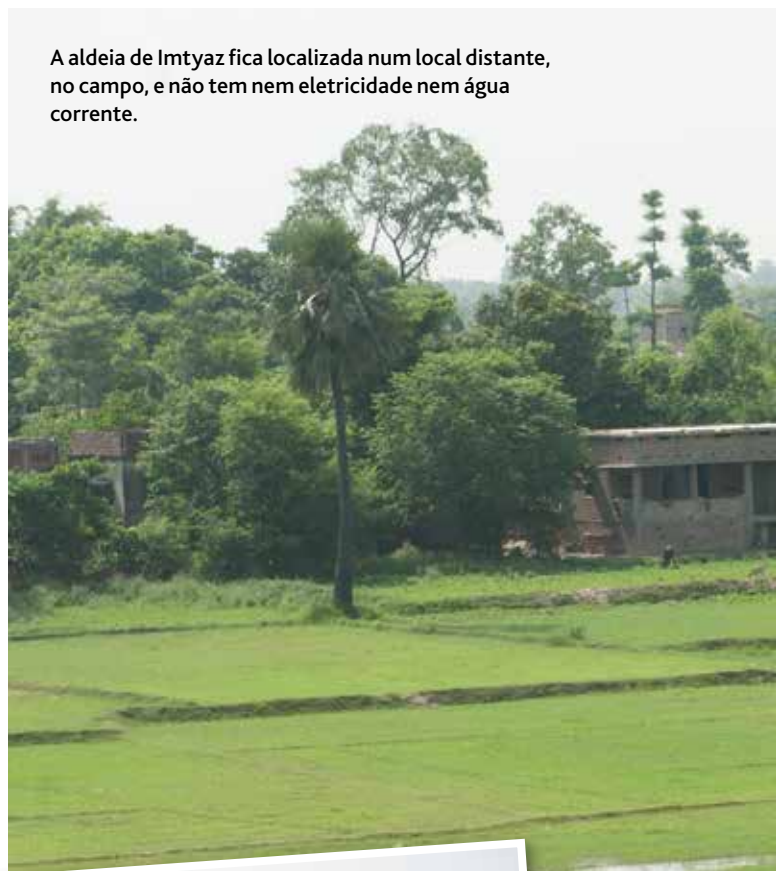
Aos nove anos, Imtyaz deixa de frequentar a escola da aldeia, pois o professor quase nunca está lá. Em vez da escola, Imtyaz ajuda a mãe em casa e no campo. Em seu tempo livre, ele brinca com os amigos. Eles exploram os arredores, jogam críquete e sobem em árvores.

No caminho

Na manhã seguinte, Imtyaz e seis de seus amigos se encontram na estrada, onde o vizinho aguarda com um caminhão. Os meninos sobem no caminhão e, em seguida, partem para a cidade mais próxima por estradas acidentadas. Os meninos precisam

se seguram para não cair, enquanto falam sobre a nova vida que os espera. Mas no trem para Delhi todos ficam enjoados com o movimento. Nenhum deles jamais havia andado de trem, e Imtyaz vomita repetidamente quando o trem balança nas curvas. No caminho da estação,

A aldeia de Imtyaz fica localizada num local distante, no campo, e não tem nem eletricidade nem água corrente.



Imtyaz, 14

Vem de: Bihar

O que mais gosta: A escola. Cantar. Críquete e natação.

Quer ser: Engenheiro.

Ídolo: O astro do críquete Sachin Tendulkar, o "Master Blaster".

Comida preferida: Manga e a comida da minha mãe.

O mais divertido na escola: Matemática.

Admira: Meus pais e Kailash

Sonho: Que nenhuma criança precise trabalhar.



O escravo

Imtyaz vê prédios altos, estátuas e belos parques com roseiras em flor passando, e se maravilha com a estabilidade do carro, pois ele nunca passara por uma rua asfaltada antes. Logo, eles se deparam com um labirinto de becos e, finalmente, param em frente a uma casa cinzenta devido à

fuligem e sujeira. O vizinho os deixa em um pequeno quarto onde comem e assistem TV antes de adormecer.

O pesadelo começa

Imtyaz é despertado por um chute. Um homem desconhecido manda que ele e um de seus amigos, Amit, o acompa-

nhem. Eles descem um lance de escadas e entram em um quarto escuro, sem janelas. Há alguns homens sentados no chão, de pernas cruzadas, inclinados sobre um grande pedaço de pano sobre o qual bordam. Seus corpos brilham com o suor, está muito quente.

– Vocês vão trabalhar aqui, diz o homem. Ele dá uma agulha para cada um e mostra como movê-la para trás e para frente segurando-a entre o polegar e o indicador. É isso que eles fazem, hora após

hora, até três da manhã.

– Isso endurece a pele, explica um dos trabalhadores adultos. Amanhã vocês começam a bordar.

Vendido como escravo

O homem da aldeia mentiu e o vendeu como escravo. Imtyaz e Amit trabalham dezesseis horas por dia, sem interrupção. Se eles abrem a boca, são imediatamente silenciados pelos adultos com socos e pontapés. Eles dormem amontoados no chão de pedra dura. Às vezes, Imtyaz sussurra para Amit à noite.

– Temos de fugir!

– Mas para onde iremos? A cidade é tão grande, diz Amit. Não conhecemos ninguém aqui. E nós não temos dinheiro.

Depois de alguns dias, as costas e ombros de Imtyaz doem. Seus olhos ardem e os



Durante seu tempo na fábrica em New Delhi, Imtyaz fazia o mesmo tipo de trabalho que estas crianças.





dedos estão cheios de alfinetadas. O ar na sala é pesado devido à poeira e fibras de tecido, e Imtyaz está com tosse e tem furúnculos com pus por todo o rosto. Ele protesta:

– Está muito quente aqui, precisamos de mais ventiladores e água. Meu vizinho prometeu que eu iria para a escola!

O dono da fábrica fica furioso. Ele arrasta Imtyaz para uma pequena sala e

começa a espancá-lo por todo o corpo. Imtyaz se enrola como uma bola e tenta proteger a cabeça com os braços. “Agora eu vou morrer”, ele pensa antes de tudo ficar preto.

Quando ele acorda, é noite. Ele está de volta à sala e todos estão dormindo. “Nunca vou conseguir sair daqui. Nunca poderei ver minha família de novo”, ele pensa, e chora em silêncio. Algumas semanas mais tarde, Imtyaz acorda de manhã com febre e calafrios. Ele mal consegue segurar a agulha, muito menos bordar em linha reta. Ele apoia a cabeça no braço por um momento, embora seja proibido, e adormece. Mas ele não dorme muitos segundos até ser acordado por uma sensação de ardência nos olhos. O sangue escorre por seu rosto e ele não consegue enxergar. Um dos superviso-

Assim como Imtyaz, este menino foi enganado e tornou-se escravo.

res tentou cortar suas pálpebras com uma tesoura.

– O que você está fazendo, grita Imtyaz apavorado.

– Você precisa ser punido. Você dormiu no trabalho, o homem grita de volta.

Temem a polícia

No verão, faz quase 50 graus e Imtyaz tem algumas horas livres horas aos domingos. Ele e Amit recebem alguns centavos para comprar água e comida, mas não se atrevem a ir longe.

– Não falem com ninguém, avisa o dono da fábrica. Se as pessoas souberem que vocês estão trabalhando, a polícia vai prendê-los.

Um dia, o dono da fábrica entra correndo e leva Imtyaz e Amit a um jardim onde seu filho está fazendo o dever de casa. Ele joga um livro para cada um deles e diz: “Finjam ler”. Depois de algum tempo, dois policiais vêm de um canto e vão para o porão. Eles estão aqui para verificar de a fábrica não utiliza trabalho

Imtyaz com sua mãe, pai, um irmão e uma irmã mais novos, e a irmã mais velha, que é casada e tem um filho.

– Minha irmãzinha vai à escola, ela é muito inteligente, diz Imtyaz, orgulhoso!

infantil. Assim que os policiais saem, Imtyaz e Amit voltam ao trabalho.

Depois de quase um ano na fábrica, Imtyaz ouve uma súbita comoção e ruídos do lado de fora. A porta se abre e vários agentes da polícia entram. O amigo de Imtyaz começa a chorar e se levanta.

– Corra, eles vão nos prender, diz ele. Mas Imtyaz continua sentado calmamente.

– Eu não me importo para onde nos levarão, ou o que farão comigo. Nada pode ser pior do que isso.

De volta para casa

O resgate é realizado pela organização de Kailash, a BBA, em conjunto com a polícia. Eles libertam cerca de 90 crianças naquele dia. Os amigos da aldeia se Imtyaz são encontrados em outra fábrica



BBA

na mesma área. Todas as crianças recebem atendimento médico e ajuda para se sentirem melhor em um lar infantil seguro. Em seguida, Imtyaz pode viajar para casa. Ele e sua família choram juntos. Primeiro, de alegria e depois de tristeza, quando ele fala sobre a vida na fábrica. Mas eles são pobres, e o vizinho que vendeu Imtyaz é rico e poderoso. Eles não se atrevem a mexer com ele.

Sempre existe o risco de que as crianças resgatadas acabem em apuros novamente por causa da pobreza. Um ano depois, um ativista da BBA faz uma visita. Imtyaz ainda não está frequentando a escola.

– Sem educação, Imtyaz não tem futuro, diz o ativista. Ele pode morar no Bal Ashram, nosso lar para crianças trabalhadoras libertadas, e frequentar a escola.

O que aconteceu depois?

Para Imtyaz, foi uma decisão difícil se mudar para o Bal Ashram, a centenas de quilômetros de casa. Mas agora ele vive aqui há quatro anos.

– Eu não me arrependo, porque sei que vou voltar como um homem educado e



– Senti falta de minha cabra! Nós somos melhores amigos.

capaz de ajudar minha família e minha aldeia. Os professores e as crianças aqui são como uma segunda família para mim. Agora eu acredito em mim mesmo e no futuro.

Junto com Kailash e outras crianças, ele luta contra o trabalho infantil e o tráfico de crianças.

– Nunca vou parar de fazer isso, nem mesmo se conseguir um bom trabalho como engenheiro! – diz ele. Uma das minhas melhores lembranças é quando fomos às casas de políticos de alto escalão e conversamos sobre nossas vidas. Suas casas eram como palácios! Alguns ficaram irritados e nos expulsaram, mas outros

ofereceram chá e ouviram.

Kailash havia nos pedido para exortar os políticos a votar a favor da melhoria da legislação sobre o trabalho infantil. Mais tarde, a nova lei passou, e eu acho que foi em grande parte mérito nosso. 🌐

Um lungi é um tecido amarrado na cintura – bom e conveniente.

O guarda-roupa de Imtyaz

Vestindo kurta, a camisa longa indiana e calças combinando.



O uniforme escolar deve ser mantido limpo e bem passado.

Quando vai à mesquita na aldeia, Imtyaz usa um chapéu.



– Kailash significa muito para mim, diz Imtyaz. Se eu precisar de um amigo, Kailash é meu amigo. Quando sinto falta do meu pai, Kailash é uma figura paterna. O que quer que me falte, Kailash tenta me ajudar. Ele é meu modelo.



Imtyaz está nervoso no caminho para sua aldeia natal. E se ninguém for à reunião ouvir o discurso que ele fará?



Quando Imtyaz retorna à sua aldeia ele se reúne com seus velhos amigos. Eles penduram guirlandas em volta de seu pescoço.



A mãe está orgulhosa de Imtyaz. Ela nunca o havia visto discursar, e está feliz que ele foi tão bem.



A aldeia inteira aguarda Imtyaz.

Para a aldeia natal

Imtyaz visita sua família, em Bihar, pelo menos uma vez por ano, mas agora ele vai viajar para lá, junto com Kailash pela primeira vez. A aldeia inteira foi convidada para uma reunião sobre tráfico de seres humanos e o direito da criança à educação. Imtyaz está nervoso. E se ninguém aparecer?

A viagem de Delhi leva quase um dia e uma noite inteiros, e Imtyaz fala sobre sua aldeia na estrada.

– Não há eletricidade nem água corrente. As casas são próximas umas das outras e a maioria é construída com barro. Há uma mesquita e um templo, pois metade da aldeia é formada por muçulmanos, como eu, e metade são hin-

– dus. A melhor parte da minha aldeia é que todos se dão bem, embora tenhamos religiões diferentes.

No último trecho do caminho, a estrada é tão ruim que eles têm que deixar o carro e caminhar. Quando eles se aproximam da aldeia, ouve-se um grito.

– Ele chegou! Os amigos de Imtyaz vêm correndo em sua direção com guirlandas que

colocam em torno de seu pescoço. Atrás deles, vem sua família e logo na saída da aldeia há uma grande multidão. Todos estão aqui para encontrar Imtyaz e Kailash.

Imtyaz faz discurso

Todos se reúnem em volta de um pequeno palco com um telhado de palha que os líderes da aldeia geralmente usam para reuniões. Os líderes da



A pobreza é um bom negócio para os traficantes

Bihar é um dos estados mais pobres da Índia. Isso torna as crianças presas fáceis para os traficantes. Anualmente, milhares de crianças desaparecem de suas casas e são forçadas, como Imtyaz, a trabalhar em toda a Índia. Muitas meninas também são vendidas como escravas sexuais. A fim de criar a mudança, Kailash teve várias reuniões com políticos e líderes religiosos em Bihar.

– Quando aprendem sobre escravidão infantil, eles querem ajudar. Com seu apoio podemos proteger muitas mais crianças, e dar-lhes o direito à educação.



No início do discurso, Imtyaz está nervoso, mas quando vê que muitos na plateia estão ouvindo e até mesmo chorando, ele se acalma.

Imtyaz adora comer mangas direto das mangueiras da família.



aldeia estão sentados na frente, mas Kailash educadamente lhes pede para trocar de lugar com as crianças.

– Nós estamos aqui para falar sobre suas vidas e futuro, diz ele.

Os líderes ficam surpresos. Eles nunca experimentaram algo assim. Mas deixam seus lugares para as crianças.

Quando Imtyaz pega o microfone seu coração bate forte. Ele já falou diante de grandes multidões, mas nunca em sua própria aldeia. De repente, ele vê o homem que o vendeu para a fábrica no meio da multidão. Imtyaz cerra os

olhos e pensa: “Eu não tenho mais medo de você”. Ele começa a falar:

– Eu fui vendido como escravo, e isso é errado. Crianças não devem trabalhar. Elas devem ir à escola, brincar e ter um futuro, diz ele.

O silêncio é total quando Imtyaz conta como foi maltratado, mas foi libertado e pode recomeçar a estudar. Em seguida, ele levanta o punho e grita:

– Parem o trabalho infantil. Ofereçam educação a todas as crianças!

As crianças do público repetem as palavras de Imtyaz, e logo os adultos as seguem.

– Acabem com a escravidão! gritam todos juntos com os punhos cerrados no ar.

Depois, quando Imtyaz vai para casa com Kailash e sua família, ele está feliz.

– Senti-me como um professor, como se os moradores fossem meus alunos. Muitos choraram, então eu acho que eles entenderam o que eu quis dizer. 🌍

Ouve Imtyaz

“Eu não tenho mãe nem pai e vivo com meu irmão mais velho. Mas frequento a escola mesmo assim. Eu ouvi Imtyaz falar sobre como isso é importante”.

Nuvshaba, 8

Os pais precisam entender

“Não se deve apenas pensar em ter muitas coisas bonitas e muitas vacas. É melhor ir à escola primeiro e aprender alguma coisa. Eu quero ser um médico e ajudar na minha aldeia. Há muitos que precisam. Se eu pudesse decidir, haveria leis melhores e ordem na Índia, e todos frequentariam a escola. Se todos os pais entendessem que a educação é importante e que o trabalho infantil é perigoso, o problema estaria resolvido”.

Nugarne, 13

Ama a escola

“Crianças não deveriam ter que estar nas fábricas. Eu amo a escola, é muito melhor do que em casa. Eu não quero ter que carregar meu irmão o tempo todo, mas tenho que fazê-lo todos os dias depois da aula, porque minha mãe decidiu assim. Eu preferia brincar de amarelinha. Quando crescer, eu serei professora e ensinarei coisas aos moradores da aldeia”.

Khatum, 8

Lar para crianças libertadas

Kailash construiu dois lares para crianças retiradas do trabalho infantil e da servidão por dívida: o Mukti Ashram e o Bal Ashram. Ashram é hindi, e significa algo como um lugar sossegado para descansar. No Mukti Ashram, em New Delhi, as crianças recebem cuidado e proteção imediatamente após terem sido libertadas. Depois, elas são reunidas o mais rápido possível com suas famílias. Mas algumas crianças não podem ficar em casa, por

causa da pobreza ou porque os pais não podem cuidar delas. Elas ganham um novo lar no Bal Ashram, que tem espaço para 100 crianças. As crianças que vêm para cá tiveram experiências difíceis. Elas recebem ajuda de professores, assistentes sociais e umas das outras para construir sua autoestima e a fé no futuro. Algumas só precisam ficar aqui alguns meses, enquanto outras ficam até se tornarem adultas e poderem cuidar de si mesmas.



04h45 Bom dia com música

Imtyaz acorda quinze minutos mais cedo que seus amigos. Ele quer ter tempo para praticar canto, o melhor que sabe.



Um dia no Bal Ashram



Imtyaz mora no Bal Ashram, o lar de Kailash para crianças libertadas da escravidão. Ele é construído como uma aldeia, com dormitórios, escola, biblioteca, sala de jantar e lugares para brincar entre belas árvores e colinas no interior do Rajastão. Algumas crianças frequentam a escola na cidade mais próxima, enquanto outras recebem treinamento profissional no Bal Ashram.



05h00 O sol é suficiente para todos

Depois de fazer as camas e uma limpeza rápida, as crianças se reúnem no campo de esportes. Como têm diferentes religiões, fazem uma oração matinal conjunta para o sol em vez de deuses diferentes.

– O sol fornece energia e calor para todos, diz Imtyaz.



07h00 Todos ajudam

Todos compartilham a responsabilidade pelo campus e uns pelos outros. Imtyaz e seu melhor amigo estão no mesmo grupo de trabalho, que ajuda a limpar a casa, recolher lixo e cuidar de plantas e árvores.

– Se alguém fica triste, doente ou tem um problema, tentamos resolver juntos, explica Imtyaz.



7h30 Brrrr

A água do chuveiro é fria, mas Imtyaz tenta pensar que é refrescante.

09h00 De olho na situação

Reunião em sala de aula para ler o jornal juntos. O que aconteceu na Índia e no mundo?



08h00 O espelho não mente

Retoques finais no penteado antes do desjejum...

10h00 Aula de música

Imtyaz recebe bons conselhos de seu professor, que foi libertado do trabalho infantil por Kailash.





13h30 Refrigeração

O sol está alto no céu e está perigosamente quente lá fora. Hoje uma piscina foi cheia de água e todos têm a oportunidade de nadar antes que a água seja usada para regar as plantas e a horta.



16h00 Habilidades para a vida dentro do cronograma

Imtyaz e seus amigos praticam para falar na frente de outras pessoas, conversar e resolver problemas.



13h00 Almoço

Todos lavam seus próprios pratos.



17h30 Dentro ou fora?

Depois do almoço, o críquete é um dos favoritos.



20h00 Festa!

Kailash organiza uma festa para as crianças com apresentações, dança e música. Aqui, ele conta histórias divertidas!



19h00 Um momento calmo

Imtyaz aprendeu a meditar no Bal Ashram. Ele acha que isso o ajuda a limpar a mente e se concentrar melhor no trabalho escolar.



21h00 Boa noite!

Imtyaz divide o quarto com sete amigos e rapidamente cai no sono na cama de beliche.



Akilesh celebra em liberdade



Akilesh, 13

Vem de: Bihar

Sente saudade: De sua família.

Não gosta: Que crianças tenham que trabalhar.

Música favorita: Música Bhojpuri. As letras são sobre a vida, que ela deve ser justa.

Gosta: De ir à escola. Dançar.

Admira: Kailash.



▲ Akilesh trabalhava com moagem de pedras, assim como o menino nesta foto faz. Depois, as pedras eram vendidas para fabricantes de joias. Talvez algumas das pedras tenham ido parar em joias que você ou algum de seus amigos usam?

Akilesh e as outras crianças aniversariantes ganharam roupas novas, uma camiseta, calças e sapatos.



Akilesh acorda tenso pela expectativa. Apenas uma semana atrás, ele foi libertado da escravidão. Ele ainda tem dores no corpo, pois moeu pedras 18 horas por dia durante muitos meses. Mas agora ele está livre e vai comemorar seu aniversário pela primeira vez na vida.

Akilesh não sabe o dia ou o ano em que nasceu.

– Mas minha mãe acha que eu tenho mais ou menos 13 anos, diz ele.

Quase nenhuma criança no Bal Ashram sabe exatamente qual sua idade, ou o dia em que nasceram. Para que elas tenham seu próprio dia para comemorar, Kailash organiza celebrações especiais para as crianças novas algumas vezes por ano. A data da festa torna-se seu novo aniversário.

Escola impensável

Enquanto Akilesh crescia ele via, às vezes, crianças a caminho da escola.

– Mas para mim e meus irmãos a escola não era nem mesmo um sonho. Éramos pobres e estávamos sempre com fome. Havia goteiras no telhado e durante a estação chuvosa sempre havia enchentes. Meu pai trabalhava em uma fábrica, mas ele compra-

va bebida alcoólica e bebia o salário inteiro, todo mês.

Quando Akilesh tinha 11 anos, o pai assinou um contrato com um estranho que estava visitando a vila. Akilesh frequentaria a escola em troca de trabalhar algumas horas por dia, durante nove meses. A fábrica ficava a milhares de quilômetros de casa. O salário, de 4 dólares por dia, seria enviado para a família.

– Fiquei com medo, eu nunca tinha saído da minha aldeia natal, lembra Akilesh. Mas eu queria ir para a escola e ajudar a minha família.

Atraído para o trabalho escravo

Ele logo descobriu que tudo no contrato era mentira.

Akilesh não podia ir à escola.

Em vez disso, ele foi trancado em um quarto escuro com outras cinco crianças e teve que moer pedras para joias, das sete da manhã até a meia-noite, sete dias por semana.

– Eu tinha dores no corpo todo. As pontas dos dedos ficaram esfoladas e meus olhos ardiavam e lacrimejavam, diz Akilesh. Se eu cometesse um erro, eles me espancavam. Eu ficava com raiva e queria lutar, mas era impossível. Eu pensava em fugir, mas para onde iria? O proprietário contou que a polícia nos prenderia se contássemos a alguém que estávamos trabalhando na fábrica. Agora eu sei que não era verdade, mas na época eu realmente tinha medo e não ousava pedir ajuda a alguém.



Finalmente em casa

Após nove meses, Akilesh pode ir para casa. Mas a alegria desapareceu rapidamente quando sua mãe contou que o pai também tinha bebido todo o salário de Akilesh.

– Ele realmente consertou o telhado, minha mãe disse, em tom de desculpa. Mas o resto foi para bebida.

Akilesh chorou quando contou à família sobre o trabalho pesado e que a promessa de escola era uma mentira. Ele mostrou as feridas nas mãos e sua mãe chorou também. Mas depois de apenas algumas semanas, seu pai disse que Akilesh tinha que voltar para a fábrica. E logo ele estava de volta no quarto escuro.

Akilesh é salvo

Depois de mais oito meses em uma fábrica, Akilesh perdeu toda a esperança. Mas, um dia, a porta se abriu e a polícia correu com porretes de madeira levantados.

– Eu estava apavorado, diz Akilesh. Mas então um dos

ativistas de Kailash veio e disse que eles estavam lá para nos libertar.

O ativista ajudou Akilesh a sair da fábrica para um carro que estava esperando. Seus olhos arderam à luz do sol, após meses de escuridão. Como o risco era grande de que seu pai voltasse a obrigá-lo a trabalhar se ele voltasse para a aldeia, ele foi levado ao Bal Ashram.

– E, esta manhã descobri, que eu e outros recém-chegados comemoraremos nosso aniversário! Nenhum de nós nunca celebrou antes. 🌐

O fogo está aceso e a fumaça sobe até o teto. Akilesh joga sementes no fogo fazendo-o crepitar.

– O sol fornece a mesma quantidade de energia para todos na Terra, diz Kailash. O mesmo se aplica ao fogo, que nos aquece a todos. ▼



Um condutor de camelos está esperando para levar Akilesh e as outras crianças aniversariantes para passear pelo Bal Ashram em seu carrinho! Na verdade, apenas as crianças aniversariantes deveriam ir, mas o condutor de camelo fica com pena das outras crianças e, no final, todos terão sua volta.



Todos cantam: "Happy Birthday!" e depois comemoram com dança e música. ▶

– Eu nunca estive tão contente e feliz em minha vida, diz Akilesh. É uma sensação totalmente nova. Ninguém jamais me celebrou antes.

Kailash pede às crianças que comporem suas mãos com umas com as outras. Elas veem alguma diferença? Elas sacodem a cabeça.

– Vocês acham que o sangue que corre em suas veias é diferente, se são muçulmanos ou hindus? pergunta Kailash. Akilesh nega com firmeza. ▼



◀ Na Índia, os adultos muitas vezes brigam, porque eles têm religiões diferentes. Acontece até mesmo de uns matarem aos outros. Mas no Bal Ashram todos se dão bem, mesmo que acreditem em deuses diferentes.

– Hoje não oramos a nenhum Deus, rezamos pela comunidade, explica Kailash. Oramos pela igualdade de direitos de todos à alimentação, água, brincadeiras e educação. As crianças dizem em coro:

– Eu rezo por toda a comunidade, não apenas por mim, mas por todos no mundo. Cuide de nós, nos abençoe e nos ajude a ser corajosos e libertar todas as crianças escravas.



◀ Água é derramada nas mãos das crianças, abertas em forma de concha. Kailash amarrou uma pulseira em volta do pulso de Akilesh. É uma maneira de dar as boas-vindas na Índia.

◀ Kailash e sua esposa Sumeda conduzem a festa de aniversário, que começa com uma cerimônia solene.



Meena foi escrava doméstica:

Meena tinha apenas 12 anos quando foi vendida como escrava doméstica. Ela teve que trabalhar, mas nunca perdeu a esperança de uma vida melhor.

Quando Meena é pequena, o novo marido de sua mãe exige que ela o chame de pai.

– Eu tenho um pai, e não é você, diz Meena. O padrasto fica irritado e bate nela. Às vezes, ele segura seu braço e bate com uma vara até que feridas sujas se abram.

Depois, a mãe de Meena morre e ela tem que ir morar com a tia. Mas ela nunca se esquece do padrasto, pois seus braços ficaram marcados por cicatrizes profundas.

Vendida por 300 dólares

Quando Meena tem 12 anos, um homem chamado Steven diz que pode arrumar um bom emprego para ela na capital, New Delhi. A família vai ganhar dinheiro com ela. Sua tia é pobre e permite que Steven leve Meena. Em Delhi, ele a vende por 300

dólares para uma agência de empregadas domésticas.

Meena tem que ficar com mais 40 meninas em um quarto. Ninguém sabe o que vai acontecer e todas têm medo. Meena quer apenas ir para casa, mas um adulto vem e começa a perguntar:

– Você sabe cozinhar? Você sabe como limpar uma casa?

– Eu não sei fazer essas coisas, diz Meena, quase gritando. Ela pede novamente para ir para casa, mas ninguém escuta. Em vez disso, uma família que a comprou vem buscá-la após alguns dias.

Tenta fugir

Meena foge e se esconde em uma casa do bairro, mas ela

“Se você for vendida, fuja logo!”

API/JACQUELYN MARTIN



Meena foi libertada da escravidão por Kailash e sua organização, a BBA. Ela sonha começar a escola em breve, e adora dançar!

Para proteger Meena, seu rosto não é mostrado nas fotos.



MITCHELL KANASHKEVICH/CORBIS



DAVID H. WELLS/ALL OVER PRESS

Quando Meena tinha doze anos, ela foi vendida como escrava para uma família, e tinha que lavar, cozinhar e limpar, como a menina nesta foto faz. Meena trabalhava até 19 horas por dia, sete dias por semana.

logo é encontrada e levada de volta para o escritório de mediação. O adulto a espanca e lhe diz para esquecer-se de onde vem.

– Você nunca mais verá sua aldeia natal. Você vai trabalhar, esta é sua vida agora.

No dia seguinte, Meena é vendida novamente, para uma nova família. Todas as manhãs, ela se levanta às cinco horas e limpa, rega as flores, lava e cozinha. Ela pode comer apenas pão. Ela dorme em uma pequena sala de armazenamento atrás da cozinha, mas raramente vai deitar antes das duas da manhã. Ela está sempre cansada e com fome. Ela reclama e recebe um pouco de arroz, mas não é o mesmo arroz da família. Eles compram um tipo mais barato para ela.

Meena é atacada

Todos os dias, um verdureiro e entrega mercadorias para a cozinha. A família compra hortaliças dele há vários anos. Ele observa Meena e sempre tenta conversar com ela. Um dia, quando não há ninguém em casa, o verdureiro segue Meena até um quarto e fecha a porta. O homem coloca a mão sobre sua boca. Ele aperta com tanta força que ela não consegue fazer um som. Com a outra mão ele prende os braços de Meena atrás das costas.

Ela chuta e luta contra, mas o homem é muito forte.

Quando a família chega a casa Meena, conta o que aconteceu à dona da casa. Ela fica com raiva e acusa Meena pelo que aconteceu.

– Você o seduziu, diz ela. Meena sabe que não é verdade, e diz aos outros. A cunhada da esposa ouve e realmente discute com o verdureiro. Ela diz que ele deve deixar Meena paz. Mas ele ainda pode continuar a entregar verduras, e ninguém protege Meena quando o homem continua a persegui-la. Ela consegue evitá-lo e obtém um cadeado para se trancar quando não há ninguém em casa.

Após alguns meses, Meena começa a sangrar muito. Ela havia engravidado no estupro e agora teve um aborto espontâneo. Ela chora desesperada e com saudades de casa, mas não tem ninguém para ajudá-la.

Libertada por Kailash

Quando Meena tem 17 anos, Kailash e a BBA recebem uma dica de que ela é mantida prisioneira. Eles realizam um resgate e conseguem libertá-la e levá-la para um lar seguro. No início, Meena é tímida e calada. Ela está acostumada a ser espancada se tentar falar com adultos.

– Mas, depois de alguns meses no lar de Kailash, percebi que havia sempre alguém que me perguntava o que eu queria: O que eu queria comer, se queria um copo de água. Eles queriam saber o que eu precisava e entendi que agora tudo era diferente. Se eles não tivessem me salvado, eu teria morrido. Kailash é meu modelo, porque eu penso exatamente como ele, que as crianças devem ser livres. Isso só é possível se eu tiver uma boa educação. Kailash diz que eu devo ser corajosa e lutar, e que os desafios são parte da vida. Isso me motiva.

– Eu estou bem agora, pois posso estar com pessoas com quem quero estar. Isso nunca havia me acontecido antes.

Por toda a minha vida, eu fui obrigada a conviver com pessoas com quem eu não havia escolhido estar.

Fuja imediatamente!

Depois de muitos anos de luta, Kailash e a BBA conseguiram que o governo indiano mudassem as leis para que elas ofereçam maior proteção para crianças e penas mais duras para traficantes. Agora, tanto Steven, que vendeu Meena, quanto o estupro estão presos por seus crimes, graças às novas leis. A lei dá aos trabalhadores escravos direito a compensação financeira, o que dá Meena dinheiro equivalente ao salário que deveria ter recebido pelo tempo em que trabalhou. Ela vai usá-lo para estudar.

– Somente a educação pode mudar sua vida. Meu conselho a outras crianças que são forçadas a trabalhar é que façam tudo o que puderem para fugir imediatamente! A maioria das crianças não sabe disso e não conhece seus direitos. Se você vive com sua família, e alguém oferecer dinheiro para você ir a algum lugar, lembre-se de que as coisas que eles dizem sobre a vida ser melhor em uma cidade grande ou que é melhor deixar a família, não são verdade! Fique em casa e lute para ir à escola, diz Meena. ☹



Em memória de Nirbhaya

Em 2012, uma jovem mulher, Nirbhaya, foi estuprada e assassinada por um grupo de homens em um ônibus em New Delhi. O caso atraiu muita atenção em todo o mundo. Na Índia, centenas de milhares de pessoas manifestaram-se, tanto homens quanto mulheres, e exigiram respeito pelos direitos de meninas e mulheres. Em 2013, o governo da Índia criou o Fundo Nirbhaya em sua memória. O fundo fornecerá dinheiro para vítimas e para projetos contra a violência sexual contra meninas e mulheres. Meena foi a primeira menina a receber dinheiro do fundo por seu sofrimento.

Todos ouvem Payal

Quando Payal, 13, fala, crianças e adultos ouvem. Ela é a líder eleita do parlamento infantil em sua aldeia, que é uma aldeia Amigável para Crianças.

– Fiquei orgulhosa quando soube que muitas pessoas tinham votado em mim, diz Payal. Eu



– Um bom líder é honesto e resolve problemas em vez de lamentar-se, diz Payal. Aqui ela discursa para toda a aldeia.

quero lutar por todas as crianças, especialmente pelas meninas. Aqui no Rajastão, muitas meninas são forçadas a trabalhar duro e se casar quando têm apenas doze anos. Eu não gosto do casamento infantil. Nós visitamos casas de crianças e explicamos a seus pais porque a escola é importante. Eu quero ser professora. Também pedimos aos pais para não bater em seus filhos ou esposas. Se eles forem amáveis, será melhor para todos.



Toaleta ajuda meninas

A escola da aldeia recebeu um toaleta graças a Payal e ao parlamento infantil.

– Antes, muitas meninas não frequentavam a escola. Os pais temiam que elas fossem atacadas se fizessem suas necessidades ao ar livre, como os meninos costumam fazer. Mas agora todas as meninas vão à escola, conta Payal.

Reunião importante no parlamento infantil

O parlamento infantil discute como a escola da aldeia pode conseguir oferecer séries mais elevadas, para que as meninas avancem mais em seus estudos. Eles também querem uma cozinha nova.

– Caso contrário, nós marcharemos até os políticos da cidade, criando caos no trânsito, sugere Payal.





Payal se defende

Meninas de aldeias indianas que vão sozinhas à bomba de água ou à escola, muitas vezes são atacadas por meninos mais velhos e homens que puxam suas roupas e dizem coisas estúpidas.

– Mas se alguém tenta algo assim comigo, eu grito para que parem, diz Payal.



Mãe orgulhosa

Meena, uma das ativistas de Kailash, visita Payal e sua mãe, que nunca foi à escola. Ela tem orgulho de sua filha inteligente.

– Meena e Kailash são meus modelos, diz Payal.



Entre nós e o líder

O líder do adulto parlamento da aldeia, frequentemente pede conselhos a Payal e seus amigos.

– Os adultos nos escutam e nos ajudam, diz ela.

Aldeias amigáveis para crianças

Kailash ajudou centenas de aldeias a tornarem-se amigáveis para crianças. Em uma aldeia desse tipo, nenhuma criança pode trabalhar, casar ou ser espancada. Pode levar até três anos para que uma aldeia se torne amigável para crianças. Quando isso acontece, significa que todos foram treinados e um parlamento infantil ajuda a liderança da aldeia.



Só aldeias amigáveis para crianças recebem esta placa de Kailash!

Brincar é melhor que trabalhar



Crianças que não precisam trabalhar podem ir à escola e ter tempo para brincar. Bhawana, 14, que faz parte do parlamento infantil de um bairro pobre da capital, New Delhi, sabe bem disso.

– Se vemos crianças trabalhando, tentamos convencer seus pais a deixá-las ir para a escola em vez disso. Até o momento, ajudamos 32 crianças!

Bhawana acha que é difícil para as pessoas que decidem entender qual é a sensação de ser pobre.

– É como desejar algo muito, e não poder ter aquilo. Para explicar a alguém rico, talvez seja como se ele quisesse um carro muito bonito, mas não pudesse obtê-lo, diz Bhawana.

Kho Kho

As crianças se dividem em duas equipes. Uma que caça e uma que se defende. Os caçadores sentam-se em linha e olham em diferentes direções. Os defensores correm para dentro do plano de três em três. Aqueles que são pegos pelos caçadores saem do jogo.



Akash, 13, e Nitin, 12, jogando Gatta. Eles jogam pedras e as pegam na parte de trás da mão. Quem derrubar uma pedra a perde!



Gayatri, 12, e Bhawana, 14, jogam zeros e cruzes (jogo da velha).

– Lutamos para que as crianças possam brincar e ir à escola.



Kit-Kit

Gunun, 11, brinca de amarelinha, que se chama Kit-Kit na Índia!



Ramesh fugiu para a liberdade

Ramesh muitas vezes leva os gansos do Bal Ashram para uma caminhada. Ele gosta especialmente de cuidar dos mais jovens.

– Porque quando eu era pequeno e fui libertado do trabalho escravo, havia sempre alguém aqui para cuidar de mim, diz ele.

Ramesh foi liberado pela BBA quando tinha sete anos de idade e já trabalhava em uma fábrica de tijolos há um ano. Ele virava tijolo por tijolo sob o sol escaldante e, quando eles secavam, os empilhava. Cada tijolo pesava 2,5 kg.

Forçado a trabalhar de novo

Depois de alguns meses no Bal Ashram, Ramesh voltou para casa. Ele começou andar na companhia de meninos mais velhos que fumavam e brigavam. Seu pai ficou furioso e o mandou para o Nepal. Ramesh tinha que lavar pratos e limpar um restaurante durante 12 horas por dia.

– O proprietário me espancava ao menor erro, conta Ramesh. As noites eram terríveis. Eu costumava colocar duas mesas lado a lado para dormir, mas às vezes eu caía. Nessas ocasiões, o proprietá-



Ramesh gosta de cuidar dos gansos no Bal Ashram. Ele costuma filosofar, enquanto caminha com eles. – Nunca quero ser rico, é melhor ser honesto e pobre. Eu não gosto do estilo de vida e desperdício das pessoas ricas, diz Ramesh, que já foi escravo infantil.

rio vinha correndo do quarto e me espancava.

Sangue por toda parte

Um dia, Ramesh teve que pintar uma parede e uma gota de tinta espirrou na comida do proprietário.

– Não me lembro quantas vezes ele me socou até eu cair. Usei as mãos para apoiar e caí sobre um prego que entrou em meu dedo. Havia sangue e tinta por toda parte. Ramesh, que completara 9 anos, decidiu fugir. Mas a viagem até o

Bal Ashram levaria vários dias.

Ramesh contou ao menino que trabalhava no restaurante sobre a comida, as brincadeiras e a escola, mas ele não tinha coragem de acompanhá-lo. Por fim, Ramesh se desesperou e mentiu: “Sabe o que também há no Bal Ashram? Aviões! Às vezes, eles pousam e é preciso se afastar e observar!”

Viagem longa

Na noite seguinte, eles fugiram.

– Entramos sorrateiramente em um trem e nos escondemos do condutor. Planejamos

saltar do trem em movimento se alguém nos encontrasse.

Após procurar muito em New Delhi, eles acharam o ônibus certo. Após um dia e uma noite de viagem, tomaram outro ônibus em uma estrada acidentada. Ramesh reconheceu a região. Ele participara de uma marcha contra a escravidão infantil aqui!

– Meu coração batia forte. Chegando ao portão do Bal Ashram, vi um de meus ex-professores. Fiquei radiante, mas meu amigo chorou ao perceber que não havia aviões. 🌐

Sonha com a justiça

A irmã de Ramesh foi morta por seu próprio marido.

– Ela era muito bonita. O homem mais rico da nossa aldeia se casou com ela e eles tiveram uma filha. Quando a menina tinha seis anos de idade, ela pediu um pouco de açúcar e o homem ficou irritado. Ele a espancou até a morte. Um ano depois, minha irmã estava cozinhando e derramou água no chão. O sobrinho de seu marido escorregou na água e o homem ficou tão bravo que quebrou seu pescoço. Quando ninguém a via há cinco dias, foram até a casa. Minha irmã estava no chão com o pescoço quebrado. Ela não conseguia se mexer e não tinha nada para comer. Duas semanas depois, ela estava morta. Nenhum de nós foi à polícia, porque o homem é rico e nós somos pobres. Meu sonho é que seja punido.



– Quero ser advogado e lutar contra a corrupção.

Lutem por direitos iguais!

Os direitos da criança aplicam-se a todas as crianças. No entanto, meninas muitas vezes são tratadas de forma diferente de meninos. Metade das crianças do mundo são meninas, mas muitos mais meninos vão à escola, têm o suficiente para comer, brincam e vão ao médico quando estão doentes. Nas páginas 94-113 você conhece meninas, mas também meninos, que são embaixadores dos direitos da criança e lutam por direitos iguais para todas as crianças.

Em um mundo mais justo não apenas as meninas se sentem melhor, mas também seus pais, irmãos e futuros maridos e filhos. Hoje, as meninas trabalham mais em casa e têm menos tempo para brincar. Elas são expostas mais frequentemente à violência e muitas vezes são forçadas a se casar quando ainda são crianças. Meninas também têm mais dificuldade de serem ouvidas e decidir sobre suas próprias vidas. Você também acha que isso é injusto? Seja um(a) embaixador(a) dos direitos da criança, funde um clube dos direitos da criança do WCP e faça parte da mudança!

Importante e divertido

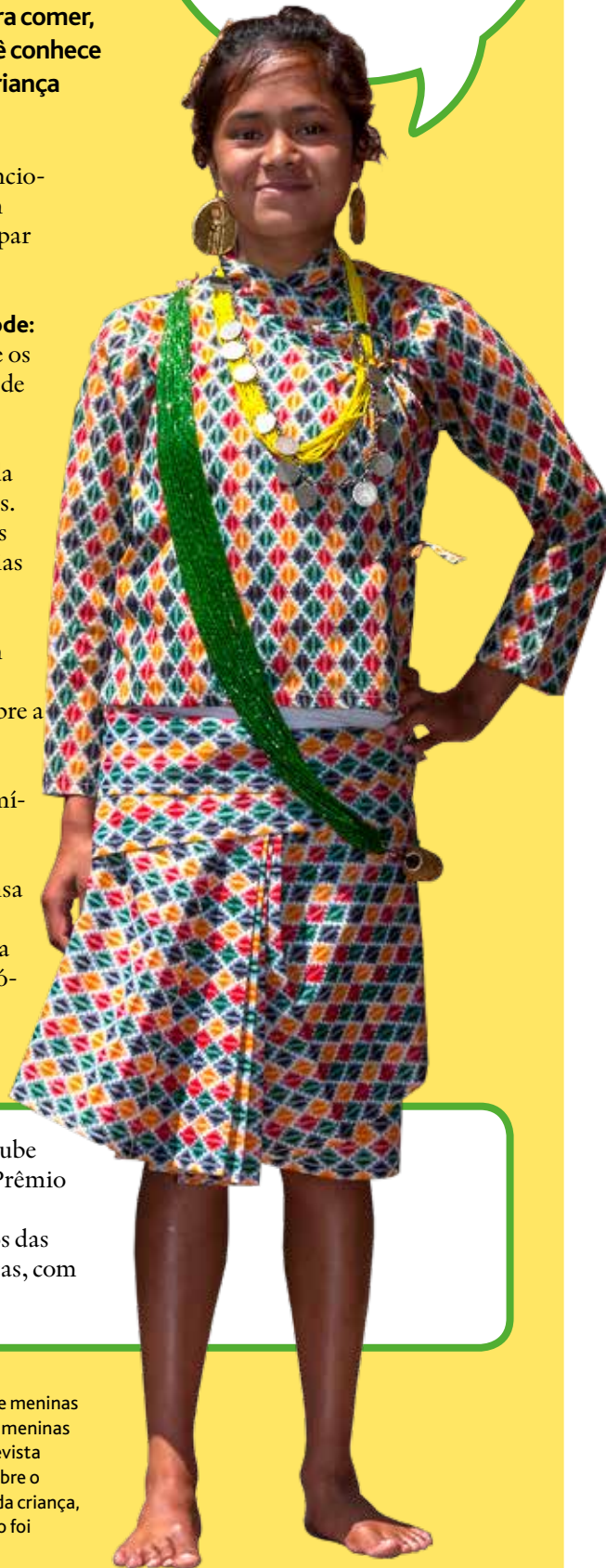
Você pode se tornar embaixador(a) dos direitos da criança estudando cuidadosamente a revista O Globo e o folheto informativo sobre os direitos da criança em seu país e no mundo. Quando tiver conhecimento dos direitos da criança, você pode, juntamente com alguns amigos, fundar um clube dos direitos da criança do WCP. No clube dos direitos da criança vocês se divertirão e farão algo vital ao mesmo tempo. Vocês implementam o programa do WCP juntos e envolvem mais

alunos. Quando o clube estiver funcionando corretamente, vocês podem convidar mais amigos para participar também.

O clube dos direitos da criança pode:

- Disseminar conhecimento sobre os direitos da criança e a igualdade de direitos das meninas.
- Fazer com que suas vozes sejam ouvidas e exigir que os direitos da criança sempre sejam respeitados.
- Fazer cartazes e folhetos sobre os direitos da criança e usar as mídias sociais.
- Organizar concursos e debates.
- Escrever uma peça de teatro, um poema ou uma canção que ajude mais pessoas a entender mais sobre a situação das crianças.
- Convidar os políticos locais, os meios de comunicação e suas famílias à escola e para seus dias da Votação Mundial.
- Realizar Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo
- Celebrar os heróis dos direitos da criança e seus direitos em sua própria cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo.

Eu exijo respeito aos direitos da menina



Comecem!

Na página do Prêmio das Crianças do Mundo vocês têm conselhos de outras crianças e mais dicas sobre:

- Como se tornar um(a) embaixador(a) dos direitos da criança.
- Como fundar e gerir um clube dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo.
- Direitos da criança, direitos das meninas e tráfico de crianças, com fatos e números.

UM MILHÃO DE MENINAS FORAM EMPODERADAS!

No projeto *Direitos e democracia para um milhão de meninas*, o WCP treinou mais de um milhão de meninas de sete países em direitos iguais das meninas e as empoderou para ousar exigir que os direitos das meninas sejam respeitados. Ao mesmo tempo, mais de dois milhões de meninos aprenderam, através da revista O Globo, sobre a igualdade de direitos das meninas. O projeto também difundiu conhecimento sobre o comércio sexual infantil. Centenas de meninas foram treinadas como embaixadoras dos direitos da criança, que ajudaram as meninas a fundar dezenas de milhares de clubes dos direitos da criança. O projeto foi realizado em colaboração com a ECPAT Suécia e com o apoio da Loteria Sueca do Código Postal.



Escrava de soldados agora é embaixadora dos direitos da criança



Um atrás, Mireille foi raptada e abusada como escrava sexual por um grupo armado na República Democrática do Congo. Hoje ela é embaixadora dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo e luta pelos direitos das meninas.

– Nenhuma menina deve passar pela experiência que tive. Lutarei por isso até morrer! diz Mireille, 16.

O horror todo aconteceu na noite do dia de mercado. Como de costume, estávamos sentados jantando do lado de fora da casa, conversando e rindo. Era a mesma coisa por toda a vila. As pessoas comiam e as crianças riam e brincavam. Era uma noite bonita.

Mas, de repente, tudo parou. Na direção da borda da floresta, onde ficavam os campos de mandioca da aldeia, ouviu-se o som de metralhadoras. Inicialmente, o som era baixo, mas foi ficando forte. Eu sabia que havia uma guerra no Congo. Que os soldados estavam atacando aldeias e sequestrando e matando pessoas. Mas sem-

pre pensei que era o tipo de coisa que acontecia com outras pessoas, não comigo. Que isso acontecia longe, e não na minha aldeia. Eu realmente nunca havia temido a guerra.

Como escravos

Em pânico, as pessoas tentavam recolher seus filhos, pratos e utensílios de cozinha. Fogueiras e luzes foram apagadas, e todos entraram e se esconderam em suas casas. Nós imaginamos que se ficassemos em silêncio e fingíssemos dormir, talvez nos deixassem em paz. Arrastamos-nos para debaixo dos cobertores, mas meus irmãos menores não conseguiam parar de

chorar. Tentamos acalmá-los. Eu os abracei, acariciei e confortei e, eventualmente, funcionou. Era possível ouvir pessoas que se deslocando entre as casas. Eu estava apavorada, mas, para não preocupar os outros, tentei não demonstrar.

De repente, alguém arrombou a porta. Dois soldados com metralhadoras e grandes facões entraram rapidamente no quarto. Eles apontaram suas lanternas em diretamente em nossos rostos. Quando me viram, os soldados grita-

ram que eu devia me levantar. Mas eu estava tão assustada que não conseguia me mover. Então eles me arrancaram de minha mãe com a violência e disseram:

“Se você chorar ou gritar, vamos matá-la!”

Depois, pegaram minhas duas irmãs que tinham onze e sete anos. Os soldados amarraram nossas mãos para trás e nos amarraram juntas em uma linha com uma corda. Assim como se fazia com escravos muito tempo atrás.

Raptada

Minha mãe chorou e implorou aos soldados que nos deixassem. Eles responderam que, se ela pagasse, poderiam desatar as cordas e nos libertar. Mas a mãe disse que éramos pobres e não tínhamos dinheiro. Então, os soldados nos empurraram porta afora. Como estávamos amarradas, nós caímos de cara no chão. Quando saí, vi muitas meninas que estavam presas da



“Como de costume, estávamos jantando do lado de fora da casa, conversando e rindo. Mas, de repente, ouvimos o barulho de metralhadoras”.



Corda de escravo

Foi com este tipo de corda que soldados amarraram Mireille, suas irmãs e as outras meninas. – Assim como faziam com escravos no passado, conta Mireille.

mesma forma que eu e minhas irmãs. Éramos dezesseis meninas, muitas eram minhas amigas. Os soldados eram muitos, havia cerca de cem deles. A ordem para começarmos a andar veio com um grito.

Já era tarde da noite quando, formando uma longa fila, entramos na floresta, em direção às montanhas. Estava escuro e era difícil de ver onde pisávamos. Caíamos e nos machucávamos o tempo todo. Os soldados apenas gritavam para seguirmos em frente.

Abusada

Quando havíamos caminhado por várias horas, os soldados nos mandaram parar. Eles desamarraram nossas mãos, arrancaram nossas roupas e nos empurraram para o chão. Quando choramos e gritamos por socorro, os soldados nos atingiram violentamente com coronhadas. Ao mesmo tempo, eles gritavam

que iriam nos matar se não fôssemos quietas ou se tentássemos fugir. Depois, eles nos estupraram. Minhas irmãs pequenas estavam deitadas ao meu lado, mas eu não podia ajudá-las. Os soldados se revezaram. Quando um terminava, vinha o próximo. Aquilo durou uma eternidade.

Não permitiram que nos lavássemos, nem nos deram água para beber. Mas recebemos uniformes de soldado grandes demais. Quase todas tiveram que dobrar as mangas e as barras da calça. Não nos deram sapatos, então tínhamos que andar no meio da floresta tropical com os pés descalços. Enquanto caminhávamos, muitas meninas choravam, mas quando os soldados ameaçavam com suas armas todas se calavam. Todas, exceto uma.

Atiraram na minha amiga

Uma de minhas amigas, com quem eu costumava buscar água no poço de nossa aldeia,



Mireille, 16

Ama: Ir à escola e ensinar os outros.

Odeia: Guerra e sequestros.

Melhor coisa que aconteceu: Podermos comer até estar satisfeitos.

O pior aconteceu: Quando fui raptada e abusada por soldados.

Quer ser: Médica.

Sonho: Visitar a Inglaterra, que eu acho que é bonita, rica e pacífica.

não conseguia parar de chorar. Embora fosse apenas uma criança, ela também acabara de ser mãe. Ela chorava e gritava de dor, pois tinha sido forçada a se separar de seu bebê. Os soldados ficaram cada vez mais irritados. Eles a alertaram e disseram que ela revelava nossa posição ao inimigo. Por fim, atiraram nela e a deixaram no caminho. Ela estava na minha frente, então vi tudo. Tudo parecia irreal.

Quando amanheceu, nos escondemos entre as árvores. Tínhamos fome e sede, mas os soldados não nos deram nada. À noite, recomeçamos a andar. Na segunda noite os soldados nos abusaram da mesma forma que na noite anterior.

Fuga

Na manhã seguinte, eu percebi que havia uma grande distância para os soldados atrás de nós. Todos estavam cansados e caminhavam muito lentamente. Então percebi





Correu para salvar sua vida

– Quando os soldados nos viram desaparecer por entre as árvores, eles começaram a atirar. Os projéteis me cercaram.

→ que havia uma chance escapar. Era agora ou nunca. Eu e uma de minhas irmãs que caminhava bem ao meu lado, nos desviamos da fileira e começamos a correr para dentro da floresta, o mais rápido que conseguimos. Nossa irmã menor estava em outro lugar nas fileiras e não nos acompanhou.

Os soldados começaram a atirar e os projéteis me cercaram. Era um barulho ensurdecido. Fiquei apavorada e me joguei no chão. O coração estava acelerado. Eu tinha certeza de que minha irmã tinha sido baleada. Os soldados devem ter pensado que estávamos mortas, porque ninguém veio atrás de nós. Pude ouvir que eles continuaram a caminhar em direção às

montanhas. Fiquei deitada por um longo tempo. Depois do que pareceram horas, eu ousei me levantar com. Minha irmã também se levantou. Ela estava a apenas alguns metros de distância de mim o tempo todo. Fiquei tão feliz!

Salva

No início, corremos o quanto pudemos, mas, no final, ape-



Item favorito

– Eu ganhei essa saia de um vizinho e é a melhor coisa que tenho. É a única saia que eu tenho. Eu amo roupas e gostaria de ter muito mais!

nas cambaleávamos. O tempo todo nós tínhamos encontrar soldados. Tentei consolar minha irmã, mas eu mesma estava muito triste. A única coisa em que pensava era nossa irmã mais nova, que ficou com os soldados. Imaginei

que eles provavelmente a mataram porque nós tínhamos escapado. No início não tínhamos ideia de onde estávamos, mas, eventualmente, nós começamos a reconhecer. Caminhamos em direção ao pôr do sol e à noite, nos apro-

Isso tem que mudar!

– No Congo violam os direitos das meninas o tempo todo. Muitas meninas nem mesmo sabem que isso é errado. Como embaixadora dos direitos da criança, é o meu trabalho conscientizar as meninas sobre seus direitos. Para que possamos nos defender! Estas são algumas das violações mais comuns contra nós, meninas, no Congo, diz Mireille:

- Meninas são raptadas e abusadas como escravas sexuais por parte de grupos armados. Algumas engravidam quando ainda são crianças. Muitas meninas que estiveram com soldados também pegam a doença AIDS e morrem. Tive sorte de ficar saudável e não engravidar.
- As meninas fazem quase todo o trabalho em casa, como cozinhar, ir buscar água, lavar roupa, limpar e trabalhar nos campos. Meninos podem brincar e jogar futebol.
- Meninas têm mais dificuldade para ir à escola. Se a família é pobre, investe na educação dos filhos. Eles acham que as filhas vão se casar e mudar, portanto, as despesas com sua escola são um desperdício de dinheiro.



Tem medo da floresta

– Depois do que aconteceu, eu temo a floresta e nunca vou lá, diz Mireille.

ximamos da aldeia. Quando vi minha mãe, comecei a chorar e corri em sua direção. Abraçamo-nos por muito tempo. A mãe cozinhou para nós sobre a fogueira. O mingau de milho chamado ugali e mandioca. A melhor refeição da minha vida.

Eu me sentia muito mal e não conseguia dormir. Acordava o tempo todo por causa de pesadelos, triste por não ter sido capaz de proteger minha irmã mais nova.

Prêmio das Crianças do Mundo

Nosso campo de mandioca era o lugar onde os soldados estavam, então minha mãe e meu pai não tinham coragem de ir lá e trabalhar. Eles temiam ser sequestrados ou mortos. Como a família não podia ganhar nenhum dinheiro, tive que parar de estudar, assim como meus irmãos. É muito triste. Eu adorava a escola.

Tínhamos medo de que os soldados viriam procurar por nós, e fomos morar com meus avós, que vivem em um lugar diferente. Eu me sentia mal em minha antiga casa, porque tudo fazia com que me lembrasse de coisas tão terríveis. Após a mudança, senti-me um pouco mais segura, mas

eu não estava bem. Um dia, uma organização que trabalha com meninas que passam por dificuldades veio verificar como eles poderiam me ajudar. Eles também falaram sobre os direitos das meninas e deram-me uma revista O Globo. Eu também aprendi muito sobre o Prêmio das

Crianças do Mundo e gostei muito do que ouvi!

Embaixadora dos direitos da criança

Antes de ler a revista O Globo, eu não tinha ideia de que as meninas têm direitos. De repente, percebi que as coisas às quais os soldados tinham me submetido, assim como às outras meninas, não foram apenas horríveis, mas também violações dos nossos direitos. Algum tempo depois, perguntaram se eu queria participar de um grupo de embaixadoras dos direitos da criança pelos direitos das meninas. Aceitei imediatamente, do fundo do meu coração!

Agora nós, embaixadoras, nos encontramos uma vez por mês. Lemos a revista O Globo juntas e aprendemos mais sobre os direitos da criança. Depois, ensinamos aquilo que aprendemos a outras pessoas. No meu bairro, eu fundei um clube dos direitos da criança





Onde está a irmã mais nova?

– Eu ainda não sei onde está minha irmã mais nova, ou o que aconteceu com ela. É terrível. Não se passa um dia sem que eu pense nela. Muitas vezes tenho pesadelos e problemas para dormir, diz Mireille.



do WCP e nos encontramos na minha casa toda terça-feira e sábado. No início, eu contava muito sobre as coisas a que fui exposta a quando os soldados me raptaram. Através disso, espero ajudar as outras meninas a se protegerem. Não quero que ninguém tenha que experimentar a mesma coisa. Agora eu uso muito a revista O Globo e tento ensinar o que sei sobre os direitos da criança, especialmente os direitos das meninas. Nós lemos juntas e conversamos. E, assim, apoiamos umas às outras. Isso é necessário pois, no Congo, é difícil ser menina.

Direitos das meninas

Na guerra, os direitos das meninas são violados. Como há guerra no Congo, muitas meninas ficam em apuros. Muitas são raptadas por soldados e abusadas da mesma forma como eu fui. Por isso é

tão importante haver embaixadoras dos direitos das crianças aqui, para dizer às pessoas que temos o direito de exigir ser bem tratadas.

Muitas meninas que são vítimas da violência dos soldados se recusam a contar. Embora não seja sua culpa, elas têm vergonha do que aconteceu. Se todos souberem que uma menina foi abusada, pode tornar-se mais difícil para ela se casar. Ninguém a quer. Pode ser difícil para mim também, mas eu conto de qualquer maneira. É tão importante que eu não posso ficar calada. Passei a ter a coragem de contar ao ler sobre as meninas corajosas na revista O Globo que ensinam e ajudam as outras. Isso me inspira. Tenho a intenção de lutar pelos direitos das meninas até morrer!”

Mireille, 16 anos, República Democrática do Congo



Meninas valentes inspiram

– Todas em nosso clube dos direitos da criança ficam muito inspiradas pela leitura sobre todas as meninas corajosas na revista O Globo, diz Mireille.



Embaixadora dos direitos da criança orgulhosa

– Como embaixadora dos direitos da criança, é minha tarefa fazer com que as meninas saibam sobre seus direitos, diz Mireille.



Meninas bambuti duplamente vulneráveis



– Antes de me tornar embaixadora dos direitos da criança e ler a revista O Globo, eu não sabia que as meninas ou os bambuti tinham direitos, diz Fatuma.



Nós somos amigas!

– Eu vejo as meninas bambuti embaixadoras como quaisquer outras amigas. Para mim, não há diferença alguma, diz Mireille. Na foto, a partir da esquerda, as amigas Lyliane, 16, Mireille, 16, Aline, 16, Fatuma, 14 e Jeanine, 17.

Por ser bambuti, muitas vezes sou vítima de discriminação. Muitos bambuti nunca foram à escola e não sabem ler nem escrever; temos mais dificuldade que outras pessoas para conseguir emprego. Às vezes, quando deixamos nossas aldeias na floresta e mudamos para a cidade, existem congoleses que riem de nós. Eu acho que é porque somos mais baixos do que os outros. Aqueles que riem afirmam que somos inúteis e não servimos para nada. É uma sensação terrível ouvir coisas assim. Dói em nossos corações e nos deixa muito tristes. É assustador que pensem que nós não valemos tanto quanto os outros. Que não temos os mesmos direitos que os outros.

Mas nem todo mundo nos maltrata. Eu sou embaixadora dos direitos da criança e em meu grupo de embaixadoras há uma menina não bambuti chamada Mireille. Somos amigas e eu não sinto nenhuma diferença. Nós somos iguais!

É graças ao Prêmio das Crianças do Mundo que nos reunimos assim. Gostaríamos muito de ter amigos que não são bambuti, mas não é tão fácil, porque não convivemos tanto com outras pessoas. Através do WCP, o fazemos de forma natural. Eu realmente gosto do fato de que há tanto bambuti quanto outras

congolesas no grupo de embaixadoras. Quando os outros virem que somos amigas, talvez as pessoas mudem a maneira como nos tratam. No futuro, as pessoas podem pensar que somos iguais e temos os mesmos direitos que todos os outros.

Difícil por ser menina

Quando se é bambuti e menina a vida é particularmente difícil. O Congo não respeita nem um pouco os direitos das meninas. Isto também é verdade aqui na aldeia, entre meu próprio povo. É a mesma coisa em todos os lugares. Somos exploradas por grupos armados e forçadas a fazer todo o trabalho doméstico pesado, como cortar madeira na floresta, buscar água e cozinhar. Se os meninos não estão caçando ou coletando, eles brincam e descansam. Nós, meninas, não temos chance de apenas descansar e nos divertirmos. Isso não está certo.

Como embaixadora, eu conto a outras crianças sobre os direitos das meninas. É muito importante para que o futuro seja melhor para todas as meninas no Congo!

Antes de me tornar embaixadora dos direitos da criança e ler a revista O Globo, eu não sabia que as meninas ou os bambuti tinham direitos.

Agora sei e vou lutar para que possamos ter uma boa vida!”

Fatuma, 14



Bambuti são discriminados

Os bambuti são caçadores-coletores na floresta tropical e sempre viveram de maneira muito vulnerável. Às vezes, eles são considerados menos humanos, que podem ser tratado de qualquer maneira. Como os bambuti conhecem as florestas melhor que todos os outros, eles muitas vezes são sequestrados por grupos armados e explorados como batedores na guerra. Muitos foram mortos. Os bambuti geralmente recebem salários mais baixos do que outras pessoas, ou álcool em vez de dinheiro, quando realizam trabalhos para outros congoleses. Tal como acontece com muitos outros povos autóctones do mundo, o alcoolismo é comum entre os bambuti, e a pobreza é muito grande.

Clube com respeito

Eu participo do clube dos direitos da criança de Mireille há dois meses. Nós nos encontramos duas vezes por semana e aprendemos mais sobre os direitos das meninas. É importante porque os nossos direitos são violados o tempo todo aqui. Basta ver como Mireille foi sequestrada e abusada pelos soldados. Isso acontece frequentemente aqui. Acho que ela é muito corajosa por falar sobre o que aconteceu com ela. Muitas pessoas não fazem isso porque as pessoas não gostam de meninas que tiveram problemas. Isso é errado! Devemos cuidar dessas meninas.

No clube, eu aprendo muitas coisas que, depois, posso ensinar a outras pessoas, como meus familiares, vizinhos, amigos, colegas e até mesmo meninos. Quando um número suficiente de pessoas souber que as meninas têm direitos, a vida será melhor para nós.

No clube, falamos sobre coisas importantes, mas também nos divertimos muito. Somos amigas que respeitam e ouvem umas às outras. Todo mundo tem sua chance de dizer o que



pensa. Quando estamos entre os rapazes na escola, as meninas nunca são levadas a sério. Ninguém escuta nossos pontos de vista. Se dissermos que nós realmente temos direitos, os meninos dizem: “O quê? É claro que vocês não têm direitos!” Em seguida, eles riem e simplesmente vão embora. Aqui no clube dos direitos da criança é diferente. Aqui somos tratadas com respeito.

É bom ter um lugar assim. Como grupo, também somos muito mais fortes do que cada uma separadamente quando precisamos exigir ser bem tratadas. Isto se aplica na família, escola, aldeia ou comunidade externa.

No futuro eu quero ser médica”.

Dorcas, 16



Mireille é como Malala

– Quando Mireille conseguiu fugir dos soldados, ela contou tudo que havia acontecido, embora soubesse que aquilo poderia prejudicá-la. E ela faz isso para ajudar os outros. Acho que ela é incrivelmente corajosa. Ela é, de certa forma, bastante semelhante a Malala, que luta pelo direito das meninas irem à escola no Paquistão. Na revista O Globo, lemos que ela foi ameaçada e baleada, mas continuou a lutar mesmo assim. Tanto Mireille quanto Malala são muito corajosas”.

Vozes pelos direitos da criança e sobre O Globo

Todas as crianças em Bukavu, no leste da República Democrática do Congo, conhecem bem a violência e as violações dos direitos da criança.

Revista O Globo é meu livro didático sobre direitos da criança

“Onde eu moro há muitas meninas que não frequentam a escola, e algumas estão vulneráveis à violência sexual e são abusadas frequentemente. Peço ao governo que impeça o estupro e apoie o direito à escola para todas as meninas. Através do WCP, aprendi sobre meus direitos e conheci defensores dos direitos da criança. A revista O Globo é meu primeiro livro-texto sobre direitos da criança”.

Nshobole, 12



A revista genuína pelos direitos das meninas

“Crianças vivem nas ruas por causa da pobreza, que é resultado da guerra no leste da República Democrática do Congo. Seus direitos à educação e proteção são violados. No futuro, vou lutar para construir escolas e encontrar um lar para essas crianças. Quero que o governo do nosso país construa escolas e lares para crianças de rua. O Globo é a revista genuína pelos direitos das meninas!”

Katchunga, 14



Acuso adultos e amo a revista O Globo

“Eu vejo crianças que dormem na rua. Acuso adultos que matam crianças nas aldeias com uma corda chamada «Kabanga» impunemente. Vejo escolas mal construídas, sem banheiros ou áreas para brincar. Peço ao governo congolês que puna quem viola os direitos da criança. Viva o programa do Prêmio das Crianças do Mundo! Eu amo a revista O Globo e a leio com meus amigos!”

Assuza, 12



Uma parte importante da missão de Mireille e outras embaixadoras dos direitos da criança é ensinar a crianças e adultos sobre os direitos da criança, especialmente sobre os direitos das meninas. Hoje, algumas delas fizeram um treinamento para funcionários do governo e políticos, funcionários aduaneiros, policiais e professores.

– Na verdade, eu não fiquei nervosa, apenas feliz! diz Noella, 15.

Crianças ensinam adultos

Foi ótimo dizer a todos que as meninas têm direitos e que devem ser tratadas com o mesmo respeito que os rapazes. Acho que, ao contarmos como é ser menina no Congo hoje, as coisas podem melhorar para nós no futuro. E é importante dizer aos políticos. Aqui há um ditado de que o melhor é ‘começar pela cabeça e terminar pela cauda’. Os políticos são a ‘cabeça’, porque eles realmente têm o poder de decidir e podem fazer as coisas mudarem. Por exemplo, se

os políticos disserem seriamente que todas as meninas devem frequentar a escola, então os pais, professores e todas as outras pessoas serão obrigados a respeitar essa decisão.

Hoje fomos nós, crianças, que ensinamos aos adultos sobre nossos direitos, e realmente senti que eles nos ouviram e levaram a sério. As coisas nem sempre são assim aqui. As crianças não são realmente ouvidas. Aqui, talvez um em cada dez adultos ouça as crianças e nos leve a sério. Nós, meninas, temos mais dificuldade para fazer ouvir

Bem-vindos aos direitos das meninas!

As embaixadoras dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo, Prisca, 12, (à esquerda) e Katongu, 14, cumprimentam os políticos e dão as boas-vindas ao dia sobre os direitos das meninas.



nossas vozes. Ninguém está interessado em ouvir nossa opinião. Isso acontece na família, na escola, entre meninos e em todos os lugares. Nós geralmente mantemos nossos pensamentos para nós mesmas. Mas, depois que começamos a ler a revista O Globo, entendemos que nós, meninas, temos o direito de dizer o que pensamos. As histórias na revista O Globo nos incentivaram e encorajaram a expressar nossas opiniões.

Como embaixadoras dos direitos da criança para os

direitos das meninas, temos uma missão muito importante. Aqui no Congo acredita-se que apenas meninos podem se tornar presidentes e líderes. Mas é claro que as meninas também podem fazê-lo! Não só podemos, como é nosso direito! Como embaixadoras, temos a missão de falar sobre isso”.

Noella, 15, embaixadora dos direitos da criança do WCP, Instituto Beni, República Democrática do Congo.

Lutamos contra o comércio sexual infantil!

– Hoje eu também falei sobre a exploração sexual infantil, que é comum aqui. Meninas pobres são compradas e vendidas e abusadas por homens adultos. Isso me deixa com muita raiva! Aqui, as meninas também são abusadas como escravas sexuais por soldados. Isso também é comércio sexual infantil. Como embaixadora, é importante lutar contra isso, diz Noella.



Prêmio das Crianças do Mundo é o nosso advogado

“Não aceito a violência contra meninas. Crianças são abusadas por adultos na República Democrática do Congo. Vou lutar contra a guerra, que é a base para violação sem precedentes dos direitos das meninas. Eu amo o programa do Prêmio das Crianças do Mundo, que é o nosso advogado! A revista O Globo é o livro que precisamos para nossos direitos!”
Esta, 11



Meu livro-texto para as vozes das crianças

“Em algumas escolas por aqui, as meninas ainda sofrem com sistema de ‘avaliação sexualmente transmissível’. Peço ao governo congolês que apoie o programa do Prêmio das Crianças do Mundo e as organizações que lutam pelos direitos das meninas. Considero o programa do WCP interessante, ele possibilita defender os direitos da criança em nosso país. A revista O Globo é o meu primeiro livro-texto com fotos de crianças que têm suas vozes ouvidas”.
Soki, 18



Protesto contra minha tortura

“Eu protesto contra a tortura que sofri, e contra o estupro e todas as formas de violência contra meninas. E contra a exploração de meninas no comércio sexual infantil por grupos armados. Também contra crianças dormirem na rua, gravidezes precoces causadas por adultos e abuso de crianças por suas madrastas. Peço ao governo congolês que puna todos que violam os direitos da criança e difunda o conhecimento sobre os direitos da criança. Eu gosto das fotos de crianças na revista O Globo!”
Grace, 14



Irmão mais velho pelos



Registro nos cadernos eleitorais.



Sozinho na cabine de votação.



Meu voto na urna eleitoral.



Marcação contra fraude eleitoral, para que não se possa votar duas vezes.

Hoje tivemos a Votação Mundial aqui na escola e eu fui um dos que organizaram o dia. Também participei de uma peça de teatro que fizemos para os alunos após a votação. O tema foi o fato de que as meninas também têm o direito de ir à escola.

Na peça, eu faço um irmão mais velho que pode ir à escola, enquanto suas duas irmãs devem ficar em casa e fazer todo o trabalho doméstico. Eu interpreto um rapaz muito comum. A primeira coisa que ele faz ao chegar da escola, todos os dias, é mandar suas irmãs prepararem chá para ele. E os pais não têm nenhum problema com isso, pelo contrário. Eles dizem às irmãs: “Depois do chá, vocês devem cozinhar para seu irmão, agora que ele acaba de voltar da escola e está cansado”.

Depois, quando as irmãs trazem a comida, seu irmão não permite que elas fiquem ali e comam junto com ele. Em vez disso, ele as manda de volta para a cozinha, onde ele acha que é o lugar de mulheres e meninas. Afinal, é onde elas vão acabar quando se casarem. O irmão mais velho nunca ajuda as irmãs em nada. Ele tem tempo para



descansar, é livre e pode fazer o que quiser.

Pense de novo, pense direito

Um dia, uma amiga das irmãs vem visitar e pergunta por que elas não estão na escola. Ela pergunta o que há de errado. A amiga leu a revista O Globo na escola e aprendeu

sobre os direitos das meninas. Ela mostra a revista para as pessoas da família, especialmente as páginas sobre a Convenção sobre os Direitos da Criança e o Artigo 2, que descreve que todos têm os mesmos direitos. Ela explica que as meninas, portanto, têm o mesmo direito de ir à escola e serem tratadas tão bem quanto os meninos.

Quando o pai na peça lê a revista O Globo, ele entende

Meninas são silenciadas

— Assim que as meninas tentam dizer algo assim aqui, são silenciadas. Na família, a escola... em todos os lugares em toda a sociedade, na verdade, diz Schadrack.



direitos das meninas



que tinha um modo errado de pensar. Ele pede desculpas e promete que as meninas poderão começar a frequentar a escola. Ele explica que não conhecia os direitos das meninas, mas que agora ele entende e sabe melhor. Mesmo eu, como o irmão da família peço perdão às minhas irmãs por não tê-las tratado bem. Depois, o irmão começa a ajudar suas irmãs nas tarefas ao invés de só mandar.

Na verdade, foi exatamente por essa situação que eu passei na vida real. Antes de ler a revista O Globo, eu também não sabia que as meninas tinham os mesmos direitos

que nós, rapazes. Agora eu entendo que nós deixamos nossas mães, irmãs e outras meninas sofrerem. Agora eu trato as minhas duas irmãs de maneira totalmente diferente, e elas também frequentam a escola. Agora eu ajudo. Se alguma delas está varrendo o chão em casa, então eu busco água. Se elas lavam a roupa, eu cozinho. Todos se sentem muito melhor.

Prêmio das Crianças do Mundo

O Prêmio das Crianças do Mundo e a Votação Mundial são muito importantes porque nós apoiamos as pessoas

Shadrack e outros alunos na peça sobre como o irmão e o pai em uma família perceberam a igualdade de direitos das meninas; às vezes, leem O Globo em voz alta para os espectadores.

que apostam tudo e quase sacrificam as próprias vidas por nós, crianças. Mas é igualmente importante que aprendemos muito sobre os nossos direitos, quando lemos a revista O Globo e nos preparamos para votar. Acima de tudo, o programa é importante para as meninas no Congo, para que elas possam ter um futuro melhor.

Quanto mais pessoas lerem a revista O Globo e aprenderem sobre os direitos da criança, melhor será para todas as meninas. Quando rapazes leem a revista O Globo, eles têm um “momento a-rá”. De repente, você entende que precisa mudar seu comportamento”.
Shadrack, 16, Instituto Beni, República Democrática do Congo.



Uma das piores guerras da história

- A guerra na República Democrática do Congo é uma dos maiores e mais brutais guerras na história do mundo. Ela tem sido contínua desde 1998. A paz foi negociada em 2003, mas o conflito ainda está em curso na região leste do país, onde Mireille vive.
- Quase 6 milhões de pessoas foram assassinadas ou morreram de fome e doenças, como resultado direto da guerra.
- Na época em que o número de crianças-soldado atingiu o máximo, havia mais de 30 mil deles no país. Muitas crianças-soldado ainda não foram reunidas com suas famílias e continuam em vários grupos armados.
- Muitas meninas são, assim como Mireille, raptadas por soldados e usadas como escravas sexuais. Cerca de 2 milhões de meninas e mulheres foram estupradas desde o início da guerra.
- Em 2013, pelo menos 2,6 milhões de pessoas se deslocaram dentro da República Democrática do Congo e 450.000 congoleses fugiram para países vizinhos.
- Mais de 5 milhões de crianças no Congo estão fora da escola.

© TEXTO: ANDREAS LÖNN. FOTOS: JOHAN BERKE



Meninas embaixadoras na escola do Terror

– Há uma guerra contra as meninas na nossa escola. Alguns professores e o diretor abusam de meninas em troca de boas notas nos testes. Se nos recusamos, não somos aprovadas para o próximo ano. Isso é comércio sexual infantil, contou Maria Rosa, 17, na revista O Globo do ano passado. Ela é embaixadora dos direitos da criança do WCP na escola interna da Namaacha, em Moçambique.

Guerra contra meninas

– Um dia, fui chamada pelo diretor. Ele me mandou fechar a porta e colocou um filme pornográfico no computador. Quando perguntei por que estava me mostrando aquilo, ele respondeu que eu já sabia tudo sobre o que as pessoas fazem naquele tipo de filme.

Antes de deixar Maria Rosa ir embora, o diretor mandou que ela não contasse a ninguém sobre sua conversa.

– Se você fizer isso, vou expulsá-la da escola e garantir que não possa estudar em nenhuma escola de Moçambique, enquanto viver!

Nesse dia, o diretor interrogou todas as meninas na escola da mesma forma.

O medo desapareceu

– Mas o interrogatório do diretor não foi a pior coisa que aconteceu na escola. Professores nos ameaçam e dizem que não teremos boas notas nos testes nem passaremos no exame, a menos que durmamos com eles. O mes-

mo se aplica ao diretor. Sou reprovada na escola por me recusar a fazer o que o diretor me exige.

– Sempre tive muita vontade de lutar contra todas as coisas terríveis que acontecem na escola, mas não sabia como fazê-lo. Mas um dia fui selecionada para um treinamento de embaixadora dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo. Entendi que não podia mais tolerar aquilo a que éramos submetidas na escola. Deveríamos ser como as meninas na revista O Globo e lutar por nossos direitos e os de outras pessoas. Antes, tínhamos medo de dizer o que pensávamos, mas o Prêmio das Crianças do Mundo tirou nosso medo.

Odeiam embaixadoras

– Desde o dia em que nós,

embaixadoras dos direitos da criança voltamos do treinamento e começamos a implantar o programa do WCP na escola, o diretor e os professores passaram a odiar o Prêmio das Crianças do Mundo. Eles não querem que ensinemos a outras meninas e meninos sobre nossos direitos, pois querem continuar a nos explorar. Eles querem que nós, meninas, continuemos na ignorância.

– Hoje tivemos a Votação Mundial na escola, mas o diretor e muitos dos professores trabalharam contra nossa eleição desde o primeiro momento. É claro que a administração da escola é totalmente contra o que aprendemos sobre a coisa mais importante que temos, os nossos direitos.

– Os adultos trabalharam contra nós em todos os sen-

tidos, mas para nós foi extremamente importante realizar a Votação Mundial e celebrar os direitos da criança na escola, pois sabemos que o que o diretor e os professores fazem é comércio sexual infantil. Eles usam seu poder contra nós para conseguirem o que querem.

– Não deixaremos de informar sobre os direitos das meninas, até que todos os ataques em nossa escola e em todas as outras tenham acabado!

Maria Rosa, 17, embaixadora dos direitos da criança do WCP na Escola Secundária da Namaacha

OBS! Nem todos os professores da escola da Namaacha expõem as meninas a abusos.





Abusada pelo diretor

“Eu estava lavando roupa quando o diretor estacionou o carro ao meu lado. Ele me mandou pegar um prato de comida para ele da cozinha. Quando entreguei o prato, ele me mandou entrar no carro. Não entendi porque, mas ele disse que se eu não obedecesse, me expulsaria da escola. Quando me sentei ao seu lado, o diretor começou a alisar minhas pernas e tirou minha capulana, o tecido que eu usava como saia. Fiquei nua da cintura para baixo. O diretor pegou o telefone celular e tirou fotos de mim nua. Ao mesmo tempo, ele melou a mim e a si mesmo. Eu estava apavorada. Quando terminou, ele me deu um pacote de

biscoitos e um refrigerante, e me disse para não contar a ninguém sobre o que tinha acontecido. Caso contrário, eu levaria uma surra e depois ele me expulsaria da escola”.

Sara, 17, embaixadora dos direitos da criança do WCP na Escola Secundária da Namaacha

Insegurança no dormitório

“Quando cheguei à escola, há quatro anos, os professores nos respeitaram durante um mês. Depois, tudo mudou. Os professores começaram a me difamar e dizer: “Se você não vier ao meu quarto, não poderá fazer o primeiro teste importante”. Eu tinha quatorze anos na época.

Meninas que dormem com professores tiram boas notas e passam nos exames sem problemas. Aquelas que não o fazem tiram notas ruins, muitas vezes não passam no exame e precisam repetir o ano.

Os professores se voltam para nós que vivemos aqui no internato da escola porque somos pobres. Em troca de sexo, os professores não oferecem apenas boas notas, mas também boa comida e dinheiro. A qualquer hora um professor pode entrar e levar meninas para seu quarto. Nunca estamos seguras aqui”.

Fátima, 17, embaixadora dos direitos da criança do WCP na Escola Secundária Namaacha



Fiquei muito feliz e orgulhosa de representar todas as embaixadoras dos direitos da Criança do Prêmio das crianças do Mundo de Moçambique na grande cerimônia na Suécia. Foi uma situação muito diferente da que temos na escola em casa, onde nós, meninas, temos nossos direitos violados o tempo todo. Agora eu estava em um palco na Suécia e representava todas essas meninas e também fui homenageada por nossa luta. Foi surreal e difícil de compreender, mas absolutamente fantástico! diz Mila, que também estuda na escola interna da Namaacha. Durante a cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo em 2013, ela recebeu o globo do WCP das mãos da princesa Victoria.



“Um tributo ao seu trabalho pela igualdade de direitos das meninas, embaixadoras dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo em Moçambique”



Embaixaras marcham

contra o tratamento dado às meninas por professores





– Ao voltar a Moçambique, eu entreguei o globo de vidro que recebi na Suécia para todas as outras embaixadoras. Todas ficaram emocionadas e queriam segurar o globo de vidro! Nós dançamos, cantamos e celebramos na praia perto de Maputo! conta Mila, rindo.

Diretor da escola do terror demitido

Quando os oficiais do Ministério da Educação em Moçambique leram na revista O Globo do ano passado sobre as embaixadoras dos direitos da criança do WCP na escola do Terror, ficaram muito preocupados.

– Inspectores vieram à escola, e depois tudo aconteceu muito rapidamente, diz Maria Rosa.

Primero, o Ministério da Educação queria encontrar as embaixadoras para ouvir se tudo que dissemos era verdade. Para nossa segurança, foi determinado que nos encontraríamos em um local secreto. Após essa reunião, o Ministério enviou os fiscais à escola para verificar nossa história. Os inspetores entrevistaram o diretor, professores e alunos. Durante

as entrevistas com os alunos, foi revelado quais professores abusaram de meninas na escola. Os nomes foram anotados em uma lista. Em seguida, os especialistas analisaram o computador do diretor. Eles encontraram vídeos pornográficos e fotos de meninas nuas que eram alunas da escola. Exatamente como elas haviam dito.

Eles encontraram evidências de que tudo que havíamos dito era verdade, e o diretor foi demitido. O Ministério da Educação agora vai tentar condená-lo no tribunal por seus crimes.

Reunião no Ministério

Mas até agora nenhum dos professores que abusou das

Embaixadoras satisfeitas! Elas estão felizes porque o diretor provincial as ouviu e levou a sério.

meninas na escola foi demitido. Isso não é certo! Por isso, eu e mais de 50 outras embaixadoras dos direitos da criança de muitas escolas diferentes decidimos conversar com o diretor provincial responsável pessoalmente. Queríamos pedir-lhe para nos ajudar a resolver os problemas que as meninas têm nas escolas de Moçambique. E queríamos contar com nossas próprias palavras, para que ele entendesse que tudo o que dizemos é verdade.

O diretor provincial nos recebeu de braços abertos. Muitas das embaixadoras contaram como foram abusadas sexualmente e submetidas à violência física e psicológica. Várias meninas contaram que não podiam fazer o exame,

embora tivessem boas notas, a menos que eles concordassem em ter relações sexuais com os professores. E como recebiam notas mais baixas caso se recusassem. Muitas embaixadoras choraram e pediram ajuda. Nós apontamos os professores culpados e agora esperamos que eles sejam desligados da escola o mais rápido possível, e percam o direito de ensinar crianças.

Embaixadoras corajosas

Eu não sei o que vai acontecer agora. Mas sei que o ministério vai levar isso a sério. Eles mostraram isso ao desligar nosso diretor. O diretor provincial anotou o testemunho de todas as meninas, de que crimes elas foram vítimas e os nomes dos professores. Ele prometeu que resolveria isso junto com o Ministro da Educação. E eu confio nele. Presumivelmente, os diretores e professores que exploraram as meninas serão demitidos e levados à justiça, assim como o nosso diretor.

Doeu para contar. Não foi fácil ficar lá e descrever aquilo a que fomos expostas na frente de pessoas muito poderosas. Ficamos confusas e envergonhadas. É muito privado. Mas era necessário. As agressões contra nós, meninas, têm que acabar. Agora! Isso é urgente, porque mais e mais meninas abandonam a escola porque sofrem abuso.

Embora tenha sido difícil falar com o Ministério da Educação, nós, como embaixadoras, recebemos através do Prêmio a Crianças do Mundo conhecimento, força e coragem para lutar por nossos direitos. E como um grupo somos fortes. Embora às vezes enfrentemos oposição e ódio por estarmos lutando pelos direitos das meninas, temos a intenção de nunca desistir! Agora, até mesmo o vice-ministro veio à escola e nos agradeceu pelo que nós fizemos!". 🌐



O diretor provincial anota cuidadosamente o que as embaixadoras dos direitos da criança dizem sobre as exigências de sexo dos professores a fim de aprová-las para o ano seguinte.





Phulmaya

não está à venda

Phulmaya, 11, ouve atentamente o que Dipa, 14, tem a dizer sobre os direitos das meninas e o comércio sexual infantil. Elas vivem na mesma aldeia e frequentam a mesma escola em Kavrepalanchowk, no Nepal. Aqui, meninas pobres correm o risco de serem submetidas ao tráfico humano. Dipa acaba de ser treinada como embaixadora dos direitos da criança, a fim de educar e empoderar as meninas da aldeia sobre seus direitos.

Phulmaya trabalha várias horas antes e depois da escola. Ela levanta de madrugada para alimentar os animais. Uma vaca, um bezerro e um bode. Depois, ela acende o fogão a lenha.

– Eu não tenho tempo para brincar. Mas os meninos podem brincar e jogar futebol. É injusto, diz Phulmaya. Todos os dias ela tem que lavar roupas, limpar a casa, lavar os pratos, cozinhar, ir buscar água e cuidar de animais.

O pior é recolher todo o estrume de vaca que se acumulou durante o dia.

Aprende com Dipa

Phulmaya conversou muito com Dipa recentemente. Como embaixadora recém-formada em direitos da criança, ela deve falar sobre os direitos da criança e o tráfico de seres humanos não apenas para outras crianças, mas também para pais e professores. Ela precisa subir a pé em estradas de montanhas íngre-

mes, de aldeia em aldeia com outras embaixadoras dos direitos da criança e disseminar o conhecimento. Tudo para acabar com o tráfico e aumentar o respeito para com o fato de que

Uma das muitas tarefas de Phulmaya é cortar grama e alimentar os animais várias vezes ao dia.



Quando Phulmaya já alimentou as vacas, buscou água, lavou os pratos e cozinhou arroz, ela veste o uniforme escolar e corre para a escola.

as meninas têm os mesmos direitos que os meninos.

→ – Dipa me ensinou que nós, meninas, temos o mesmo valor que os meninos. Nós também temos direito a ter uma boa educação. Também é errado forçar as meninas a se casarem cedo, só porque os pais sentem que não têm condições de sustentar as meninas, diz Phulmaya.

Meninas desaparecem

No Nepal, é comum que prometam empregos bem remunerados no exterior a meninas de famílias pobres. Muitas vezes, no país vizinho, a Índia. Mas as meninas e suas famílias estão sendo enganadas. As meninas acabam como escravas, fazendo o trabalho doméstico para outras famílias ou em hotéis e restaurantes. Ou pior, elas podem acabar como escravas sexuais em bordéis. Cerca de doze mil meninas, muitas delas menores de dezesseis anos, algumas com apenas oito anos, desaparecem no Nepal todos os anos. A grande maioria dessas meninas

nunca volta para casa. Dipa quer acabar com isso.

– Há grandes riscos para meninas como Phulmaya, diz Dipa. A família é muito pobre e não sabe como o tráfico de pessoas é comum. Eles são facilmente convencidos a deixar suas filhas irem embora em troca de dinheiro.

Além disso, Phulmaya pertence ao povo Tamang, cujas meninas são consideradas bonitas e são presas particularmente populares para os traficantes.

Mãe orgulhosa

A mãe de Dipa nunca foi à escola.

– A educação é a coisa mais importante, diz ela. Estou tão orgulhosa de Dipa se tornar embaixadora dos direitos da criança.

Dipa se sai bem na escola. As disciplinas de que ela mais gosta são ciências naturais e redação. Ela quer ser médica.

– É porque quero ajudar as pessoas, diz ela. No rádio e nos jornais, sempre ouvi sobre o tráfico de pessoas e o trabalho infantil e me sentia muito triste sobre a forma como as crianças são tratadas. Eu queria fazer algo e entrei em contato com a organização Maiti, que treina as embaixadoras dos direitos da

criança juntamente com o Prêmio das Crianças do Mundo.

Alisha, 17, que também é embaixadora dos direitos da criança, foi uma das professoras de Dipa no curso. Ela tinha apenas cinco anos de idade quando foi vendida como escrava doméstica para outra família. Ela não podia

Somente quando Phulmaya terminou todo o trabalho doméstico, ela pode fazer seu dever de casa. Nepalês é sua disciplina favorita.



Quando Phulmaya acende o fogo, a cozinha se enche de fumaça pungente. Não há chaminé.





– As meninas têm o mesmo direito que os meninos de frequentar boas escolas! Mas muitos pais não querem pagar para as meninas, uma vez que elas vão se casar jovens e morar com a família do marido, diz Phulmaya.

ir à escola e foi espancada e abusada, mas conseguiu escapar de lá, quando tinha nove anos de idade.

– O papel de embaixadora dos direitos da criança me mudou muito, e agora tenho uma forte autoconfiança, diz Alisha, que está visitando a aldeia de Dipa e Phulmaya para entregar a Dipa seu diploma de embaixadora dos direitos da criança.

Não espanquem crianças!

Dipa realizará seu primeiro treinamento em direitos da criança. Ela vai falar sobre os direitos da criança para seus colegas de escola. E, depois, ela

vai falar para os professores.

– Estou um pouco nervosa, mas mesmo assim não é tão ruim, diz ela.

Alisha e as outras embaixadoras, que estão visitando a aldeia, ajudam Dipa e garantem que ela está preparada.

Na sala de aula, Dipa explica que não se pode bater em crianças na escola. Alisha fala

sobre o tráfico de seres humanos e como as meninas são abusadas sexualmente e muitas vezes acabam em bordéis. Phulmaya e os outros alunos ouvem com seriedade e atenção.

Quando é a vez dos professores, no período da tarde, é uma situação inusitada e reversa para eles. Nunca antes eles ficaram sentados nos bancos e foram ensinados por crianças. Alguns ficam surpresos ao ouvir que o tráfico de seres humanos acontece em muitos outros países e não apenas no Nepal. Outros comentam erros de ortografia no quadro. 🌐

Dipa, que acaba de concluir seu treinamento como embaixadora dos direitos da criança, deve garantir que nem Phulmaya nem qualquer outra garota na aldeia sejam raptadas por traficantes. Doze mil meninas pobres desaparecem todos os anos no Nepal. Dipa exhibe o seu diploma com orgulho.

As duas embaixadoras dos direitos da criança, Dipa e Alisha, contam a Phulmaya sobre os direitos da criança e os riscos do tráfico de seres humanos. Alisha foi escrava doméstica.





A embaixadora dos direitos da criança Alisha ensina a professores sobre os direitos da criança e direitos das meninas e explica que muitas meninas no Nepal estão expostas ao tráfico de pessoas.



“Mulheres se esgotam, homens tomam chá”

“Aqui na aldeia, as mulheres trabalham duro, enquanto os homens sentam-se e tomam chá. As mulheres são muito discriminadas aqui. Foi interessante ouvir sobre os direitos da criança. Que ambos os sexos são iguais. Nosso governo deveria fazer mais para influenciar os pais. Com mais embaixadoras dos direitos da criança, talvez isso mude. Minha irmã, que tem 12 anos, faz muito do trabalho em casa, mas eu também ajudo. Se uma menina pode lavar pratos, um menino também pode fazê-lo!”.

Santosh 17

“Meninos brincam, meninas fazem o trabalho doméstico”

“Não deve haver qualquer discriminação entre meninos e meninas! E nenhuma criança deve ter seus direitos violados. Não se deve, por exemplo, bater nas crianças, mas sim conversar com elas. Em casa, minhas duas irmãs fazem a maior parte dos trabalhos domésticos, mas eu lavo pratos e busco água. Frequentemente, os meninos correm e brincam enquanto as meninas lavam as roupas e os pratos. E os meninos têm mais roupas do que as meninas. É injusto”.

Biraj, 12



Das embaixadoras para o primeiro-ministro



Educação para um mundo melhor

“Como embaixadora dos direitos da criança, estou concentrada no direito de toda criança à educação, pois isso leva a uma vida melhor. Isso também cria um mundo melhor. Se eu pudesse encontrar o primeiro-ministro, pediria a ele que tornasse a escola obrigatória e gratuita no campo, para que todos tivessem acesso à educação”.

Laxmi, 20



Luta contra o tráfico humano

“Eu lutei pelos direitos da criança e, especialmente, pelas crianças que foram exploradas por traficantes de pessoas. É um problema grave que só cresce, tanto no Nepal quanto em outras partes do mundo. Peço ao primeiro-ministro que ofereça educação e treinamento profissionalizante a pelo menos um membro de cada família, para que possam sustentar a família”.

Poonam 18



Por que o governo não investe?

“Como embaixadora dos direitos da criança, eu gostaria de trabalhar no país para conscientizar todas as crianças sobre os direitos da criança. Gostaria de perguntar ao primeiro-ministro por que nosso governo não está investindo nos direitos da criança”.

Alisha 17

Crianças pobres também são cidadãs

“Eu quero levantar minha voz pelo direito à educação. Todas as crianças devem receber educação gratuita, pois, quando temos educação, podemos ajudar a tornar nosso país melhor. Precisamos de educação gratuita, alimentação e proteção, e a exploração de crianças deve parar. Quero que o primeiro-ministro garanta que todas as crianças, mesmo as mais pobres, sejam registradas como cidadãs”.

Manchala, 15

Prevenir a dominância dos homens

“Como embaixadora do Prêmio das Crianças do Mundo, eu quero prevenir a discriminação contra as mulheres e a dominância dos homens. É possível alcançar isso através da educação”.

Sharmila 15



Nós temos o mesmo valor!

Meus pais amam mais o meu irmão

– Estou sempre cansada e às vezes adormeço na sala de aula, diz Anita. Geralmente, eu durmo apenas cinco horas por noite.

– Se eu fosse um menino, meus pais me amariam tanto quanto amam meu irmão, diz Anita, 15. Eu gostaria de ter as mesmas oportunidades que ele, mas não tenho. Nós, meninas, devemos apenas nos casar e mudar para a casa das famílias dos nossos maridos o mais rapidamente possível.

Toda manhã, o despertador toca às cinco horas. Anita arruma as camas e prepara o chá para a família. Em seguida, ela ajuda seu irmão com o dever de casa e cozinha arroz, lentilhas e legumes. Quando os outros terminam de comer, Anita ajuda o irmão com suas roupas e garante que ele tenha tudo que precisa antes de sair com ele para a escola.

O irmão de Anita faz aulas extras à tarde, e Anita deve buscá-lo após a última aula. Depois, ela prepara a comida, serve seu irmão e o ajuda com seu dever de casa. Ela lava os pratos e limpa a casa e certifica-se de que o irmão mais novo vá para a cama. Quando a mãe chega a casa, às nove horas,

eles comem juntos antes de Anita lavar os pratos e limpar a cozinha novamente. Somente às dez horas da noite ela tem tempo para fazer seu próprio dever de casa e não apaga a luz até por volta da meia-noite.

– Às vezes eu tento fazer meu irmão ajudar em casa, mas ele se recusa. Se eu o repreendo, ele conta à minha mãe e então ela grita comigo.

Anita também sonha ser médica e poder ajudar as crianças pobres. E ela gostaria de construir pequenos hospitais em aldeias pobres.

– Se o meu marido permitir, é claro, diz ela. E se ele não o fizer, eu vou ter que convencê-lo.

“Os mesmos direitos que os meninos!”

“Se eu fosse um menino, poderia fazer o que quisesse. Eu frequentaria uma escola melhor e também não seria provocada e atacada por rapazes insolentes que não têm respeito pelas mulheres. Meu pai tem uma nova esposa e não se importa mais comigo nem com minhas irmãs. Muitas vezes eu choro por isso. As coisas não seriam assim se eu fosse um menino. Nós, meninas, temos os mesmos direitos que os meninos!”.

Sushila, 14



“Meninos acham ofensivo lavar pratos”

“Meu irmão pode frequentar um bom colégio interno em Kathmandu, mas eu tenho que ir à escola da aldeia. Isso é típico. Outra diferença entre meninas e meninos aqui, é que nós, meninas, devemos fazer todo o trabalho doméstico e estudar ao mesmo tempo. Os meninos não o fazem. Muitos ainda pensam que é ofensivo para um homem lavar pratos”.

Pabrita, 15



“Devemos respeitar as meninas”

“Os homens são criados para serem superiores às mulheres, mas eles deveriam se envolver mais para que haja justiça. Temos que respeitar as meninas, e não dizer um monte de coisas feias para elas. Muitas meninas aqui nem sequer frequentam a escola. Na minha família, somos todos iguais e eu e minha irmã nos revezamos nas tarefas domésticas”.

Sabin, 16



“Minha avó não quer que eu ajude minha irmã”

“Minha irmã faz quase todo o trabalho em casa. Ela tem apenas 10 anos e eu sinto muita pena dela. Ela limpa, vai buscar água e cozinha para seis pessoas todos os dias. Minha mãe não está em casa, pois trabalha no Kuwait. Eu tento ajudar minha irmã o quanto posso, mas minha avó diz que eu devo deixar para lá. Que é minha irmã quem deve fazer tudo”.

Suresh, 12



Banda pelos Direitos da

– Há dois anos, formamos uma banda dos direitos da criança na nossa escola, que chamamos de Siyan-goba. Todas as integrantes fizeram treinamento para tornarem-se embaixadoras dos direitos da criança do WCP. Lutamos pela igualdade de direitos das meninas e contra o comércio sexual infantil, diz Amanda, 17, da África do Sul.

Amanda e a maioria das integrantes da banda vivem em Khayelitsha, um subúrbio pobre da Cidade do Cabo.

– Eu sou “nascida livre”. É assim que as pessoas da minha geração são chamadas, pois nascemos depois do fim do apartheid na África do Sul e de Nelson Mandela tornar-se presidente em 1994, diz Amanda.

Difícil para meninas

– Khayelitsha foi criada sob o apartheid quando nós, negros, tínhamos que ficar em lugares horríveis. Hoje Khayelitsha tem um número enorme de desempregados e pessoas muito pobres, que vivem em barracos e precisam caminhar longas distâncias para conseguir água.



Crianças são mais afetadas pela pobreza e pelos crimes que os adultos cometem contra nós. Isso vale principalmente para abusos contra nós, meninas.

– Na época do apartheid, os moradores de Khayelitsha protestavam contra todas as leis que os obrigavam a serem escravos das pessoas brancas. Uma maneira que eles tinham para protestar era queimar pneus nas ruas. No outro dia, quando voltávamos para casa depois do ensaio da banda, as ruas estavam igualmente tomadas por pneus em

chamas em protesto contra a falta de banheiros que funcionem e a eletricidade, que não podemos pagar. A maioria de nós não tem luz quando o sol se põe.

Treina embaixadoras

Amanda participou de um curso em sua escola para se tornar uma embaixadora dos direitos da criança do WCP.

– Desde então, tenho usado minha voz para contar às pessoas na minha escola sobre os direitos da criança e o comércio sexual infantil, onde vivemos. Gosto de usar

minha voz para cantar e contar histórias e sonho de um dia ser jornalista de televisão.

– Inicialmente, quando formamos nossa banda dos direitos da criança, não havia muitas pessoas na escola que nos conheciam, mas agora todos ficam ansiosos para nossas apresentações e querem se juntar à banda.

– Minha mãe morreu quando eu era muito pequena, e não tenho contato com meu pai, então sei o quanto é difícil as meninas se protegerem. Mas ser embaixadora dos direitos da criança faz com

“Um dia, quando voltamos para casa depois do ensaio, as pessoas protestavam da mesma forma como o faziam durante o apartheid, quando havia segregação racial na África do Sul, queimando pneus. Agora o fazem pelo fato de não termos banheiros, água corrente ou eletricidade”.



Criança



Finalmente, é hora de Amanda e suas amigas da banda Siyangoba apresentarem-se durante a cerimônia do WCP no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Aqui, elas cantam Weeping junto com os novos patronos do Prêmio das Crianças do Mundo, Vusi Mahlasela e Loreen.



“Nós, membros da banda e embaixadoras dos direitos da criança, realizamos a Votação Mundial em nossa escola, Chris Hani”.

que eu tenha autoconfiança para me levantar diante de uma plateia e falar sobre o que acredito.

– Agora sou educadora sobre os direitos da criança e, recentemente, organizei um curso para pessoas da minha escola que queriam se tornar embaixadoras dos direitos da criança. Vieram muito mais pessoas do que eu imaginava, e nosso clube dos direitos da criança está crescendo.

Votação Mundial na TV

– Nós, embaixadoras dos direitos da criança, organiza-

mos o Dia da Votação Mundial em nossa escola. Convidamos um jornalista de televisão, que veio com uma equipe. Naquela noite, aparecemos na TV, e milhões de pessoas na África do Sul, pela África e em Londres viram como nós, embaixadoras dos direitos da criança de Khayelitsha, realizamos a Votação Mundial!

– Poder viajar para a Suécia, para conhecer as crianças do júri e Malala, e participar da cerimônia do WCP foi uma experiência incrível para todas nós. 🌐



Loreen e Vusi Mahlasela com a recebedora do WCP, Malala.

Loreen e Vusi são novos patronos

Na cerimônia do WCP os cantores, Loreen, da Suécia, e Vusi Mahlasela, da África do Sul, foram nomeados novos patronos do Prêmio das Crianças do Mundo.

Entre os patronos do WCP, que são Amigos Adultos Honorários, há cinco ganhadores do Prêmio Nobel e as três lendas mundiais Nelson Mandela, Aung San Suu Kyi, da Birmânia, e Xanana Gusmão, do Timor Leste. Os outros patronos são a Rainha Sílvia da Suécia e os líderes mundiais do The Elders, Graça Machel e Desmond Tutu.

Loreen está comprometida com os direitos humanos e Vusi, também conhecido como The Voice, tem uma fundação para dar a crianças desfavorecidas a oportunidade para a educação musical.



Rainha Sílvia da Suécia



Desmond Tutu



Aung San Suu Kyi

A canção de Amanda para Mandela

Durante a cerimônia do WCP, Amanda cantou sua canção para o herói dos direitos da criança e patrono do WCP, Nelson Mandela.

“Eu compus a canção para nosso herói dos direitos da criança, Mandela, para dizer que ainda nos lembramos dele e daquilo que ele representou. Eu a compus porque muitos já esqueceram o que ele disse, e continuam a maltratar as crianças. Em nossa cultura, há uma história sobre como as pessoas que morrem vão para a lua. Minha canção diz:

*Ele que está na Lua
sempre soube o que fazer
Realizou seus planos
Agora ele se foi para sempre
Muitos traem sua memória
Nós o homenageamos com
alegria
Nossos corações se lembram dele
Ainda nos lembramos!”*



Organizem a Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa



– Bem-vindos à conferência das Crianças com a imprensa em Maputo, disse Elisa, 16, ao conduzir a conferência de imprensa em Moçambique junto com Larissa e Yara, e continuou: Aqui é comum que os professores exponham suas alunas a abusos em troca de boas notas e promoção para o próximo ano. Isto tem que acabar!

Você e seus amigos também podem organizar uma Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa.

Apenas crianças podem falar e ser entrevistadas por jornalistas nas conferências de imprensa, que são realizadas simultaneamente por crianças de todo o mundo. Elas acontecem no final do período do programa do WCP, depois de vocês votarem para decidir quem deve receber os prêmios pelos direitos da criança.

Como fazer:

1. Definam a hora e o lugar

Se possível, escolham o edifício mais importante do bairro para a sua conferência de imprensa, para mostrar que os direitos da criança contam! Também é possível fazê-lo na escola. Você encontra a data para sua realização em 2015 no site do Prêmio das Crianças do Mundo.

2. Convidem os meios de comunicação

Convidem, com bastante antecedência, todos os jornais e emissoras de TV e rádio. Escrevam a hora e o lugar cuidadosamente. Usem correio eletrônico, mas também telefo-

– Todo ano, de 10.000 a 20.000 meninas nepalesas são vítimas do tráfico de pessoas. É preciso acabar com isso! disse Poonam na conferência das Crianças com a imprensa em Kathmandu, Nepal.

nem para jornalistas que podem se interessar em comparecer. Lembrem os convidados por telefone ou visita pessoal um dia antes.

3. Preparem-se

Anotem o que vocês vão dizer. Formulem com antecedência o que desejam dizer sobre como os direitos da criança são violados em seu país. Pouco antes da conferência de imprensa, vocês recebem informações secretas do Prêmio das Crianças do Mundo sobre os heróis dos direitos da criança, para revelar na conferência de imprensa.

4. Realizem a conferência de imprensa

Abram com dança e música e contem que outras crianças também estão realizando conferências de imprensa simultaneamente em todo o mundo. Conduzam a conferência de imprensa mais ou menos assim:

- Forneçam dados sobre o Prêmio das Crianças do Mundo e, se possível, exibam um vídeo informativo curto.
- Expliquem como os direitos da criança são violados em seu país.
- Digam a políticos e outros adultos quais são suas exigên-

Em worldschildrenprize.org você encontra:

Folheto informativo sobre os direitos da criança em seu país, dicas sobre como convidar os jornalistas, perguntas para políticos e outras dicas. No site também há fotos para a imprensa, que os jornalistas podem baixar.

Se houver várias escolas que desejam convidar os mesmos meios de comunicação, o ideal é realizar uma conferência de imprensa em conjunto. Um representante de cada escola pode estar na tribuna.

cias em relação aos direitos da criança em seu país.

- Revelem a grande «notícia» do dia sobre os heróis dos direitos da criança.
- Encerrem distribuindo aos jornalistas o comunicado à imprensa e o folheto com dados sobre os direitos da criança em seu país, que o WCP enviará. No comunicado à imprensa vocês devem resumir as informações sobre o WCP, os direitos da criança e os heróis dos direitos da criança! Vocês receberão um exemplo de comunicado à imprensa do WCP.



A cerimônia mundial anual foi realizada no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, na Suécia. Ela foi conduzida pela mestra de cerimônias Emma Mogus, do Canadá, juntamente com outras crianças do júri infantil de 15 países. Elas foram auxiliadas pela Rainha Silvia da Suécia na apresentação dos prêmios.



As crianças do júri Hamoodi Elsalameen, da Palestina, e Netta Alexandri, de Israel, apresentaram os laureados com o prêmio.



Celebramos os direitos da criança!



◀ Malala, do Paquistão, recebeu o *Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2014*, por sua luta pelo direito das meninas à educação.

– O prêmio mostra que as crianças defendem seus direitos. Elas não vão ficar em silêncio, sem terem suas vozes ouvidas... Não podemos tolerar que os direitos da criança sejam violados, disse Malala.



◀ – Para os milhões de crianças que participaram do programa de Prêmio das Crianças do Mundo, eu prometo: Estaremos sempre com vocês em nossa luta comum por um mundo onde os direitos da criança sejam universalmente reconhecidos e respeitados, afirmou o primeiro-ministro sueco Stefan Löfven.

A música de encerramento foi cantada por todos juntos: as crianças do júri, os novos patronos Loreen e Vusi, a banda Siyangoba, da África do Sul, Simon Klang Boerenbeker och Sixten e The Cupcakes.

O *Prêmio Honorário das Crianças do Mundo* foi dividido entre John Wood, da Room to Read, EUA, por sua luta pelos direitos da criança aos livros e à educação e...



... Indira Ranamagar, do Nepal, por sua luta por filhos de prisioneiros. Roshani é uma das crianças que Indira salvou.



THE GLOBE

Globen • Le Globe
El Globo • OGlobo • विश्व



Thanks! Tack! Merci! ¡Gracias! Obrigado! مهرباني! CAM ON
धन्यवाद நன்றி سپاس! شكراً! ขอบคุณ တၢ်ကျး ကျေးဇူး! شكرية!

HRM Queen Silvia | The Swedish Postcode Lottery
Survé Family Foundation | Giving Wings
Futura Foundations | ECPAT Sweden | eWork
Kronprinsessan Margaretas Minnesfond
Grupo Positivo | Sparbanksstiftelsen Rekarne

Helge Ax:son Johnsons Stiftelsen | Altor | Good Motion | Dahlströmska Stiftelsen
Microsoft | Google | Twitch Health Capital | ForeSight Group | PunaMusta | Centas
Dick Kjellberg Montage | Simab-sport | Gothenburg Film Studios | Elsas Skafferi
Gripsholms Slottsforvaltning | BrainHeart | Gripsholms Vårdshus | ICA Torghallen
Skomakargården | Röda Magasinet | Eric Ericsonhallen | Lilla Akademien
All Child Rights Sponsors and Donors

